

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens - PPGEL
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

VOLUME 11 – Junho de 2017
ISSN: 2176-5782



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

REITOR

José Bites de Carvalho

VICE-REITORA

Carla Liane Nascimento Santos

PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO – PROGRAD

Káthia Marise Borges Sales

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO – PPG

Tania Maria Hetkowski

PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO – PROEX

Maria Celeste Souza de Castro

PRÓ-REITORIA DE ADMINISTRAÇÃO – PROAD

Luzinete Gama

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDO DE LINGUAGENS - PPGEL

Profa. Dra. Márcia Rios da Silva

**Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens –
PPGEL**

Profa. Dra. Sayonara Amaral de Oliveira

Coordenadora da Linha de Pesquisa 1: Leitura, Literatura e Identidades

Profa. Dra. Celina Márcia de Souza Abbade

Coordenadora da Linha de Pesquisa 2: Linguagens, Discurso e Sociedade.

REVISTA TABULEIRO DE LETRAS

Editor-Chefe: Prof. Dr. Ricardo Oliveira de Freitas

COMISSÃO EXECUTIVA

Editora de texto: Celina Márcia de Souza Abbade e Sayonara Amaral de Oliveira

Editor de Layout: Ricardo O. de Freitas

Revisor: Reinaldo Alves de Miranda

COMISSÃO EDITORIAL

Adelaide Augusta de Oliveira, Universidade do Estado da Bahia

Celina Márcia Abbade, Universidade do Estado da Bahia

Gilberto Sobral, Universidade do Estado da Bahia

Sayonara Amaral de Oliveira, Universidade do Estado da Bahia

PARECERISTAS Ad Hoc

Prof. Dr. Adeíto Manoel Pinho – Universidade Estadual de Feira de Santana

Profa. Dra. Célia Regina da Silva – Universidade Federal do Sul da Bahia

Prof. Dr. Gilberto Sobral – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rodrigo Oliveira Fonseca – Universidade Federal do Sul da Bahia

Profa. Dra. Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz – Universidade Estadual de Feira de Santana

CONSELHO CONSULTIVO

Prof. Dra. Alana de Oliveira F. El Fahl (UEFS – Universidade Estadual de Feira de Santana)

Prof. Dra. Alba Valéria Silva (UFBA – Universidade Federal da Bahia)

Profa. Dra. Cilza Carla Bignotto (UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto)

Profa. Dra. Denise Zoghbi (UFBA – Universidade Federal da Bahia)

Prof. Dr. Diógenes Cândido de Lima (UESB – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia)

Prof. Dr. Elmo Santos (UFBA – Universidade Federal da Bahia)

Prof. Dra. Enivalda Nunes Freitas Souza (UFU – Universidade Federal de Uberlândia)

Prof. Dr. Helson Flávio da Silva Sobrinho (UFAL – Universidade Federal de Alagoas)

Profa. Dra. Janaína Weissheimer (UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte)
Profa. Dra. Josane Moreira de Oliveira (UEFS – Universidade Estadual de Feira de Santana)
Prof. Dr. José Henrique Santos (UNEB – Universidade do Estado da Bahia)
Profa. Dra. Kênia Maria de Almeida (UFU – Universidade Federal de Uberlândia)
Profa. Dra. Lígia Negri (UFPR – Universidade Federal do Paraná)
Profa. Dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra (UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais)
Profa. Dra. Maria Jose Bocorny Finatto (UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul)
Profa. Dra. Mairim Linck Piva (FURG – Universidade Federal do Rio Grande)
Profa. Dra. Nancy Rita Ferreira Vieira (UFBA – Universidade Federal da Bahia)
Profa. Dra. Nelly Medeiros de Carvalho (UFPE – Universidade Federal de Pernambuco)
Prof. Dra. Regina Kohlrausch – (PUCRS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul)
Profa. Dra. Rejane Vecchia (USP – Universidade de São Paulo)
Profa. Dra. Renata Maria de Souza Nascimento (UNEB – Universidade do Estado da Bahia)
Prof. Dr. Ricardo Postal (UFPE – Universidade Federal de Pernambuco)

**TABULEIRO
DE LETRAS**

VOLUME 11 – Junho de 2017
ISSN: 2176-5782

TABULEIRO DE LETRAS

Prezadxs Leitorxs,

É com enorme satisfação que apresento o novo número da Revista Tabuleiro de Letras, o primeiro do ano de 2017.

Este número traz novidades no que se refere ao reconhecimento de mérito da nossa Revista. Neste primeiro semestre de 2017 a Revista foi integrada a duas importantes bases de indexação, o que confere reconhecimento de mérito, visibilidade, acessibilidade e aval à qualidade dos textos da Revista.

Isso também indica que, na próxima avaliação, a Revista deverá obter melhor classificação, já que cumpre requisito de critério referente ao número mínimo de indexadores para melhor posição em estrato definido pelo Qualis CAPES.

Como já disse em outros números, muitos são os desafios para a produção de uma revista científica. Não poderia enumerá-los aqui. De todo modo, é importante tornar público que alguns desses desafios são vencidos pelos autores, com a submissão de textos relevantes para a nossa área de Letras e Linguística. Por isso, cada número de uma revista científica deve ser bastante comemorado, já que traz consigo, além dos textos, a contribuição de autores para o desenvolvimento de pesquisas e o fortalecimento das discussões acerca de temas de interesse da área – o que significa dizer que isso somente é possível graças à dedicação e esforço por parte de quem a produz: autores, pareceristas e equipe de editoração.

Este número, como disse antes e como os anteriores, reúne artigos que dizem respeito, sobretudo, aos interesses da área de Letras e Linguística, mas não somente. Há artigos que interseccionam discussões de interesse do campo da filosofia, dos estudos de mídia, das teorias do teatro, de gênero, de raça e etnia e outras áreas. Afinal, o nosso interesse é fomentar discussões plenas, porém amplas, contribuindo para o entendimento de uma área mais abrangente, mesmo quando objetivada.

O primeiro artigo, intitulado “Donde está la traducción... a leitura comparada de *Un niño entre hombres y cangrejos e Homens e caranguejos*”, de autoria de Thiago

Azevedo Sá de Oliveira e Sílvio Augusto de Oliveira Holanda, apresenta a leitura comparada do romance de Josué de Castro em suas edições brasileira e espanhola, em cuja análise se busca observar em que medida a tradução atua como prática de realização da obra original, compreendendo a experimentação tradutória do romance como um ato criativo de reescrita.

No segundo artigo, intitulado “Bela, recatada e do lar: um olhar sobre a questão de gênero e seus desdobramentos”, produzido por Bruno Tateishi, o leitor é apresentado à discussão de gênero, tendo como objeto matéria publicada na Revista Veja. Para explicar acerca da leitura dialógica, o autor analisa as relações dialógicas e os desdobramentos estabelecidos por meio da referida matéria, tomando como referencial as Teorias de Gênero e a Análise Dialógica do Discurso.

Joselia Santos da Silva e Maria Neuma Mascarenhas Paes assinam o terceiro artigo, intitulado “Campo versus cidade nos discursos prosaicos de *O Cachorro e o Lobo*, obra de Antônio Torres”. No texto, as autoras analisam as relações e os conflitos entre campo e cidade nos discursos presentes na obra de Antônio Torres. Para tanto, utilizam conceitos fundamentais da Análise do Discurso, voltados para as formações discursivas e ideológicas, e das teorias debruçadas sobre sociedades urbanas, campo e cidade.

“A imagem da sedução: a Apple como símbolo do desejo infanto-juvenil contemporâneo”, de autoria de Heloisa Juncklaus Preis Moraes e Luiza Liene Bressan, é o quarto artigo deste número. No texto, as autoras identificam, com base na vivência e experiência acerca do campo da virtualidade por crianças do Ensino Fundamental, dispositivos tecnológicos como objetos de desejo desses sujeitos. O artigo presta importante contribuição para os estudos sobre consumo, infância e juventude, consumo e identidade.

No quinto artigo, denominado “A figura de retórica Quiasma aplicada à argumentação visual”, de autoria de Laene Mucci Daniel, a autora relaciona a figura de retórica Quiasma ao princípio do design Contraste, defendendo a ideia de que o quiasma não apresenta uma oposição dicotômica que separa os elementos de forma cartesiana. O trabalho se apresenta como importante contributo para os estudos da Retórica da Imagem e da Comunicação Visual.

Em “Minotauros, Labirintos e Teseus no Teatro Burlesco de Antônio José da Silva”, a autora Kenia Maria de Almeida Pereira analisa a peça teatral *O Labirinto de Creta*, no intuito de comprovar a importância do teatro burlesco para o registro dos dramas vivenciados pelo autor, que, por meio de alegorias e de outras formas cifradas,

constrói um teatro político, pautado na denúncia, já que está compromissado com as questões sociais da sua época.

“Memória e identidade na obra *Fim*, de Fernanda Torres” é o sétimo artigo, a partir do qual os autores, Doroteia Carneiro dos Santos e Cláudio do Carmo Gonçalves, discutem memória e identidade, tendo como elemento de análise determinado personagem presente na narrativa.

Em “Ensino-aprendizagem de espanhol como língua estrangeira num cursinho popular voltado para o Enem: contribuições via Linguística Aplicada e Estudos Discursivos”, oitavo artigo, o autor, Carlos Eduardo da Silva Ferreira, faz uma análise do ensino de língua espanhola preparatório para o Exame do ENEM. O texto não somente discute questões teóricas do ensino de língua espanhola, como apresenta resultados de dados obtidos durante o trabalho de campo realizado pelo autor.

O nono artigo, intitulado “O Falar Baiano e o Falar Fluminense a partir dos dados do Projeto ALiB”, de autoria de Leandro Almeida dos Santos, apresenta aspectos acerca da delimitação de áreas dialetais. Para tanto, o autor analisa dados de pesquisa realizada junto a informantes do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). O trabalho contribui para a catalogação da diversidade lexical da língua falada no Brasil e para o mapeamento dos limites dos falares brasileiros.

Em “Pele negra, máscara branca: reflexões sobre *Anjo Negro*, de Nelson Rodrigues”, o décimo e último artigo desse número, o autor, Maycom de Faria, aborda questões sociais e psicológicas enfrentadas por negros, com base nos estudos literários. Para tanto, analisa obra de Nelson Rodrigues em contraponto à análise da condição do negro no período colonial.

Este número conta, ainda, com a publicação de duas resenhas. A primeira, de autoria de Valdemar Valente Júnior, acerca do romance *Os afetos*, de Rodrigo Hasbún. Daiana Nascimento dos Santos assina a segunda resenha acerca do romance *Rosalía, la infame*, de autoria da escritora haitiana Évelyne Troutillot.

Que tenham a melhor leitura!

TABULEIRO DE LETRAS

Donde está la traducción... a leitura comparada de ‘Un niño entre hombres y cangrejos’ e ‘Homens e caranguejos’

Donde está la traducción... Una lectura comparativa de ‘Un niño entre hombres y cangrejos’ y ‘Homens e caranguejos’

Thiago Azevedo Sá de Oliveira (CAPES/UFPA)¹
Sílvio Augusto de Oliveira Holanda (CNPq/UFPA)²

RESUMO: A leitura comparada de *Un niño entre hombres y cangrejos* (1966), edição espanhola do romance *Homens e caranguejos* (1967), de Josué de Castro (1908-1973), reconhece na tradução as apropriações e transposições do processo tradutório do único romance atribuído ao autor pernambucano. A tradução hispânica, de Maria Isabel Martino e Angel Ruiz Camps, expõe o fluxo de circulação internacional do romance josueniano. Nos anos de 1960, período do chamado *boom* latino-americano, a difusão da língua hispânica ensejou a reflexão da escolha pelo idioma castelhano como condicionante de apelo à unidade cultural latino-americana. Em face da aproximação entre *Un niño entre hombres y cangrejos* e *Homens e caranguejos*, neste artigo busca-se observar em que medida a tradução atua como uma, dentre outras práticas, de realização da obra original. Ciente do papel intelectual exercido por Josué de Castro, compreende-se a experimentação tradutória de *Un niño entre hombres y cangrejos* como ato criativo de reescrita, que estimula a sobrevivência interpretativa e leitora do texto (BERMAN, 2013; LEFEVERE, 1992) e a ampliação do espaço recepcional da obra (JAUSS, 1979).

Palavras-chave: Josué de Castro; Recepção; Tradução literária.

RESUMEN: La lectura comparativa de *Un niño entre hombres y cangrejos* (1966), edición española de la novela *Homens e caranguejos* (1967), de Josué de Castro (1908-1973), reconoce en la traducción las apropiaciones, los contrastes y transposiciones que participan en el proceso de la única novela del escritor pernambucano. La traducción hispana, hecha por María Isabel Martino y Angel Ruiz Camps, pone la reflexión a cerca del flujo de la circulación internacional de la ficción josueniana. En la década de 1960, durante el llamado “boom” latinoamericano, la difusión de la lengua hispana ha permitido la reflexión sobre la elección de la lengua castellana como condición para la apelación a la unidad cultural de latinoamerica. Dada la proximidad entre *Un niño entre hombres y cangrejos*, y *Homens e caranguejos*, en este artículo se trata de observar la medida en que la traducción actúa como una, entre otras prácticas, hacia la realización de la obra original. Consciente del papel intelectual que fue desempeñado por Josué de Castro, se puede entender la traslación experimental de *Un niño entre hombres y*

¹ Doutorando em Letras pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Bolsista CAPES. E-mail: prof.thiagoezevedo@gmail.com

² Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo (USP). Docente da Universidade Federal do Pará (UFPA) e bolsista de produtividade do CNPq. E-mail: eellip@hotmail.com

cangrejos como acto creativo de reescritura, que estimula la supervivencia interpretativa y lectora del texto (BERMAN, 2013; LEFEVERE, 1992) y la ampliación del espacio recepcional de la obra (JAUSS, 1979).

Palabras-clave: Josué de Castro. Recepción. Traducción literaria.

Em 1962, ano em que o poeta e diplomata João Cabral de Melo Neto criou a *Revista de Cultura Brasileira*³, editada pela Embaixada do Brasil em Madrid, com objetivo de divulgar a produção cultural brasileira, Josué de Castro, amigo e conterrâneo do autor de *Morte e Vida Severina* (1956)⁴, foi escolhido, em Genebra, como embaixador-chefe do Brasil junto à Organização das Nações Unidas (ONU), tornando-se conhecido pela condução do debate sobre a fome.

Em 1967, posterior à publicação espanhola do romance *Un niño entre hombres y cangrejos* (1966), Castro, que já incluía nessa narrativa versos do poema “o rio”⁵, acresce no prefácio à edição brasileira de *Homens e caranguejos*, um parágrafo, que afiança o “encontro” com Melo Neto. O romancista (leitor) reverencia a importância desse escritor, deixando consignada sua “profunda gratidão pela contribuição que representou na elaboração do livro a leitura das obras de três grandes poetas do Nordeste: Ascenço Ferreira, Joaquim Cardoso e Cabral de Melo Neto” (CASTRO, 1967, p. 25).

Figura 1: (Julho de 1965) – Visita de Josué de Castro à Espanha para lançamento de *Oú en est la révolution en Amérique Latine?*, após debate com Claude Julien, Juan Arcocha e Mario Vargas Llosa

³ “En el mes de junio de 1962 salía a la calle el primer número de una revista [...] Se trataba de la *Revista de Cultura Brasileira*, cuyo promotor en la sombra fue el poeta João Cabral de Melo Neto, entonces en misión consular en España, y cuyo primer director fue el también poeta Ángel Crespo, uno de los mayores brasileñistas que ha tenido nuestro país. Se afirmaba que era preciso ‘crear una publicación que, excediendo al ámbito de lo meramente informativo o noticioso, pusiese al alcance de los estudiosos españoles un compendio, o quizá reflejo, del acontecer cultural brasileño’ MAURA, Antonio. *Centro Cultural do Brasil em Barcelona*, 2015. Disponível em: cbrasilbarcelona.org/noticias/ebook-revista-cultura-brasilena/#more-102.

⁴ Em 2016, *Morte e Vida Severina* completa 60 anos, desde a publicação inaugural, de 1956.

⁵ A epígrafe de “O rio” antecipa a aproximação poética entre o Brasil e a Espanha pela inclusão do verso “Quiero que compongamos io e tú una prosa (Berceo)” (MELO NETO, 1986, p. 273).



Fonte: PERFIS PARLAMENTARES, 2007, p. 251

O silogismo do parágrafo introdutório, que relaciona o papel fundacional de Melo Neto, como entusiasta da cultura brasileira na Espanha, e a atuação de Castro, como um dos intelectuais brasileiros de maior prestígio do século XX, serve como parâmetro contextual da inserção cronológica e cultural do romance *Un niño entre hombres y cangrejos* (1966), na Espanha. A ilustração da visita deste autor à Espanha, para ministrar a conferência “Oú en est la révolution en Amérique Latine?”, impõe à leitura de seu único romance o conhecimento prévio do panorama literário dos anos de 1960.

Sendo o Brasil um dos poucos países da América Latina que não possui o castelhano como língua oficial, o estudo de *Un niño entre hombres y cangrejos* viabiliza refletir sobre a tradução do romance josueniano no contexto de efervescência do movimento literário latino-americano. Na maior parte, formado por escritores cuja língua-mãe era o castelhano, o grupo latino-americano, liderado por Borges, Cortázar, Garcia Márquez e Vargas Llosa, incentivou a integração cultural da região, tornando-a dinâmica ao antes, inquestionável, juízo europeu. Abdala Junior lembra que

Os estudos pautados pelo eurocentrismo desconsideram a potencialidade subjetiva do outro, visto que sempre como objeto e não como sujeito capaz de produzir (e não apenas reproduzir especularmente) o conhecimento. Defendem uma falsa neutralidade de epistêmica, desconsiderando a potencialidade de quem produz conhecimento na periferia, a não ser daqueles que mantêm hábitos de colonizados. Pode-se falar de um mito da objetividade e da cientificidade que esconde o lócus enunciativo de quem fala, tomado em suas dimensões individuais e sociais. Na verdade, essa desconsideração está associada à história do eurocentrismo que vem do processo colonial e que, de várias formas, acaba por exteriorizar ou encobrir uma maneira de pensar o mundo marcado pela discriminação (2012, p. 41).

Ao rechaçar a discriminação eurocêntrica, Abdala Junior não nega, entretanto, a interação brasileira ou latino-americana com a Europa. Contudo, a ênfase de sua análise recai sob o comparatismo prospectivo. Para o crítico, “somos europeizados e aprendemos também com a experiência do outro [...] Em termos de estudos comparados entre nossas literaturas, importa saber o que temos em comum, mas também de diferente” (ABDALA JUNIOR, 2012, p. 26).

Josué de Castro, que transita entre os polos periféricos e hegemônicos como intelectual “nômade”, exilado em Paris, lega à tradução do romance *Un niño entre hombres y cangrejos* a discussão de fronteiras culturais e políticas entre o sistema latino (originalmente, brasileiro) e europeu. Sob a mediação da fome, elemento comum à investigação do cientista e à criação do escritor, Castro revela a expressão estética do subdesenvolvimento. Isto é, do desequilíbrio econômico e social como formador da identidade cultural latino-americana (OLIVEIRA; HOLANDA, 2015).

O modo cumulativo como Castro enxerga a junção entre a ciência e a arte, atrelado à compreensão universal que detém da condição humana, propicia ampla difusão do livro *Geografia da fome* (1946). Traduzido em mais de vinte e cinco idiomas, a obra é dedicada aos escritores Euclides da Cunha, José Américo de Almeida, Rachel de Queiroz e Rodolfo Teófilo, para quem, conforme adverte o autor, constituem-se, difusamente, em “romancistas da fome” e sociólogos da fome” (1946, p. 7).

Ainda no prefácio ao *Geografia da Fome*, Castro refere-se à fome pelo termo *tabu*, expressão cara à teoria psicanalítica de Sigmund Freud, presente em *Totem e Tabu* (1913)⁶. O diálogo josueniano com a teoria freudiana, mais do que revelar fidelidade às teses científicas, endossa marcas discursivas do escritor-médico, profundamente interessado em conhecer o homem pelo viés da ficção. Não se deve olvidar que Freud, munindo-se da leitura de *Édipo-Rei* (2001)⁷, de Sófocles, foi o responsável pela esquematização psicológica do Complexo de Édipo.

Castro recebeu inúmeros prêmios em função de sua obra, entre os quais: o *José Veríssimo* (1946), concedido pela Academia Brasileira de Letras; o *Roosevelt*, da Academia de Ciências Políticas dos Estados Unidos, pelo livro *Geografia da fome* (1952); o *Prêmio Internacional da Paz* (1954), além de uma indicação, em 1963, para o *Nobel da Paz*.

⁶ FREUD, Sigmund. **Totem e tabu**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

⁷ SÓFOCLES. **Édipo Rei**. Trad. Trajano Vieira. São Paulo: Perspectiva, 2001.

O autor iniciou-se na atividade literária em meados da década de 1920, e, além da cartilha poética *A Festa das Letras* (1937/2015)⁸, escrita em coautoria com Cecília Meireles, publicou sete poemas, oito contos e quase noventa ensaios, transmitidos ao público em jornais e revistas brasileiros (SILVA, 2012). A filiação ensaística da obra josueniana jamais perderia de alcance a nítida tonalidade ético-estética que abriria o diálogo para que o cientista expusesse a consciência ontológica do escritor que observa no cotidiano ao qual se integra a denúncia enviesada das mazelas sociais.

La traducción de la novela del hambre y el "boom" de latinoamerica

Se, no século XIX, a ficção realista inclinara-se à tematização social e ao debate sobre o modo como o romance exerceria a tarefa de retratar a realidade e a cultura do homem burguês, a chegada do século XX, marcada pelo advento das inovações modernistas e pela imagem telúrica do regionalismo, traria consigo o uso da oralidade como modalidade que expressaria na linguagem a autonomia da cultura brasileira ante o modelo colonial europeu.

No livro *A Língua do Nordeste* (1934), Mário Marroquim admite para o estudo dialetal do Brasil a hipótese de que, “dentro do próprio seio da língua o dialeto encontrou elementos para se enriquecer. Valendo-se dos mesmos recursos do português, multiplicou o seu léxico por meio da derivação e da composição” (2008, p. 107). Sua análise está amparada pela utilização linguística de fragmentos literários que expõem particularidades da língua do nordeste, como no caso do emprego do advérbio “já”;

O advérbio *já*, em princípio de frase afirmativa, repete-se também no final dela. [...] Analogia com igual construção das frases negativas. “Deu um pulo ali na rua. *Já vem já*”. (José Américo de Almeida – *Bagaceira*, p. 102). “Eu já volto *já, já*.” (José Américo de Almeida – *Bagaceira*, p. 102).

A negativa construída com o advérbio *já* não é conhecida no falar nordestino. Não dizemos *já não quero* e, sim, *não quero mais*. É de uso geral no país, creio eu; já atingiu a literatura e, se não a gramática, os gramáticos, tendo sido empregada essa construção pelo grande mestre João Ribeiro (MARROQUIM, 2008, p. 144-5).

A especulação sobre o uso adverbial denota o acompanhamento temático da língua do nordeste. Em contrapartida, importa ao estudo de *Un niño entre hombres y cangrejos* que se

⁸ CASTRO, Josué de; MEIRELES, Cecília. **A Festa das Letras**. 3. ed. São Paulo: Global, 2015.

tome a análise feita por Marroquim como uma difração, atentando-se para o processo criativo de apropriação da língua. Chega-se ao *corpus* da discussão, isto é, a tradução espanhola do romance josueniano, tendo em vista a leitura da tradução como processo, já que é pela dinâmica tradutória que se somam os estranhamentos culturais da obra e os deslocamentos da ficção entre dois eixos linguísticos.

Maingueneau (1995, p. 28) indica na problematização do discurso literário a hipótese de que o escritor constrói o seu lugar no mundo por meio da “negociação difícil entre o lugar e o não-lugar”. O espaço da criação identitária na língua e na enunciação literária de *Un niño entre hombres y cangrejos*, por aproximação, “parece poder explicar alguns dos aspectos do fazer literário que levam à concretização, na enunciação, do lugar que o escritor pensa para si mesmo no mundo” (GIERING; SEVERO, 2011, p. 288-9).

Em 1º de agosto de 1929, no *Diário da Manhã*, do Recife, Josué de Castro assina o ensaio “Estudos Americanos — Salvador Díaz Mirón ou o Espírito Mexicano (Homenagem ao General Medina Barron)”. À época da morte do poeta mexicano Salvador Díaz Mirón⁹, Castro enfatiza o idealismo revolucionário de Díaz Mirón, como precursor da revolução no México e iniciador do socialismo moderno. Para o então ensaísta, “como vários precursores e revoltados, [Mirón] expiou o perigoso privilégio de viver no futuro” (CASTRO, 1929, s/n).

A exterioridade ensaística da prosa literária, durante o chamado “boom” latino-americano, retoma a discussão realista do século XIX, para distinguir pontos de aproximação e de diferença entre o ensaísta e o moralista. Para o teórico francês Jacques Leenhardt (1984, p. 134) “el ensayista es un moralista, pero tal a aspiración ética del ensayo nunca es lo suficientemente fuerte como para opacar la importancia que tiene la búsqueda de los medios estéticos”. Entre o lugar e o não lugar da enunciação literária, Josué de Castro empenha-se na tradução de um hibridismo cultural¹⁰, que se dá pela mediação ético-estética de sua ficção.

A etimologia do verbo latino *traducere* sugere a tendência processual de movimento. “Traduzir” é aqui entendido como sinônimo de conduzir, transpor, estabelecer pontes culturais e discursivas de uma língua a outra (CHIARELLI, 2011). Em igual perspectiva, Antoine Berman assimila o ato de traduzir como aquele que “remete a qualquer texto gerado por

⁹ “Díaz Mirón, combativo e impulsivo, apresenta uma poesia juvenil impetuosa e sonora, de estrutura vigorosa, à maneira de Hugo e Byron, erguendo-se contra a opressão num anelo de justiça social” (JOZEF, 1989, p. 119).

¹⁰ Por *hibridismo cultural*, delimita-se “um sentido razoavelmente amplo de forma a incluir atitudes, mentalidades e valores e suas expressões, concretizações ou simbolizações em artefatos, práticas e representações” (BURKE, 2003, p. 17).

imitação, paródia, pastiche, adaptação, ou qualquer outra espécie de transformação formal a partir de um outro texto já existente” (BERMAN, 2013, p. 40).

Un niño entre hombres y cangrejos, romance escrito por Josué de Castro durante seu exílio, em Paris, com tradução para o espanhol de Maria Isabel Martino e Angel Ruiz Camps, opera técnica similar ao que se verifica nas respectivas traduções portuguesa e francesa de *O ciclo do caranguejo* e *Des hommes et des crabes*, também de 1966. Indistintamente, as edições estrangeiras respondem pela transposição cultural e pela re(escrita)/manipulação¹¹ discursiva de *Homens e caranguejos*.

Embora se configure como tradução que sucede os volumes português e francês, e que antecede o brasileiro, *Un niño entre hombres y cangrejos*, remete-se como obra original o título de “Homens e carangueijos”. Deixando em segundo plano a grafia inadequada para se referir a “caranguejo”, Martino e Camps aparentemente desconsideram a ordem cronológica das publicações estrangeiras e, na menção a “Homens e carangueijos”, como sendo o “original da obra em português”, insinuam a legítima brasilidade do texto-fonte.

O volume brasileiro de *Homens e caranguejos*, que adquiriu feição romanesca apenas em 1967, já existia como matéria literária, sendo difundido no Brasil desde a década de 1920, pela publicação em periódico dos contos-matriz de: “O ciclo do caranguejo”, “A seca”, “João Paulo”, “A cidade”, “O despertar dos mocambos”, “Ilha do Leite”, “Assistência social” e “Solidariedade humana”. Contos-matriz, pois se constituem em narrativas curtas, que se expandem como esboços da apropriação, em seguida, efetuada na composição hipertextual do romance.

Dos contos ao romance, a tensão que Josué de Castro manifesta sobre a geopolítica literária e social do dito “terceiro mundo” parece materializar-se na prosa humanística de sua autoria. O fluxo de *Homens e caranguejos/Un niño...* convida o leitor latino-americano, sobretudo, o brasileiro, a indagar-se do profundo desconhecimento dos latinos acerca da história e dos valores artístico-culturais da região¹².

¹¹ “(re)escrita é manipulação, realizada a serviço do poder, e em seu aspecto positivo pode ajudar no desenvolvimento de uma literatura e de uma sociedade. As reescritas podem introduzir novos conceitos, novos gêneros, novos recursos, e a história da tradução é também a história da inovação literária, do poder formador de uma cultura sobre outra. Mas a reescrita também pode reprimir a inovação, distorcer e controlar, e em uma época de crescente manipulação de todos os tipos, o estudo dos processos de manipulação da literatura, exemplificado pela tradução, pode nos ajudar a adquirir maior consciência a respeito do mundo em que vivemos” (LEFEVERE, 1992, p. vii).

¹² “Da Europa, conhecem o movimento modernista francês, mas do Brasil ignoram Murilo Mendes, ou que Aluísio de Azevedo “é admiradíssimo na Inglaterra, e que o poeta mexicano Amado Nervo, é lido e conhecido em toda Europa”. Da mesma forma, o México é um país desconhecido dos outros países americanos” (CASTRO, 1929, s/n).

Pela tradução do romance josueniano, o leitor estrangeiro, ainda que ressalve o peso de certo eurocentrismo tradutório, inerente à perspectiva etnocêntrica de traduzir nomes próprios, como o do bairro “Ilha do Leite” / “Isla del leite” (p. 14) e da personagem protagonista (João Paulo), para “Juan Pablo”, testemunha em função do volume espanhol de *Un niño entre hombres y cangrejos* a ampliação do acesso à produção literária de Josué de Castro no “Velho Mundo”. Ao lado das edições portuguesa e francesa de *O ciclo do caranguejo* e de *Des hommes et des crabes*, o volume hispânico realça a percepção do público para o Josué-ficcionista.

Assim como na tradução das demais edições europeias, Martino e Camps repetem na utilização do grifo em itálico a ocorrência de vocábulos pertencentes ao sistema brasileiro, a exemplo de “farofa” (p. 13), “macaxeira” (p. 89) e “guaiamus” (p. 203). Com isso, os tradutores, também como leitores, exercem a tarefa hermenêutica de diferenciar os modos de recepção. De um lado, aclaram o “processo em que vigoram o efeito e o significado para o leitor atual e, de outro, reconstroem o processo histórico pelo qual o texto é sempre recebido e interpretado diferentemente, por leitores de tempos diversos” (JAUSS, 1979, p. 46).

Durante o ano de 1968, Raymond Cantel (1914-1986) apresentou a conferência “La persistencia de los temas medievales de Europa en la literatura popular del nordeste brasileño”, no *III Congreso de la Asociación Internacional de Hispanistas*, realizado no México. Na explanação, Cantel localiza nas obras de três escritores, dentre elas, o romance de Josué de Castro, a tradução cultural das antigas histórias medievais europeias.

Se conoce bastante bien la historia de dicho libro (*Historia do Imperador Carlos Magno e dos doze Pares de França, traducida de lo castelhano por Jerónimo Moreira de Carvalho*)...nació en Francia, viajó por España y Portugal hasta abordar finalmente a las tierras americanas. [...] Actualmente podemos observar en obras de escritores tan diferentes como Lins do Rego, Josué de Castro y Gerardo Mello Mourão indicaciones que muestran la influencia profunda y permanente de la vieja historia medieval. (CANTEL, 1968, p. 175).

Redigido em castelhano, o texto acerca da persistência dos temas medievais na literatura brasileira não se baseia na tradução hispânica da prosa de Josué de Castro, mas na edição francesa, cuja nacionalidade se estende a seu idealizador. Para Cantel, a ficção josueniana aproveita-se da influência das aventuras dos heróis da França, presentes na história do imperador Carlos Magno, “como parte integrante del universo espiritual nordestino, presentes en los cuentos para niños y para adultos mencionados por Josué de Castro” (1968, p. 176-7).

A análise do crítico francês permitiu compreender *o modus operandi* da tradução de *Un niño entre hombres y cangrejos*, na manipulação dos temas medievais e no trânsito das expressões orais da cultura ibero-americana. A transposição das histórias para o universo ficcional identifica a atribuição da romanesca josueniana como tradução cultural, pois “a tradução entre línguas [se dá] no contexto da tradução entre culturas” (BURKE; HSIA, 2009, p. 13).

Pela inclusão de lendas ao texto, utilizadas a fim de situar algumas das danças populares do nordeste brasileiro, a convergência cultural entre *Un niño entre hombres y cangrejos* e *Homens e caranguejos*, ao passo que reconhece a autonomia brasileira, revela a tendência homogeneizante da tradição europeia. A edição hispânica, assim como as edições portuguesa e francesa, alude à tensão tradutória, acrescentando aos vocábulos das danças do “pastoril”, do “maracatu” e do “bumba-meu-boi”, notas explicativas de “(danzas populares); (danzas africanas); (representación folklórica)” (CASTRO, 1966, p. 128.9).

A recriação hispânica do romance converge para a legitimidade popular e oral do texto-fonte. O imaginário das feiras do nordeste brasileiro, local que abriga a exposição artística das referidas danças, de violeiros, repentistas e vendedores de folhetos de cordel, condensa a alteridade política da obra. A leitura comparada do romance josueniano propicia que a tradução seja encarada como procedimento análogo de realização da obra original (CARVALHAL, 2003).

Conclusão

A tradução de *Un niño entre hombres y cangrejos* ainda carece de substância crítica, que sustente a capacidade recente de interação da obra com o leitor brasileiro, espanhol e latino, atuais. O distanciamento temporal dos exatos 50 anos da publicação que persiste como a única em língua hispânica não inibe, contudo, que novas recepções sejam (re)adequadas ao debate histórico de formação e consolidação da produção literária latino-americana.

A discussão sobre o processo tradutório implica na diversificação compositiva do romance josueniano. Cabe considerá-lo em meio à dinamicidade da obra que, mesmo situada entre fronteiras culturais, linguísticas, não se desvincula da origem, como referente. A imagem dos mangues do Recife e das histórias de fome está para além do tematismo exótico da aspiração realista e regional. Na análise mais profunda das entrelinhas da tradução, assiste-se ao curso do processo tradutório e à ressignificação da autonomia política e discursiva da referida ficção.

É fato que o médico e escritor Josué de Castro compreendia como poucos a questão da fome. Há que se fazer jus a esse intelectual, cercando agora a leitura de sua produção ficcional. Deve-se retornar a ela, explorando nos vazios da interpretação o acúmulo do leitor e suas possíveis reelaborações crítica. A comparação entre *Un niño entre hombres y cangrejos* e *Homens e caranguejos* corresponde à provocação de dar início à trajetória, percorrendo e investigando “Donde está la traducción...”

Referências

ABDALA JUNIOR. **Literatura Comparada e Relações Comunitárias, hoje**. São Paulo: Ateliê, 2012.

BERMAN, Antoine. **A Tradução e a Letra ou o Albergue do Longínquo**. Trad. Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan, Andreia Guerini. 2. ed. Tubarão: Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2013.

BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural**. Trad. Sergio Goes de Paula. 2. ed. São Leopoldo: Editora da UNISINOS, 2003.

BURKE, Peter; HSIA, Ronnie Po-chia. *A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna*. Trad. Roger Maioli dos Santos. São Paulo: UNESP, 2009.

CANTEL, Raymond. La persistencia de los temas medievales de Europa en la literatura popular del nordeste brasileño. In: **Actas del III Congreso de la Asociación Internacional de Hispanistas**. México, 1968. Disponível em: www.cvc.cervantes.es/literatura/aih/pdf/03/aih_03_1_021.pdf.

CARVALHAL. Tania Franco. **O Próprio e o Alheio: ensaios de literatura comparada**. São Leopoldo: UNISINOS, 2003.

CASTRO, Josué de. *Geografia da fome: a fome no Brasil*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1946.

_____. **Des Hommes et des Crabes**. Trad. Christiane Privat. Paris: Seuil, 1966.

_____. **Homens e Caranguejos**. São Paulo: Brasiliense, 1967.

_____. **O Ciclo do Caranguejo**. Trad. Mário Alves Porto: Brasília, 1966.

_____. **Un Niño entre Hombres y Cangrejos**. Trad. Maria Isabel Martino e Angel Ruiz Camps. Madrid: Cid Ediciones, 1966.

_____. Estudos Americanos: Salvador Díaz Miron ou o Espírito Mexicano — Homenagem ao General Medina Barron. **Diário da Manhã**, Recife. 1 de ago. 1929.

CHIARELLI, Stefania. A letra no passaporte: fronteiras e paisagens. ALENCAR, Ana Maria Amorim de; LEAL, Izabela; MEIRA, Caio (Orgs.). **Tradução Literária: a vertigem do próximo**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2011.

GIERING, Maria Eduarda; SEVERO, Renata Trindade. Língua e literatura: espaços de criações identitárias. **Desenredo**, v. 7, 2011, p. 288-311.

JAUSS, Hans Robert. A estética da recepção: colocações gerais. In: **A Literatura e o Leitor: textos de estética da recepção**. Trad. Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 43-61.

JOZEF, Bella. **História da Literatura Hispano-americana**. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

LEENHARDT, JACQUEZ. La estructura ensayística de la novela latinoamericana. RAMA, Angel (Org.). **Más allá del Boom: literatura y mercado**. Buenos Aires: Fólíos Ediciones, 1984. LEFEVERE, André. **Translation, Rewriting and the Manipulation of Literary Fame**. London/New York: Routledge, 1992.

MAINGUENEAU, Dominique. **O Contexto da Obra Literária**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

MARROQUIM, Mário. **A Língua do Nordeste: Alagoas e Pernambuco**. 4. ed. Maceió: EdUFAL, 2008.

MELO NETO, João Cabral de. **Poesias Completas: 1940-1965**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

OLIVEIRA, Thiago; HOLANDA, Sílvio. Uma literatura latino-americana é possível: o lugar do subdesenvolvimento na obra de Josué de Castro. In: **Anais da VIII Jornada de Pós-Graduação da Faculdade Integrada Brasil-Amazônia**. Belém: set. 26, 2015. Disponível em: fibrapara.edu.br/site/noticias/708-anais-da-viii-jornada-de-pos-graduacao.

PERFIS PARLAMENTARES. MELO, Marcelo Mario de; NEVES, Teresa Cristina Wanderley (Orgs.). Brasília: Câmara dos Deputados, 2007.

SILVA, Tânia Elias Magno da. Bibliografia específica. Escritos de Josué de Castro. _____. **Josué de Castro** (Coleção Memória do Saber). Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2012.

Recebido em: 15 de fevereiro de 2017.

Aceito em: 12 de maio de 2017.

TABULEIRO DE LETRAS

“Bela, recatada e do lar”: Um olhar sobre a questão de gênero e seus desdobramentos.

“Bela, recatada e do lar”: A view of the issue of gender and its unfolding.

Bruno Tateishi¹

RESUMO: O objetivo geral deste artigo é discutir a questão de gênero por meio da matéria *Bela, Recatada e do “Lar”*, de Juliana Linhares, publicada na seção intitulada “Como será”, em 18 de abril de 2016, pela Revista *Veja*. Apesar de o *corpus* central de análise ser o texto de Juliana Linhares, também nos propomos a analisar as relações dialógicas que podem ser estabelecidas por meio dessa matéria, explorando alguns de seus desdobramentos. A análise está embasada nas discussões elaboradas por Bernice E. Lott sobre a questão de gênero em seu ensaio intitulado *Gender*, parte da obra *Multiculturalism and Diversity: a social psychological perspective*, e na Análise Dialógica do Discurso (ADD), que possibilita uma leitura dialógica, centrada nos conceitos desenvolvidos por Bakhtin e o Círculo, dos textos verbo-visuais selecionados.

Palavras-chave: Análise Dialógica do Discurso; Gênero; Impeachment; Revista *Veja*.

ABSTRACT: This article aims to discuss the issue of *gender* through an article *Bela, Recatada e do “lar”* by Juliana Linhares, published on April 18, 2016 by Magazine *Veja*. Although the central *corpus* of the analysis is the article of Juliana Linhares, we also propose to analyze the dialogical relations that can be established through this article, exploring some of its unfolding. The analysis will be based on the arguments elaborated by Bernice E. Lott on the question of gender in her essay *Gender*, part of the work *Multiculturalism and diversity: A social psychological perspective* and by the Dialogical Analysis of the Discourse (ADD), that allows a dialogic reading, centered on the concepts developed by Bakhtin and the Circle, of the selected verbal-visual texts.

Keywords: Dialogical Analysis of Discourse; Genre; Impeachment; Magazine *Veja*.

1 Introdução

O ano de 2016 marcou o início de uma grave crise na política brasileira, culminando com a abertura do processo de *impeachment* que visava destituir Dilma Rousseff de seu cargo de Presidente da República. Em meio a escândalos, manifestações e “panelaços”, o Senado

¹ Doutorando em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), sob orientação da Profa. Dra. Beth Brait. Membro do GP/CNPq/PUC-SP Linguagem, identidade e memória e bolsista de doutorado da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES, PROSUP). E-mail para contato: brunot.23@hotmail.com.

aprovou, no dia 11 de maio de 2016, por 55 votos a 22, que se instaurasse o processo de *impeachment* e que a presidente fosse afastada por até 180 dias², estando o vice-presidente Michel Temer no seu lugar durante esse tempo, como presidente interino.

Em meio a toda essa efervescência política, muito se especulou sobre o possível futuro presidente do Brasil, Michel Temer. Diversos meios de comunicação divulgaram uma biografia do advogado, explorando sua trajetória política e suas relações familiares, além de expor o possível plano de governo que entraria em vigor após sua posse. Dentre os fatos que mais atraíram a atenção da mídia e do público foi o seu casamento com Marcela Temer, também formada em Direito, 43 anos mais jovem que o atual presidente interino.

Nessa perspectiva, uma grande polêmica se originou a partir de uma matéria publicada pela Revista *Veja*, em abril de 2016, que tinha como foco destacar a imagem de Marcela. A matéria, um texto verbo-visual intitulado “*Bela, recatada e ‘do lar’*”, destacava as qualidades de Marcela como esposa, mãe e dona de casa. O artigo acabou “viralizando” nas redes sociais, gerando críticas de inúmeros internautas que acusavam o texto de machista e de enaltecer a imagem da “mulher objeto”.

Considerando o que foi exposto, o presente artigo tem o objetivo geral de trazer à discussão a temática do gênero, a partir do texto que compõe a matéria denominada “*Bela, Recatada e do ‘Lar’*”, produzida por Juliana Linhares para a seção intitulada “Como será”, cuja publicação ocorreu em 18 de abril de 2016, pela Revista *Veja*. Ainda que o *corpus* central de análise seja a matéria de Juliana Linhares, a proposta de análise aqui se estende para as relações dialógicas que podem ser estabelecidas por intermédio da referida matéria, explorando alguns de seus desdobramentos. Dessa forma, selecionamos outras duas publicações que dialogam com o artigo da Revista *Veja*: o “guia da boa esposa” da revista *Housekeeping Monthly* (1955), recuperado pelo site da TNM³ e trazido na seção *Humor*; e a capa da revista *ISTOÉ*, de 6 de abril de 2016, centrada na face de Dilma Rousseff. Ressaltamos que as relações dialógicas apontadas são apenas algumas das várias que poderiam ocorrer na interação com diferentes leitores.

Para fundamentar a análise, retomamos as discussões suscitadas por Bernice E. Lott sobre a questão de gênero em seu ensaio intitulado *Gender*, que integra a obra *Multiculturalism*

² A presidente Dilma Rousseff foi definitivamente cassada em 31 de agosto de 2016, sendo afastada do cargo, porém sem perder o direito de ocupar cargos públicos. A partir dessa data, Michel Temer se tornou oficialmente Presidente da República, e sua esposa, Marcela Temer, primeira-dama.

³ Disponível em: <http://todosnegrosdomundo.com.br/bela-recatada-e-do-lar-este-guia-de-1950-da-18-dicas-para-mulheres-serem-boas-esposas>.

and Diversity: a social psychological perspective e também nos ancoramos na Análise Dialógica do Discurso (ADD), que promove uma leitura dialógica, centrada nos conceitos desenvolvidos por Bakhtin e o Círculo, dos textos verbo-visuais selecionados. Na seção dedicada à ADD, recorreremos também a textos de comentadores que se debruçaram sobre a teoria bakhtiniana, a exemplo de Brait (2009, 2010, 2013), Campos (2012), Cunha (2009), Marchezan (2010) e Stella (2007).

Finalmente, justificamos a escolha do artigo de Juliana Linhares para *corpus* central da nossa análise pela sua presença em uma revista de grande circulação e de alta popularidade entre o público. Há ainda a questão política que permeia o artigo, o qual se evidencia em função da necessidade de se conhecer mais profundamente (e, por isso, enaltecer) a figura do então provável futuro presidente do Brasil, Michel Temer.

2 “Bela, recatada e “do lar””: uma análise dialógica do discurso.

Os estudos desenvolvidos por Bakhtin e o seu Círculo, cujo projeto teórico abordou temas que vão desde questões filosóficas profundas (como pode ser comprovado, principalmente, em *Para uma filosofia do ato*, publicado na Rússia em 1986) até a construção de uma sólida teoria que mudou os rumos dos estudos da linguagem. Ainda que não tenha se proposto a elaborar uma Análise do Discurso propriamente dita, como bem apontado por Brait (2010), Bakhtin, ao dialogar com as principais correntes linguísticas e literárias de sua época, lançou as bases principais do que pode ser chamado de uma Análise Dialógica do Discurso (ADD), uma forma inédita de se pensar o enunciado de forma concreta, ou seja, indo além de sua materialidade linguística e considerando seu contexto de produção, circulação e recepção.

É justamente essa relação com o contexto extralinguístico do enunciado que mais nos interessa. De acordo com Brait (2010, p. 10), “esse embasamento constitutivo diz respeito a uma concepção de linguagem, de construção e produção de sentidos necessariamente apoiados nas relações discursivas empreendidas por sujeitos historicamente situados”. Dessa forma, ao propormos uma leitura do artigo de Juliana Linhares, deveremos considerar a qual contexto imediato de produção, circulação e recepção ele está vinculado e quais os seus possíveis interlocutores. Seria possível desvincular o artigo do atual contexto político brasileiro, marcado por um possível fim da era petista e da ascensão de Michel Temer?

Ao refletir sobre esse questionamento e considerando que os discursos com os quais nos deparamos diariamente estão na “na boca” de indivíduos situados sócio, cultural e historicamente, esses enunciados nunca estarão isentos de um juízo de valor, de uma intenção dos sujeitos que os enunciam. A palavra, de acordo com uma visão bakhtiniana, é um dado vivo, ou, de acordo com Stella (2007, p. 178), “um elemento de feitura ideológica”. Nessa perspectiva, entendemos que “toda palavra que se lê, que se escreve, que se escuta é um objeto saturado de intenções multifacetadas, mas não é um dado morto, virgem, à espera de alguém” (CAMPOS, 2012, p. 122). Cada palavra dita é capaz de refletir e refratar realidades diversas. Quando nos deparamos com os discursos que circulam na mídia, vemos que cada meio de comunicação utiliza diferentes veículos e distintas linguagens com o objetivo de difundir os acontecimentos mais significativos para determinada sociedade. No Brasil, em se tratando especificamente da questão do *impeachment*, vemos que os meios de comunicação (jornais, redes sociais, televisão etc.), apesar de uma aparente imparcialidade, se posicionam contra ou a favor da permanência de Dilma Rousseff no poder, usando informações e argumentos que a apoiam ou a desestabilizam.

Ainda tratando da palavra como elemento de feitura ideológica, Cunha (2012, p. 28) expõe que “usada numa enunciação, a palavra é carregada de conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial, tem um sentido, acompanhado por um acento de valor ou apreciativo”. Quando voltamos nosso olhar para os discursos que circulam na mídia, nos deparamos com discursos de grande poder persuasivo e de forte apelo popular. Como já dissemos no parágrafo anterior, os discursos da mídia, sendo formadores de opinião, nunca estarão isentos de um acento valorativo. Nenhuma palavra dita estará lá por mero acaso. Sempre haverá uma intenção por trás de cada discurso proferido.

Considerando as questões acima discutidas, é imprescindível apontar um dos aspectos fundamentais da perspectiva bakhtiniana sobre a linguagem humana: o seu caráter dialógico. Se considerarmos, como já exposto, que os enunciados por nós produzidos se constituem como dados vivos, e não estanques, é preciso entender que eles não se encontram isolados no tempo e no espaço; eles dialogam/respondem a enunciados construídos anteriormente e pressupõem uma resposta, uma possível posição axiológica de outro indivíduo constituído socialmente. De acordo com Bakhtin:

Por sua precisão e simplicidade, o diálogo é a forma clássica de comunicação discursiva. Cada réplica, por mais breve e fragmentária que seja, possui uma

conclusibilidade específica ao exprimir certa posição do falante que suscita resposta, em relação à qual se pode assumir uma posição responsiva. (BAKHTIN, 2011, p. 275)

As palavras de Bakhtin destacadas acima exigem uma definição de diálogo que vai além daquela que o designa como uma comunicação “face a face” entre duas pessoas em uma determinada situação de interação. Nas palavras de Marchezan (2010, p. 117), o enunciado “apresenta-se de maneira acabada permitindo/provocando, como resposta o enunciado do outro; a réplica, no entanto, é apenas relativamente acabada, parte que é de uma temporalidade mais extensa, de um diálogo social mais amplo e dinâmico”. A pesquisadora acrescenta, ainda sobre essa questão:

A palavra diálogo, ao contrário, é bem entendida, no contexto bakhtiniano, como reação do eu ao outro, “como reação da palavra à palavra de outrem”, como ponto de tensão entre o eu e o outro, entre círculos de valores, entre forças sociais. A essa perspectiva, interessa não a palavra passiva ou solitária, mas a palavra na atuação complexa e heterogênea dos sujeitos sociais, vinculada a situações, a falas passadas e antecipadas. (MARCHEZAN, 2010, p. 123).

Diante dos pressupostos aqui apontados e levando em conta o que foi exposto, tentaremos analisar, na próxima seção, algumas das relações dialógicas estabelecidas por meio do texto da jornalista Juliana Linhares, delineando de que maneira essas relações são capazes de aprofundar nossa discussão acerca do gênero e, sobretudo, de que forma revela o teor fortemente político presente no artigo da Veja.

3 “Bela, recatada e “do lar””: um olhar sobre a questão de gênero e seus desdobramentos.

Situado em um contexto norte-americano, o ensaio de Bernice E. Lott, selecionado para discutir o artigo *Gender*, da Revista Veja, se propõe a refletir sobre a questão de gênero, mulher e homem, expondo, por meio de exemplos concretos, as diferenças existentes entre os sexos. Para a teórica, a identidade de gênero não é construída individualmente, mas sim socialmente. A construção de cada identidade individual sempre deverá passar por um índice de valor social (BAKHTIN/ VOLOCHÍNOV, 2006). Esse termo, trazido aqui por nós e extraído da teoria bakhtiniana, indica que a ideia de valor está fortemente ligada à questão sociológica trabalhada por Bakhtin e o Círculo, evidenciando que o valor é construído em sociedade e difundido por

seus membros, variando de acordo com cada grupo social. Confirma-se, pois, a ideia explorada na seção anterior, de que todos nós somos indivíduos organizados socialmente e, portanto, somos enformados pelos discursos que nos atravessam diariamente e constroem o nosso perfil ético-cognitivo. De acordo com Lott:

A identificação sexual no nascimento, “é um menino” ou “é uma menina”, parece ser universal em todo o mundo e é certamente assim nos Estados Unidos. Que este reconhecimento da categoria sexual de um bebê é mantido ao longo da vida através do desenvolvimento contínuo de gênero, isto é, por meio de prescrições e proscições construídas socialmente com respeito ao comportamento, expectativas e ambientes, é um fenômeno empírico extremamente bem estabelecido. [...] Os comportamentos diferenciais que aprendemos como sendo apropriados para as meninas / mulheres e meninos / homens em uma dada sociedade e período histórico constituem os papéis identificados com o sexo. (2010, p. 49) (Tradução nossa).⁴

Podemos afirmar que a mídia é um dos muitos instrumentos sociais utilizados para divulgar e perpetuar ideologias. O cinema, por exemplo, muitas vezes construiu imagens estereotipadas da mulher: em comédias românticas há sempre a personagem de uma mulher bem-sucedida que, apesar de possuir grande destaque profissional, sente-se infeliz em sua vida sentimental e se vê quase obrigada a abandonar sua carreira em nome de um grande amor. Uma das atrizes mais célebres da história do cinema, Marilyn Monroe, obteve projeção e fama por meio de personagens de mulheres fatais, de pouca inteligência e de forte apelo sexual. É comum associar seus personagens à popular imagem da “loira burra”. Em *O pecado mora ao lado* (*The seven year itch*), filme americano de 1955 dirigido por Billy Wilder, a personagem de Monroe nem sequer possui um nome; durante todo o longo ela é referida como sendo *A garota* (*The girl*). Dessa forma, reduz-se a personagem a uma mera representação da mulher sedutora que atrai o homem casado e põe em jogo seu casamento. Seu contorno é superficial, sem qualquer traço forte de personalidade.

⁴ “Sexual identification at birth, “it’s a boy” or “it’s a girl,” appears to be universal across the globe and is certainly so in the United States. That this recognition of a baby’s sexual category is followed immediately and throughout life by the continuing development of gender, that is, socially constructed prescriptions and proscriptions with respect to behavior, expectations, and environments, is an exceedingly well-established empirical phenomenon. [...]The differential behaviors we learn as appropriate for girls/women and for boys/men in a given society and historical period constitute the roles identified with sex” (LOTT, 2010, p. 49).

O título da matéria de Juliana Linhares, escolhida como *corpus* principal deste artigo, cuja primeira página encontra-se abaixo, já evidencia os traços de Marcela que serão destacados: sua beleza, seu recato e sua dedicação ao lar (no caso, marido e filhos). É preciso deixar claro que a presença da expressão “do lar” entre aspas, nesse caso, não evidencia um tom irônico; a ideia construída pela jornalista não é de que Marcela seria uma tradicional dona de casa, mas de que a esposa de Temer não possui uma atividade profissional, dedicando-se à administração dos afazeres domésticos, ao cuidado com o filho e a acompanhá-lo em sua vida política.

Figura 1: Foto da primeira página da matéria feita pela Revista VEJA sobre Marcela Temer.



Fonte: Disponível em:
<http://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>

Para abordar com profundidade o artigo selecionado, é vital evidenciarmos a sua dimensão “verbo-visual”. De acordo com Brait (2009, p. 143), “em determinados textos ou conjuntos de textos, artísticos ou não, a articulação entre os elementos verbais e visuais forma um todo indissolúvel, cuja unidade exige do analista o reconhecimento dessa particularidade”.

Brait (2013), recorrendo a vários textos de Bakhtin e do Círculo, justifica a análise verbo-visual sob uma ótica bakhtiniana, alegando que esses estudos “constituem contribuições para uma teoria da linguagem em geral e não somente para uma teoria da linguagem verbal, quer oral ou escrita” (2013, p. 44). Considerando esse diálogo entre verbal e visual, o artigo aqui analisado ganha força por meio de uma foto de Marcela Temer, tirada em um restaurante de luxo. A foto, apesar de parecer meramente ilustrativa, nos passa a imagem que a revista quer que seus leitores façam da esposa de Michel Temer: uma mulher bela, cabelos louros e presos, maquiagem leve em um rosto levemente inclinado para a esquerda, um vestido com estampa florida cobrindo o busto, e um xale cobrindo os braços. Aparência delicada, nada provocativa, mas que não deixa de acentuar a beleza da primeira-dama.

Não podemos deixar de mencionar, também, a presença de uma legenda, “a qual participa da produção de sentidos, sinalizando a maneira como o leitor deverá compreender essa foto” (BRAIT, 2009, pp. 143-144). No caso da foto de Marcela, podemos identificar a seguinte legenda: “A “MAR” DO “MI”. Marcela, mulher do vice, Michel Temer: jantares românticos e apelidos carinhosos”. Essa legenda explicita o contexto no qual a foto foi tirada: um jantar romântico. E, mais do que isso, define uma atividade típica de casais, um momento romântico que exclui qualquer atividade de caráter profissional. Há ainda a menção de “apelidos carinhosos”, cuja construção sintática no discurso, como veremos adiante, acaba revelando muito mais do que um simples gesto amoroso.

Voltando nossa atenção para o título (Bela, recatada e “do lar”), valemo-nos da seguinte citação de Lott (2010, p. 54), para tentar refletir sobre ele: “[...] ainda hoje, espera-se que as meninas de todas as categorias sociais se interessem por bebês, desenvolvam habilidades verbais e sejam mais educadas, quietas e disciplinadas que os meninos”⁵. Tal afirmação de Lott pode explicar a escolha do título e duas qualidades de Marcela nele destacadas: o recato e a dedicação ao lar. De acordo com a teórica, ainda hoje impera a ideia de que as mulheres são, desde cedo, direcionadas para cuidar dos filhos, ser a figura que expressa afeto e, sobretudo, servir de apoio ao marido, a figura do provedor. Se olharmos com atenção na imagem destacada anteriormente, notamos que, ao lado da foto de Marcela, encontra-se em destaque a seguinte frase: “A “Mar” do “Mi””. Ainda que tente evidenciar uma relação de carinho entre os dois, o enunciado indicada uma relação de posse, onde “Mar” (Marcela) pertence a “Mi” (Michel).

⁵ “[...] even today, girls across social categories are expected to be interested in babies, to develop verbal skills, and be more nurturing, quieter, and more disciplined than boys” (LOTT, 2010, p. 54).

Nesse caso, vemos claramente a palavra em uma de suas feições ideológicas: ao tentar evidenciar uma relação de carinho entre marido e mulher, acaba revelando, pela simples posição das palavras, uma relação de posse de uma mulher em relação a um homem. Não vemos, por exemplo, uma oração construída da seguinte forma: “O ”Mi” da “Mar””.

Ainda de acordo com a afirmação de Lott, observamos que a mulher é sempre orientada a ser mais resguardada e disciplinada que os homens. Além do adjetivo que caracteriza essa face de Marcela, “recatada”, observamos o contraste feito entre a vida amorosa de Marcela e a de Michel Temer. Conforme podemos ler, logo no primeiro parágrafo da matéria, quando os dois se conheceram, “o vice, então com 62, estava no quinto mandato como deputado federal e foi *o seu primeiro namorado*”; já Temer, como vemos no parágrafo seguinte, “tem outros quatro [filhos] de relacionamentos anteriores”. O epíteto atribuído a Michel Temer (“seu primeiro namorado”) evidencia a virtude da mulher, no caso sua esposa, que se entrega e dedica somente a um único homem durante toda sua vida, que, por sua vez, é livre para ter outros relacionamentos. A oração nos permite, mais uma vez, inferir que um simples epíteto não se encontra isento de um acento valorativo, expondo as diferenças de poder existentes entre os gêneros.

Essa reflexão sobre as diferenças que há nos perfis de Michel e Marcela pode ser explicada por meio de Lott, que expõe as diferenças de poder existente entre os gêneros; na citação transcrita a seguir, Lott observa que o homem, ao contrário da mulher, é orientado a ser independente e dominador, evitar a demonstração excessiva de afetividade e ser sexualmente agressivo:

Embora a mudança continue a ocorrer (em diferentes taxas e comunidades), pontos de vista tradicionais sobre o que são os homens “de verdade” ainda são transmitidos através das gerações. Os homens de verdade devem ser relutantes em procurar ajuda, evitar expressar emoções, estar dispostos a se envolver em comportamentos de risco e comportamentos sexuais agressivos, ser dominantes, independentes, competitivos, orientados para metas, fisicamente fortes, fortemente focados no sucesso do trabalho, racionais e heterossexuais. (2010, p. 54) (Tradução nossa).⁶

⁶ “While change continues to occur (at different rates in different communities), traditional views of what “real” men are like are still transmitted across generations. Real men are supposed to be reluctant to seek help, to avoid expressing emotion, to be willing to engage in risky behavior and aggressive sexual behaviors, to be dominant, independent, competitive, goal oriented, physically strong, heavily focused on occupational success, rational and heterosexual”. (LOTT, 2010, p. 54).

No terceiro parágrafo da matéria dedicada à esposa de Temer, somos apresentados à breve carreira profissional de Marcela, que é formada em Direito, mas nunca chegou a exercer a profissão. Por ter abandonado a carreira de advogada, o papel de Marcela se reduz a ser “uma *vice-primeira-dama do lar*”. Seus dias consistem em levar e trazer Michelzinho da escola, cuidar da casa, em São Paulo, e um pouco dela mesma (nas últimas três semanas, foi duas vezes à dermatologista tratar da pele)”. Aqui, encontramos a imagem da mulher que abandona sua carreira para dar assistência ao marido, aos filhos e ao lar. Nessa perspectiva, Lott aponta que

A característica dominante da cultura das mulheres continua a ser a apresentação e transmissão de valores, crenças, atitudes e comportamentos centrados em temas como o cuidado e reparo das necessidades dos outros - crianças e outros membros da família, incluindo cônjuges ou parceiros, os doentes e idosos - independentemente da capacidade da mulhe. (2010, p; 61) (Tradução nossa).⁷

A estilista Martha Medeiros ressalta que a esposa de Temer “gosta de vestidos até os joelhos e cores claras” e ainda a compara com uma grande estrela do cinema, Grace Kelly, que abandonou sua carreira artística para se tornar a princesa de Mônaco, ao afirmar que Marcela “tem tudo para se tornar a nossa Grace Kelly”. Ganhadora de um Oscar de melhor atriz, Grace foi praticamente obrigada pelo marido a recusar o papel principal no filme *Marnie* (1964), de Alfred Hitchcock, para manter o seu casamento.

O artigo de Juliana Linhares acabou provocando reações diversas da mídia e do público em geral. Logo após sua publicação, diversas “respostas” de sites da internet ou “memes” (uma ideia ou conceito que se espalha rapidamente pela *web*) expostos em redes sociais surgiram para criticar ou satirizar o modo como a atual primeira-dama é representada pela Revista *Veja*. Haja vista a grande quantidade de discursos que circularam (e, possivelmente, ainda circulam na internet) em resposta ao artigo de Juliana Linhares, selecionamos um deles, intitulado *Bela, recatada e do lar: Este guia dá 18 dicas para mulheres serem “boas esposas”*, escrito por Lincoln Costa e publicado pelo site TNM⁸. O texto de Linhares, fazendo jus à teoria dialógica do discurso, “apresenta-se de maneira acabada permitindo/provocando, como resposta o

⁷ “The dominant feature of women’s culture remains the presentation and transmission of values, beliefs, attitudes, and behaviors centering on the themes of caring for and tending to the needs of others - children and other family members, including spouses or partners, and the sick and elderly – regardless of what else a woman may do”. (LOTT, 2010, p. 61).

⁸ Disponível em: <http://todosnegrosdomundo.com.br/bela-recatada-e-do-lar-este-guia-de-1950-da-18-dicas-para-mulheres-serem-boas-esposas/>.

enunciado do outro” (MARCHEZAN, 2010, p. 117), sendo esse “outro”, o texto de Lincoln Costa, que o ironiza.

Afirmamos que o texto de Lincoln Costa ironiza o de Juliana Linhares ao analisar o contexto em que foi publicado, ou seja, na seção de humor do site. O próprio título do artigo nos dá uma pista sobre o tom que o autor dará ao seu texto, colocando a expressão “boas esposas” entre aspas. Nesse caso, podemos inferir que na época em que foi publicado o guia recuperado por Costa (originalmente publicado pela revista *Housekeeping Monthly* em 1955), ser uma esposa era servir o marido e cuidar da casa. As aspas inseridas pelo autor no título do seu texto ironizam essa perspectiva adotada pela revista de 1955, criticando essa perspectiva da mulher submissa e dando a entender que o papel mulher na sociedade tem mudado muito ao longo dos anos. A recuperação do guia da *Housekeeping Monthly*, para ironizar o artigo de Juliana Linhares ativa uma memória discursiva que ainda se faz presente nos dias atuais e corrobora o que foi dito por Bakhtin:

Dois enunciados distantes um do outro, tanto no tempo como no espaço, que nada sabem um sobre o outro, no confronto dos sentidos revelam relações dialógicas se entre eles há ao menos alguma convergência de sentidos (ainda que seja uma identidade particular do tema, do ponto de vista, etc.) (2011, p. 331).

A citação de Bakhtin sustenta a possibilidade de se estabelecer uma relação entre o guia da boa esposa, da revista *Housekeeping Monthly*, recuperado de forma humorística pelo site da TNM, e o texto da Revista *Veja*, pois ambos possuem como tema o papel da mulher na sociedade. Tanto o guia da década de 1950 quanto o artigo de Juliana Linhares traçam perfis semelhantes da mulher. Assim, não somente o título do artigo de Lincoln Costa remete diretamente ao de Juliana Linhares, como também a própria temática articulada pelo autor permite discutir/criticar o texto ao qual está respondendo.

Abaixo, selecionamos alguns dos conselhos elencados pelo guia da revista *Housekeeping Monthly*, que se configuravam como sugestões para que as mulheres pudessem desempenhar melhor seu papel de “boa esposa”. O critério para a seleção dos seguintes tópicos foi a possibilidade de se estabelecer uma relação entre eles e a construção do perfil de Marcela Temer. Vejamos:

[...]

3. Separe 15 minutos para descansar, assim você estará revigorada quando ele chegar. Retoque a maquiagem, ponha uma fita no cabelo e pareça animada.
4. Seja amável e interessante para ele. Seu dia foi chato e pode precisar que o anime e é uma das suas funções fazer isso.
5. Coloque tudo em ordem. Dê uma volta pela parte principal da casa antes do seu marido chegar. Junte os livros escolares, brinquedos, papel, e em seguida, passe um pano sobre as mesas.
[...]
7. Dedique alguns minutos para lavar as mãos e os rostos das crianças (se eles forem pequenos), pentear os cabelos e, se necessário, trocar de roupa. As crianças são pequenos tesouros e ele gostaria de vê-los assim.
[...]
11. Nunca reclame se ele chegar tarde, sair pra jantar ou outros locais de entretenimento sem você. Em vez disso, tente compreender o seu mundo de tensão e pressão dele, e a necessidade de estar em casa e relaxar.
12. Seu objetivo: certificar-se de que sua casa é um lugar de paz, ordem e tranquilidade, onde seu marido pode se renovar em corpo e espírito.
[...]
18. Uma boa esposa sabe o seu lugar.

(COSTA, 2016)

O tópico 3, o primeiro a ser elencado por nós, faz menção ao cuidado necessário que a mulher deve ter com sua aparência: descansar para parecer revigorada, colocar uma fita no cabelo, se maquiar e parecer animada. O artigo de Juliana Linhares cita, em dois momentos, os cuidados que a esposa de Michel Temer tem com sua aparência, narrando suas idas ao dermatologista, para cuidar da pele, e ao cabeleireiro, onde, segundo o profissional que atende Marcela, “pedia luzes bem fininhas”.

Os itens 4, 11 e 12, por sua vez, serão explorados conjuntamente porque, de uma maneira geral, tratam da forma ideal como uma mulher deveria tratar seu marido, priorizando sua tranquilidade e conforto. Ao lermos a seguinte oração “Amigos do vice contam que, ao fim de um dia extenuante de trabalho, é comum vê-lo tomar um vinho, fumar um charuto e “mergulhar num outro mundo” – o que ocorre, por exemplo, quando telefona para Marcela ou assiste a vídeos de Michelzinho, que ela manda pelo celular”, remetemo-nos ao item 4, o qual sugere que a mulher deve ser agradável com o marido que volta estressado após um intenso dia de trabalho, algo que acontece quando Michel Temer “mergulha num outro mundo” (distante do seu trabalho) e, acompanhado por um bom vinho e charuto, anima-se conversando com Marcela ao celular e assistindo aos vídeos de seu filho encaminhados por ela. O tópico número 11, que pede para que a mulher compreenda o mundo de tensão e pressão do esposo, também está presente na vida de Marcela, visto que seu marido ocupa um alto cargo político e, como apontado pelo próprio artigo, em um contexto de “convulsão política que vive o país”. O texto até sugere que uma segunda gravidez de Marcela, desejada por ela, não seria oportuna no atual

momento político, fato comprovado por uma fala da tia de Marcela: “No final, eles acharam que não teria sido mesmo um bom momento para ela engravidar, dada a confusão no país”. Como sintetizado pelo tópico 12, o lar deve ser um “lugar de paz, ordem e tranquilidade, onde seu marido pode se renovar em corpo e espírito”.

Já os itens 5 e 7 dizem respeito aos cuidados com a casa e com as crianças. O primeiro destaca a importância de uma casa organizada, trazendo elementos comuns ao universo infantil, tais como livros escolares e brinquedos. O segundo faz referência direta aos cuidados necessários que devem ter com filhos, “pequenos tesouros”, como devem ser limpos, penteados e bem arrumados. Ao longo do texto de Juliana Linhares, podemos notar a presença da maternidade na vida de Marcela. Primeiro, ao relatar a vivência com seu filho de 7 anos, Michelzinho, e o desejo de ser mãe de uma menina. Ao fazer referência à sua pouca atividade profissional, a jornalista revela que Marcela é uma “vice-primeira-dama do lar”, e que “seus dias consistem em levar e trazer Michelzinho da escola [...]”.

Por fim, podemos dizer que o último item listado, o 18, dialoga mais diretamente com a posição que Marcela (e as leitoras da *Housekeeping Monthly*) ocupa na vida de Michel Temer, que se encontra em destaque no título do artigo: a de “vice-primeira-dama do lar”. Ao sugerir que “uma boa esposa conhece o seu lugar”, podemos inferir que este é o seu lar, que deve ser zelado por ela.

Não podemos deixar de mencionar, antes de terminar nossa análise sobre o artigo de Lincoln Costa para TNM, a dimensão verbo-visual que caracteriza o texto. Ao longo do texto, os conselhos proporcionados pelo guia são intercalados por ilustrações de mulheres, aparentemente situadas entre as décadas de 1950 e 1960, realizando típicos afazeres domésticos, tais como passar aspirador de pó na casa, tirar a comida do forno, vestir as crianças etc. Selecionamos apenas uma das imagens (em um total de dez), que se encontra abaixo:

Figura 2: O cotidiano da “boa esposa”
segundo o Guia de Lincoln Costa



Disponível em:
<http://todosnegrosdomundo.com.br/bela-recatada-e-do-lar-este-guia-de-1950-da-18-dicas-para-mulheres-serem-boas-esposas/>

O motivo pela escolha dessa foto, em especial, se deve pela semelhança entre a mulher retratada na imagem e a foto de Marcela Temer presente na primeira página do artigo de Juliana Linhares. Ambas possuem cabelos louros, penteados de maneira que não pareçam longos, estão com uma maquiagem leve, usam vestidos (uma delas somente com a parte de cima da cor preta) que cobrem o busto e demonstram ser delicadas e femininas.

O artigo de Lincoln Costa que acabamos de expor, construído verbo-visualmente, foi elaborado, como já dissemos, como uma espécie de resposta à matéria da Revista *Veja*, criticando-a por expor e enaltecer uma visão tão antiga e machista da mulher (comum, conforme já dito, aos filmes de Marilyn Monroe e Grace Kelly das décadas de 1950 e 1960). O diálogo entre a matéria de Revista *Veja* e o guia da *Housekeeping Monthly* publicado há mais de 60 anos, e aqui recuperado, comprova que os discursos existem em uma imensa rede dialógica; a construção da figura feminina elaborada pela *Veja* resgata uma visão que há muito tempo vem sendo criticado pelos movimentos feministas, na luta pela independência e pelos direitos das mulheres. Nessa perspectiva, recuperamos a seguinte fala de Cunha:

É nesse aspecto, especificamente, que a abordagem bakhtiniana contribui para a reflexão sobre a memória discursiva na constituição do discurso, na medida

em que está intimamente ligada ao já-dito no qual os falantes retomam as palavras. Nesse sentido, em todo e qualquer discurso, cada palavra evoca um contexto ou contextos, nos quais ela viveu sua vida socialmente tensa. (2009, p. 27).

Por último, recuperamos a capa do número 2417 da Revista *ISTOÉ*, de 6 de abril de 2016, mesmo mês da publicação do artigo sobre Marcela Temer na Revista *Veja*. Aqui, tentaremos enfatizar o caráter político do artigo de Juliana Linhares, contrastando-a com a apresentação do perfil de outra mulher, Dilma Rousseff. Dessa vez, ao contrário do que nos é apresentado no artigo sobre a esposa de Michel Temer, temos a figura de uma mulher forte, solteira, e que, à época da publicação de ambas as revistas, ocupava o mais alto cargo político do Brasil, o de Presidente da República. Contudo, a apresentação de Dilma na capa, diferente da de Marcela, é feita de forma bastante negativa.

Figura 3: Capa da revista *ISTOÉ*, de abril de 2016.



Fonte: Disponível em:
<http://www.diariodocentrodomundo.com.br/wpcontent/uploads/2016/04/istoe.jpg>

Novamente, a atenção para a presença da verbo-visualidade na capa da *ISTOÉ* é vital para compreender a totalidade do discurso veiculado pela revista. Dessa forma, visualizamos uma foto em *close* de Dilma, uma mulher de mais idade, de traços fortes e rugas ao redor dos olhos, com a boca aberta, simulando um grito, em uma expressão que aparenta ira. A manchete, escrita em caixa alta com fundo branco, destaca: “As explosões nervosas da presidente”. A foto de Dilma selecionada corrobora o título em destaque, construindo a figura de uma mulher descontrolada e rude. O subtítulo, em letras minúsculas, com exceção da inicial do período e da que caracteriza nome próprio, relata a falta de capacidade de Dilma de lidar com um possível afastamento, descontando sua raiva em seus subordinados e mostrando total incapacidade emocional de administrar o país. Os trechos destacados em amarelo, mesma cor utilizada para preencher a assinatura da revista, realçam o total descontrole de Dilma (“Em surtos de descontrole [...]”; “[...] Dilma quebra móveis dentro do Palácio [...]”; “[...] e perde (também) as condições emocionais para conduzir o país.”) e, principalmente, mostram sua incapacidade emocional de permanecer no poder e, provavelmente, se posicionando a favor do seu afastamento definitivo.

A presidente representada na capa da revista, como mulher, estaria “descumprindo” o que Bernice Lott coloca como sendo o que parte da sociedade considera como um comportamento ideal para uma figura feminina e o que o guia da revista *Housekeeping Monthly* considera o perfil da mulher ideal. Em vez de ser uma mulher “recatada”, aparentemente tem arroubos de fúria. E mostra ser uma mulher dura e impetuosa, sem nenhum traço de delicadeza e afetividade. Já a foto de Marcela, escolhida pela *Veja*, evidencia a presença de uma mulher meiga e delicada; o texto funciona da mesma forma, visto que destaca as qualidades de Marcela como esposa, mãe e “vice-primeira-dama do lar”.

Logo, se considerarmos que o contexto político da publicação das duas revistas indicava a provável queda da então presidente Dilma Rousseff, compreendemos o posicionamento das revistas *Veja* e *ISTOÉ* como uma tentativa de promover Michel Temer: a primeira, por meio do enaltecimento de sua esposa, e a segunda, pela desvalorização de Dilma. Ao voltarmos nosso olhar para a Figura 1 e olharmos para o topo da página, no canto esquerdo, constataremos o uso da expressão “Como será”; o emprego do futuro do presente mostra certeza em relação ao fato que acontecerá, estando, nesse caso, para expor a certeza (ou desejo) com relação à queda da então presidente Dilma Rousseff e a ascensão de seu vice. Assim, por meio de nossa perspectiva teórica, buscamos esclarecer que nenhum meio de comunicação trabalha sem um objetivo definido e sem apresentar juízos de valor. Os desdobramentos das matérias são um indicativo de que as duas revistas trabalharam para promover Michel Temer e desestabilizar o *status* de Dilma Rousseff.

4 Considerações finais

A partir da análise feita da matéria da Revista *Veja*, com base em algumas reflexões teóricas de Bernice E. Lott, entendemos que o artigo de Juliana Linhares acabou suscitando inúmeras discussões acerca do machismo e da luta de movimentos feministas pela independência e liberdade das mulheres. Afinal, o discurso construído por Linhares aponta para uma visão que, pouco a pouco, vem sendo abandonada, ainda mais se pensarmos que uma mulher já ocupou o cargo de Presidente da República do Brasil.

No entanto, para compreender esse tipo discurso e o teor de sua crítica, é importante revisitar a condição da mulher ao longo do tempo, algo que pode ser muito bem discutido pelos “conselhos” dados pela revista *Housekeeping Monthly* na década de 1950. O artigo sintetiza

muito a condição de subserviência atribuída à mulher no decorrer da história e, também, ao silenciamento de sua voz. Ao pensarmos nessa perspectiva, Cunha (2010, p. 25), trazemos mais uma vez a visão bakhtiniana, explicando-nos que é “importante salientar que se trata de compreender as relações dialógicas e históricas entre discursos, que se explicam, se opõem, se apoiam, etc., colocando o outro como aliado, adversário, dizendo a verdade, fazendo erros [...]”.

Verificamos também que o texto de Linhares, além de permitir uma análise sobre a questão de gênero, acabando apresentado um forte teor político. Considerando a ideia de Bakhtin, de que os discursos estão interligados com seus contextos de produção, circulação e recepção, e de que eles sempre indicarão a visão daqueles que os produzem, afirmamos que, no caso da matéria da Revista Veja (e também da *ISTOÉ*, posta em confronto), existe uma clara intenção de promover o vice-presidente Michel Temer, pouco antes de sua posse como presidente interino, enaltecendo as qualidades de sua esposa Marcela (essenciais para uma primeira-dama exemplar) e indicando algumas das vantagens de sua posse. E, por consequência, acaba trazendo uma visão estereotipada da mulher, submissa, delicada e reservada.

Referências

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. In: BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, M. M.; VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Michel Laud e Yara Frateschi Vieira. 8. ed. São Paulo: HUCITEC, 2006.

BRAIT, B. A palavra mandioca do verbal ao verbo-visual. **Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso**. Brasil, v.1, n.1, p.142 – 160, 1º sem. 2009.

_____. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, B. **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. Olhar e ler: a verbo-visualidade em perspectiva dialógica. **Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso**. Brasil, v.8, n.2, p.43 – 46, 2º sem. 2013.

CAMPOS, M.I.B. Questões de literatura e de estética: rotas bakhtinianas. In: BRAIT, B. **Bakhtin, Dialogismo e Polifonia**. São Paulo: Contexto, 2012.

CUNHA, D.A.C. Circulação, reacentuação e memória no discurso da imprensa. **Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso**. Brasil, v. 1, n. 2, p. 23 – 39, 2º sem. 2009.

LOTT, B.E. Gender. In: LOTT, B. E. **Multiculturalism and Diversity: a social psychological perspective**. United Kingdom: Wiley-Blackwell, 2010.

MARCHEZAN, R. Diálogo. In: BRAIT, B. **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2010.

STELLA, P. R. Palavra. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. 4 ed. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

Sites da internet

COSTA, L. **Bela, recatada e do lar: Este guia dá 18 dicas para mulheres serem boas esposas**. Disponível em: <http://todosnegrosdomundo.com.br/bela-recatada-e-do-lar-este-guia-de-1950-da-18-dicas-para-mulheres-serem-boas-esposas/>. Acesso em: 15 abr. 2017.

LINHARES, J. **Bela, recatada e “do lar”**. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>. Acesso em: 15 abr. 2017.

Recebido em: 03 de março de 2017.

Aceito em: 01 de junho de 2017.

TABULEIRO DE LETRAS

Campo versus cidade nos discursos prosaicos de *O cachorro e o lobo*, obra de Antônio Torres

Field versus city in the prosaic speeches of *The dog and the wolf*, work of Antonio Torres

Joselia Santos da Silva¹
Maria Neuma Mascarenhas Paes²

RESUMO: Neste trabalho, buscamos descrever e analisar as relações e conflitos entre campo e cidade nos discursos presentes na obra *O cachorro e o lobo*, de Antonio Torres. Para embasar o trabalho, recorreremos aos procedimentos teóricos da Análise de Discurso, a partir de Pêcheux (1997), Orlandi (2002), Fernandes (2007) e Indursky (2008, 2011). E, para discutir o campo e a cidade, nos valem das contribuições teóricas de Williams (1973), Wirth (1938) e Bagli (2010). A análise se constituiu na descrição e interpretação dos discursos sobre o campo e a cidade, mas levando-se em consideração os aspectos sociológicos e literários da obra. Ressalta-se que dentre os procedimentos teóricos da Análise de Discurso, trabalhamos as formações discursivas, que permitem verificar aquilo que pode e deve ser dito pelos sujeitos em determinado momento, e as formações ideológicas, que constituem os sujeitos e conseqüentemente as formações discursivas; dentre os aspectos sociológicos e literários destacamos as discussões entre campo e cidade e a forma como o texto é abordado.

Palavras-chave: Campo versus Cidade; Conflitos e relações; Formação discursiva.

ABSTRACT: In this text, we describe and analyze the relationships and conflicts between countryside and town in the discourses stated in the work *The dog and the wolf* by Antonio Torres. For theoretical basis, we turn to the procedures of discourse analysis, from Orlandi (2002), Pêcheux (1997), Fernandes (2007) and Indursky (2008, 2011). And to discuss the countryside and the town, we make use of the theoretical basis of Williams (1973), Wirth (1938) and Bagli (2010). The analysis was based on description and interpretation of the speeches about the countryside and the town, but taking into account the sociological and literary aspects of the work. Among the theoretical procedures of discourse analysis, we work with the discursive formations that allow you to check what can and should be said by the subjects at any given time and the ideological formations that compose the subject and consequently the discursive formations; from the sociological and literary aspects we highlight the discussions between countryside and town and the way how the text is addressed.

Keywords: Field versus City; Conflicts and relationships; Discursive formation.

¹ Licenciada em Letras-Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia-UNEB. Aluna do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural (Pós-Crítica), da UNEB. E-mail: josy.ssilva@hotmail.com.

² Professora Doutora da UNEB/Campus II. Pesquisadora do Grupo de Estudos em Resiliência, Educação e Linguagem (GEREL). E-mail: mpaes@uneb.br.

1 Introdução

À medida que as cidades foram surgindo, originaram-se junto a elas novos valores, costumes e, por assim dizer, uma “nova” língua. Enfim, uma nova cultura se formou frente aos valores vigentes do campo. Assim, campo e cidade se contrastam: o primeiro, em sua constante luta para se manter vivo diante da exclusão e esquecimento propagados pela cultura dominante; a segunda, em seu auge de desenvolvimento comercial, tecnológico e econômico.

Assim sendo, é pela concentração existente nas cidades de atividades industriais cada vez mais desenvolvidas, dos avanços tecnológicos que, além de outras coisas, é oferecido às pessoas um espaço de prazer, divertimento e acessibilidade a diversas informações e os avanços na comunicação, de modo que a cidade se caracteriza como sendo dominante e de notável predominância sobre o campo.

As diferenças entre o campo e a cidade não estão apenas nas suas estruturas geográficas, elas se situam principalmente no âmbito das relações sociais, da cultura, costumes e modos de vida. A cidade é o local de constantes mudanças advindas do intenso progresso do capitalismo que, por sua vez, acaba provocando transformações nas relações sociais entre os indivíduos, nos hábitos, modos de ver e agir sobre o mundo e na sua forma de vida em geral na sociedade. As mudanças operadas no meio urbano são importantes e de grande relevância na distinção feita entre a área urbana e a área rural.

Nesse cenário vale ressaltar, por um lado, a falta de políticas públicas que possibilitem o homem se fixar no campo e, por outro, o crescimento das grandes cidades, em vista de sua progressiva produção industrial, o que tem motivado inúmeras migrações de pessoas do campo e de pequenas cidades situadas no interior, indo em busca de melhores condições de vida e objetivos baseados no crescimento financeiro. Assim, o número de habitantes das cidades industrializadas acaba aumentando e conseqüentemente provocando alterações na estrutura social e nas relações sociais, levando a mudanças diversas como as que foram citadas anteriormente.

A aglomeração de pessoas na cidade resulta na diferença de personalidade entre os indivíduos. A concentração de um grande número de indivíduos em uma comunidade urbana ocasiona uma série de transformações nas relações e modos de vida dos sujeitos que apresentam individualidades diversas, o que gera a segregação desses sujeitos, de acordo com suas origens. Em vista disso, a área urbana apresenta uma maior divisão entre as pessoas do que a área rural,

já que esta última não apresenta uma população maior, e por isso não há espaço para grande diferenciação entre os indivíduos, no que diz respeito à cultura, costumes etc.

A obra que se analisa neste trabalho faz parte da trilogia que se inicia com *Essa terra* e se finda com *Pelo fundo da agulha*. Em *O cachorro e o lobo* (obra intermediária), o autor institui como narrador/personagem Totonhim, que migrou para São Paulo em busca de sobrevivência e voltou à sua terra natal depois de vinte anos afastado. Na narrativa, ao regressar para o povoado no interior da Bahia, Junco (hoje, Sátiro Dias), Totonhim faz uma longa viagem ao passado, recontando a história de sua família naquele lugar, lembrando as pessoas que compunham aquele cenário, seus sonhos e, ao mesmo tempo, mostrando como o lugar havia adquirido certas características da vida urbana. Enfim, expõe as formações imaginárias de um sujeito que se constituiu no meio rural e, de forma intercambiável, procura se ajustar ao meio urbano, assumindo os lugares que lhe são determinados, mas não consegue se desvencilhar das lembranças de um passado que, de forma subjetiva, o instituiu como sujeito de discurso.

Diante do que foi colocado, investigamos neste trabalho as Formações Discursivas (doravante FD) que se confrontam em *O cachorro e o lobo*, obra de Antônio Torres; a representação do campo em contraste com a cidade; as formações imaginárias e as formações ideológicas que constituem os sujeitos de discurso.

No desenvolvimento das análises, partimos dos pressupostos teóricos e metodológicos da Análise de Discurso, de linha francesa. Nessa perspectiva buscamos, a princípio, entender os fenômenos linguísticos os quais permitiram as interpretações de fragmentos representativos que constam na referida obra. Entre os procedimentos teóricos da Análise de Discurso, trabalhamos com as FD, verificando aquilo que pode e deve ser dito pelo sujeito, em um determinado momento, ou seja, se ele superpõe ou contrapõe à FD dominante, que está de acordo com a Formação Ideológica.

O conceito de FD, proposto por Pêcheux (1997), corresponde ao domínio do saber, o conjunto de discursos que determina o modo de relacionar-se com a ideologia, levando-se em conta o que pode e deve ser dito por alguém em uma determinada circunstância.

Em relação à discussão em torno do campo e da cidade, segundo Williams (1973), a cidade é associada à ideia de lugar das realizações, saber, bem-estar, enquanto que o campo é associado à natureza, à tranquilidade, à forma natural de vida. Se, por um lado, a vida no campo está relacionada à tradição, a vida nas cidades imprime uma configuração moderna.

De acordo com Wirth (1938), os avanços encontrados na cidade estão se ampliando para além do espaço urbano, sendo que tais desenvolvimentos tecnológicos conferem à cidade o papel de elemento dominante na civilização.

2 Formações Discursivas em contraponto: campo *versus* cidade

Para prosseguir com a discussão, tomamos como ponto de partida a noção de FD. Queremos com isso analisar as formações imaginárias do sujeito de discurso na obra tomada como objeto de análise.

Na perspectiva de Pêcheux (1997), todo discurso está inscrito em uma FD e é por isso que o discurso constitui sentidos. Além disso, as FD são definidas pelas formações ideológicas dos discursos. Os sentidos, portanto, são atravessados pela ideologia, e esta, por sua vez, se materializa no discurso para produzir seus efeitos, mas dissimulando sua presença. É por meio da ideologia que temos a ilusão do sentido já posto, estabelecido, a ilusão de que nós somos a origem do nosso dizer. Mas, na verdade, somos naturalmente submetidos ao esquecimento. Esquecemos que tudo que sabemos tem origem em outro lugar, fora de nossa consciência, ou seja, todo discurso se constitui por intermédio das FD, do interdiscurso, da historicidade de sua construção.

Para contextualizar, ressaltamos que na segunda fase foi feita uma reformulação da teoria do sujeito de discurso, já presente na primeira fase, e junto a isso foram desenvolvidos conceitos novos, como a FD, interdiscurso e memória discursiva. Para desenvolver a FD, Pêcheux (1997) apropria-se da noção desenvolvida por Foucault, na *Arqueologia do Saber*, e a traz modificada para a Análise de Discurso, fazendo valer a noção de ideologia, que não interessava à Foucault porque, para este, o poder está em todo lugar, independentemente da ideologia.

Nesse momento que se convencionou chamar de segunda fase, o sujeito de discurso que, na primeira fase, era visto como homogêneo, torna-se heterogêneo, passa por uma reduplicação. Ocorre nesse momento, o desdobramento da forma sujeito em três modalidades de tomada de posição. A primeira consiste naquela em que o sujeito superpõe a FD dominante,

se caracterizando, conforme Pêcheux o chamou, de “bom sujeito”. Na segunda, o sujeito contrapõe a FD dominante, questionando-o, duvidando, e por isso se caracteriza como “mau sujeito”. Já na terceira ocorre uma desidentificação por parte do sujeito de discurso em relação à formação discursiva com a qual estava identificado.

Como estamos falando do sujeito de discurso, vale ressaltar que, de acordo com Pêcheux (1997), na constituição do sujeito funcionam dois tipos de esquecimento: o esquecimento nº 1 e o esquecimento nº 2. No primeiro, o sujeito tem a ilusão de que é a origem de seu dizer, esquecendo assim que os nossos discursos só fazem sentido porque já existem. Já no segundo ocorre o esquecimento, por parte do sujeito, de que existem outros sentidos e outras formas de dizer além da empregada por ele. É nesse sentido que a ideologia opera sobre os sujeitos e, conseqüentemente, na produção de sentidos.

A FD, conceito intrinsecamente ligado à noção de sujeito, pode ser entendida como aquilo que pode e deve ser dito em uma determinada formulação. Ela envolve os sujeitos de discurso que se caracterizam pela posição ideológica que ocupam. Ademais, a FD está sempre em relação com a ideologia e é constantemente atravessada por outras FD. São os discursos que compõem as FD, às quais os sujeitos estão ligados, pertencentes ao interdiscurso o qual, por sua vez, está ligado à memória discursiva, ambos conceitos importantíssimos para a Análise de Discurso. O interdiscurso se caracteriza como um complexo de FD, abrange todos os sentidos, dizeres, sobre um determinado assunto (a FD dominante ou a FD que contrapõe a dominante). Desse modo, o sujeito, quando produz os discursos, recorre ao interdiscurso e o faz com base em sentidos pré-existentes que se encontram arquivados no interdiscurso. Por outro lado, a memória discursiva refere-se tanto aos dizeres de uma FD específica quanto à existência histórica desses discursos. Assim, a memória discursiva é acionada na constituição de sentidos por meio de uma seleção de discursos que poderão ser inseridos em uma determinada FD.

Todo discurso está envolvido por uma exterioridade e, portanto, dizemos que os discursos revelam lugares sociais dos sujeitos, o espaço socioideológico nos quais estes se inscrevem. Nesse sentido, os discursos estão inscritos em FD que, por sua vez, revelam as ideologias que aí estão presentes.

Ao considerarmos os discursos sobre o campo e a cidade, presentes em *O cachorro e o lobo*, verificamos que os discursos construídos acerca de ambos os espaços possuem um lugar na história. Logo, o termo cidade aparece na história e tem discursos construídos sobre ele. Conforme foi abordado no início da presente discussão, ao longo dos anos a cidade adquiriu

valores e, desde sua origem, houve a construção de discursos que atribuíam ao espaço urbano um *status* de superioridade em relação ao espaço rural. Da mesma forma, o campo, no decorrer da história, foi objeto de práticas discursivas que o colocavam ora em posição inferior à cidade, ora como objeto de valorização da natureza. Diante disso, os discursos existentes na história a respeito do campo e da cidade estão inscritos em FD que se cruzam e se contrastam.

O processo de urbanização teve início há séculos, e desde então certos atributos foram criados para fazer referência à cidade ou aos espaços urbanos. Tais atributos passaram a se constituir como marcas das cidades e, conseqüentemente, foram inseridos aspectos para diferenciá-los dos espaços rurais. Conforme Sposito (2010), um dos atributos mais utilizados para caracterizar a cidade e colocá-la em oposição ao campo é a concentração demográfica.

Além disso, a cidade sempre esteve ligada à civilização (FD dominante) em contraposição à rusticidade do campo (FD diferente da dominante). Enquanto FD dominante, os modos de vida, os costumes e a cultura urbana passaram a se sobrepor ao modo de vida rural – cabe aqui a ressalva de que os termos urbano e rural funcionam como adjetivos territoriais. Desse modo, certos costumes, comportamentos, formas de pensar e agir estão diretamente ligadas ao meio em que o indivíduo vive e podem se caracterizar, portanto, como modos de vida urbano ou rural.

Um dos aspectos que diferenciam a cidade do campo, bem como os modos de vida de cada espaço, é o tempo. Conforme Bagli (2010), o tempo se realiza de forma distinta no campo e na cidade: tempo rápido nos espaços urbanos e tempo lento nos espaços rurais. Nessa lógica temporal, as cidades são marcadas pela rapidez dos acontecimentos, das transformações. A efemeridade é frequentemente sentida, haja vista que as mudanças ocorrem em instantes, nada está estabelecido, isto é, as coisas sempre estão em processo de construção e reconstrução, produção e renovação.

Por outro lado, o tempo no campo é lento, porque as mudanças não são percebidas com tanta frequência e rapidez tal qual ocorre na cidade, tudo segue uma lógica que está mais próxima à natureza. Contudo, isso não quer dizer que as mudanças não ocorram, elas costumam não ser percebidas com tanta facilidade como acontece nos espaços urbanos.

O tempo e o uso que se faz dele é dessemelhante entre o campo e a cidade. Nos espaços urbanos o tempo é mais controlado pela lógica do capital e da produção, existe uma hora estabelecida e controlada para as atividades humanas. As pessoas têm um horário para trabalhar, descansar, dormir etc., configurando-se um tempo atropelado pelo intenso

movimento criado pela lógica de mercado. Essa peculiaridade pertencente às cidades determina o modo de vida das pessoas que nelas vivem. Quanto aos espaços rurais, Bagli (2010) observa que estes, embora de forma diferenciada, também têm tido seu tempo determinado pelos ditames do capitalismo.

O uso de tecnologias vem possibilitando o aumento da produção em reduzido tempo, além do maior aproveitamento da terra. Porém, como afirma Bagli (2010), as tecnologias empregadas no campo não garantem a emancipação ou transformação total desse ambiente, visto que a contribuição tecnológica é inegável, mas não permite se ter o controle total da natureza. Isso porque a produção agrícola é guiada pela lógica natural, depende das condições climáticas favoráveis para o seu desenvolvimento, e as tecnologias ainda não possuem a capacidade de controlar totalmente os fenômenos da natureza.

Diante disso, o tempo rural ainda não foi suprimido ou controlado pela lógica concebida pelo viés capitalista. Com isso, essa mesma lógica passa a se apropriar das peculiaridades dos espaços rurais, transformando assim o tempo natural de tais espaços em mercadoria para alcançar seus objetivos no que diz respeito a produção e ao lucro. Tal modelo funciona da seguinte forma:

O cotidiano tenso e intenso do urbano produz necessidades que aumentam a procura por realidades adversas, em busca de um outro tempo menos racional e mecânico e mais atrelado à lógica natural. O tempo natural transforma-se, dessa forma, em mercadoria, sendo vendido àqueles que buscam sair momentaneamente da lógica mecânica vivida no cotidiano urbano. (BAGLI, 2010, p. 85).

Isso talvez explique o porquê de as pessoas que vivem em ambientes urbanos procurarem espaços rurais como alternativa de lazer. No entanto, o que se entende como urbano não se limita às tensões e intensidade de movimento, pois assim como o campo pode ser procurado pela sua realidade diferenciada, a cidade também atrai pessoas por conta de suas peculiaridades.

As particularidades que caracterizam o espaço rural e urbano são expressas pelos hábitos e modos de vida dos indivíduos de cada ambiente os quais, por sua vez, são construídos de acordo com as relações cotidianas. A partir desse entendimento, vale ressaltar as relações que o espaço urbano e o rural estabelecem com a terra. No urbano, a relação com a terra não é de dependência, visto que não se depende dela para garantir a sobrevivência, não há uma ligação entre o homem e a terra; no rural, a relação que se estabelece com a terra é de troca, por

ser ela o meio de sobrevivência do homem. Essa maneira própria de se relacionar com a terra faz o urbano e o rural serem espaços distintos, cada um com suas peculiaridades, o que implica a construção de hábitos também diferenciados.

Por outro lado, certos costumes têm se tornado comuns entre ambos os espaços, o que criou semelhanças entre o campo e a cidade. Esse fato tem se tornado possível devido à inserção do campo no mercado de consumo, visto que as pessoas dos espaços rurais têm a possibilidade de adquirir produtos e serviços provenientes dos espaços urbanos. Tal mudança aproxima duas realidades que antes eram bastante opostas. Dessa maneira, as relações entre urbano e rural têm se intensificado, segundo aponta Bagli (2010):

As mercadorias transformadas e produzidas na cidade (eletrodomésticos, automóveis, vestimentas etc.) invadem o campo, assim como os produtos gerados no campo (alimentos em geral, matérias-primas) invadem a cidade. Essa relação entre campo e cidade se intensifica, porque a divisão territorial do trabalho, estabelecida pelo desenvolvimento do modo de produção, coloca funções espaciais para cada espaço, de modo que eles se interrelacionem e se complementem. (BAGLI, 2010, p. 96).

A aproximação entre campo e cidade, por meio da intensificação de suas relações, como apontado acima, tem levantado reflexões em torno da supressão do campo e de seus modos de vida, por causa da intensidade e rapidez com que a urbanização tem alcançado os espaços rurais. No entanto, como afirma Bagli (2010), a lógica do modo de produção é capaz de incorporar e ajustar espaços diferenciados às suas imposições e, por isso, o campo não precisa ser urbanizado para ser inserido dentro dessa lógica. Assim, o processo de urbanização não torna o urbano e o rural espaços homogêneos.

As relações entre campo e cidade, que são percebidas com maior intensidade, ocorrem em favor das necessidades de buscar no outro o que não se encontra nos espaços cotidianos, e isso acaba gerando hábitos comuns. Contudo, tais aproximações não implicam a eliminação do modo de vida rural, pois as diferenças ainda se mantêm, embora seja verdade que se criaram semelhanças entre o campo e a cidade. As mudanças ocorridas no espaço rural não atingiram a essência do que seja viver no campo, visto que suas peculiaridades ainda existem, mesmo que escondidas sob o véu da aparência.

Se levarmos em consideração os pressupostos aqui apresentados, torna-se pertinente ressaltar que a presença de tecnologias e serviços advindos dos espaços urbanos nos espaços rurais não significa que estes deixaram de existir ou perderam suas características. Acatar tal

possibilidade implicará a ideia de que o campo para ser campo tem que ser desprovido de qualquer tipo de tecnologia e desenvolvimento, tem que permanecer na rusticidade. Ora, utilizar tecnologia, fazer uso de serviços urbanos não quer dizer que o campo perderá sua essência e se tornará urbano.

A partir das abordagens introdutórias acerca do campo e da cidade, passamos a analisar as relações entre esses dois espaços em *O cachorro e o lobo*, obra de Antonio Torres. Na referida obra, o espaço urbano e o espaço rural aparecem de forma contrastante. O primeiro, em posição de superioridade, já que nele estão concentrados os elementos que caracterizam o progresso. O segundo é ligado à ideia do não progresso, do atraso, a julgar pelo ritmo desacelerado do tempo e dos acontecimentos.

Em *O cachorro e o lobo* estão evidenciadas as diferentes FD que constituem os discursos do sujeito enunciador e revelam uma realidade social que se encontra na história brasileira. Pensando dessa forma, temos na obra os seguintes elementos: o crescimento das cidades, a atração que o universo citadino passou a exercer sobre as pessoas, o processo de urbanização e o processo de migração das pessoas do campo para os espaços urbanos.

Com base nesse entendimento, cabe lembrar que os discursos são construídos a partir de discursos já existentes os quais são retomados pelo sujeito no momento de sua formulação. No entanto, o sujeito realiza o processo de repetição, produz uma paráfrase, sem se dar conta de que ele não é a origem do dizer, que os discursos por ele acionados vêm de uma exterioridade que se encontra já lá no interdiscurso.

Sendo assim, o processo de repetibilidade é inerente à produção dos discursos e é responsável pela cristalização dos sentidos, como aponta Indursky (2011). Contudo, ainda conforme a autora, o processo de repetição também pode levar a um deslizamento, a uma resignificação, a uma quebra do regime de regularização dos sentidos (INDURSKY, 2011). Esse deslizamento dos sentidos é possível quando o sujeito contraidentifica-se ou desidentifica-se com a FD dominante, com os sentidos cristalizados.

Quando falamos em processo de repetição e deslizamento de sentidos pensamos em dois processos importantes na constituição de sentidos e que são inerentes à linguagem considerada com enfoque discursivo, a saber: a paráfrase e a polissemia.

A paráfrase ocorre quando há uma retomada, uma repetição de discursos em que os sentidos permanecem inalterados. Assim:

[...] Os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A parafrase representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer. Produzem-se diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado. (ORLANDI 2002, p. 36).

Cabe dizer que a parafrase funciona no nível da produtividade. Sendo assim, quando o processo parafrástico está em jogo, mesmo sendo os discursos retomados por vários sujeitos, em situações diversas, os sentidos serão cristalizados, legitimados.

É por meio dos processos parafrásticos que certos discursos se tornam dominante, uma vez que pelo viés desse processo cada discurso é retomado para ser repetido. Embora tal repetição se realize de forma diferente, o que importa é a permanência dos sentidos que são regidos pela ideologia.

Em relação à polissemia, dizemos que funciona no discurso quando há a ruptura de sentidos, quando é possível a criação de novos sentidos a partir daquele que foi retomado. A polissemia funciona no nível da criatividade:

[...] criatividade implica na ruptura do processo de produção da linguagem, pelo deslocamento das regras, fazendo intervir o diferente, produzindo movimentos que afetam os sujeitos e os sentidos na sua relação com a história e com a língua. Irrompem assim sentidos diferentes. (ORLANDI, 2002, p. 37).

Faz-se necessário perceber que nesse processo também há retomada de discursos pré-existentes. Nesse caso, o que ocorre de diferente é que os discursos serão retomados não para serem repetidos, mas sim para que haja a criação de novos sentidos a partir da ruptura do sentido já existente. Vejamos como funciona a polissemia:

[...] Quem voltava tinha a obrigação de contar vantagens, trazer as modas, embasbacar os que ficaram, como era o dever e responsabilidade de um aventureiro bem-aventurado. (TORRES, 1998, p. 68).

Nesse trecho, retirado de *O cachorro e o lobo*, verificamos que ocorre o processo polissêmico, visto que houve a construção de um novo sentido por meio da ruptura do sentido existente. Nesse caso, o sentido enraizado no pré-construído retomado pelo sujeito de discurso no mesmo trecho corresponde àquele que diz ser a cidade garantia de sucesso aos que nela foram se aventurar. A partir da ruptura desse sentido o sujeito de discurso constrói o novo: a

cidade não dá garantia nenhuma de sobrevivência e muito menos de sucesso para aqueles que nela vão se aventurar.

É sabido que o espaço urbano é regido pela lógica capitalista. Por conseguinte, aqueles que não conseguem se incorporar nessa lógica e contribuir de algum modo para a produção de lucros não conseguirá sobreviver. Isso evidencia-se no trecho supracitado, no qual o enunciador fala que os indivíduos, quando retornavam ao campo, precisavam contar vantagens, encobrindo assim a verdadeira realidade. Na ficção, isso aconteceu com o personagem Nelo, retratado no trecho, que voltou de São Paulo sem nada, por não ter conseguido incorporar-se à lógica da produção. Aqueles que o esperavam acreditavam que a cidade podia transformar vidas, garantir sucesso financeiro. No entanto, o sujeito enunciador revela outro sentido possível em relação à cidade.

Assim sendo, o sujeito constrói seus discursos a partir da tensão entre o mesmo e o diferente, pois, ao realizar o processo parafrástico, ele retoma os dizeres da FD dominante e, ao mesmo tempo, provoca uma ruptura nos sentidos aí presentes, por meio do processo polissêmico, inscrevendo-se em outra FD e assim questionando a FD dominante.

3 As Formações Ideológicas dos discursos em *O Cachorro e o Lobo*

O sujeito, para a Análise de Discurso, é um sujeito histórico, ideológico e social. Na sua constituição, ele é duplamente afetado pelo inconsciente e pela ideologia e é sob essa articulação que produz seus discursos (INDURSKY, 2008).

A noção de sujeito está diretamente ligada à noção de FD, visto que, para entender como o sujeito funciona no discurso, devemos levar em consideração o seu modo de relacionar-se com a FD com a qual está identificado e com a ideologia aí presente.

Os discursos de uma FD envolvem sujeitos de diferentes lugares sociais e a presença de diferentes discursos. Trata-se “de uma interdiscursividade caracterizada pelo entrelaçamento de diferentes discursos, oriundos de diferentes momentos na história e de diferentes lugares sociais” (FERNANDES, 2007, p. 51).

Em *O cachorro e o lobo*, verificamos que os discursos oriundos da FD da ruralidade e da FD da urbanidade estão inscritos em um momento em que pessoas do interior da Bahia, mais especificamente do Junco (Sátiro Dias), migravam para cidades do Sul do Brasil em busca de melhores condições de vida. Nesse processo, a cidade é pensada como o centro das realizações,

como o lugar da civilização e das possibilidades, sobre as quais devemos levar em conta as conquistas de melhores condições de vida.

Depois passou-se a sonhar com o Sul, as terras ricas de São Paulo-Paraná. Os que voltavam traziam novas histórias. Contavam as aventuras de uma cidade com mais de trinta léguas de ruas. Onde, durante o dia, um ajudante de pedreiro se besuntava na massa e na cal preparando o reboco para os edifícios em construção, e, à noite, se lavava todo, se perfumava e se vestia igual a um doutor - para tanto o dinheiro dava. (TORRES, 1998, p. 50).

[...] o primeiro caminhão foi embora, levando a primeira moça dessa terra a se aventurar no mundo, sozinha, deixando seus pais desesperados [...]. Ela iria voltar mais tarde, falando bonito e cheia de modas encantadoras. Era a civilização em pessoa. (TORRES, 1998, p. 56).

Levando em consideração que toda FD revela formações ideológicas, identificamos que a FD dominante presente na obra revela uma ideologia específica de grupos sociais urbanos defensores da supremacia dos centros urbanos. Além disso, no excerto supramencionado podemos observar que o sujeito de discurso superpõe estrategicamente os saberes da FD dominante, dando a impressão de ser um “Bom Sujeito”, mas sua intenção é questionar a FD dominante, como podemos ver a seguir:

[...] Primeiro, uma conversa com meu irmão Nelo, aqui nesta cozinha, no dia em que ele chegou de São Paulo, muito bem embalado num terno de casimira, sapatos de duas cores, a boca cheia de dentes de ouro, um relógio brilhando mais do que a luz do dia, um rádio de pilha faladorzinho como um corno, e nem um tostão furado nos bolsos – o que só fui ficar sabendo quando já era tarde demais para fazer alguma coisa [...] (TORRES, 1998, p. 39).

Ao chegar, do jeito que estava vestido, e pelos seus modos lá do Sul, Nelo (o exemplo vivo de que a nossa terra podia gerar grandes homens etc.) não aguentou a parada. Matou-se quatro semanas depois. (TORRES, 1998, p. 39).

Daí podermos dizer que ambas as FD presentes na obra revelam formações ideológicas que, por sua vez, são representadas por meio dos discursos construídos acerca do campo e da cidade. Assim, de um lado, temos a ideologia dos grupos sociais do ambiente rural, ou daqueles que reconhecem o seu valor; de outro lado, temos a ideologia dos grupos sociais urbanos, aquela ligada ao capital, ao uso do tempo em favor da produção. E, nesse jogo, o escritor, no exercício da função autor, assume o lugar de sujeito que se contrapõe à FD dominante.

Sob essa ótica, é possível afirmar que a ideologia constitui os sujeitos e, por conseguinte, os sentidos. A produção dos discursos é sempre atravessada pela ideologia, melhor

dizendo, os sujeitos, na produção de seus discursos, são atravessados pela ideologia, apesar de não perceberem. Assim sendo, os sentidos somente são possíveis porque já existem. Todo dizer se constrói com base em um “já-dito” em outro lugar, em outro momento, por outros sujeitos.

Isso posto, e levando-se em consideração que produzimos nossos discursos de acordo com a nossa inscrição em uma determinada FD – e conseqüentemente em uma formação ideológica –, faz-se necessário pontuar que as palavras não possuem sentidos fixos, como verificamos nos dicionários. As palavras adquirem sentido a partir do uso que fazemos delas. Isso leva em conta os sujeitos, a inscrição socioideológica destes, a realidade histórica e social, enfim, as condições de produção é que vão determinar a construção dos sentidos. Em vista disso, um sentido pode tornar-se outro, face aos lugares socioideológicos ocupados pelos sujeitos.

Na retomada aos pressupostos anteriormente apresentados a respeito da constituição dos sentidos, da ilusão de que somos a origem do nosso dizer, é pertinente recorrer, mais uma vez, aos discursos materializados em *O cachorro e o lobo*, no qual estão em funcionamento os aspectos discursivos que vêm sendo objetos de reflexão neste trabalho.

Portanto, quando o sujeito de discurso fala do campo e da cidade deixa em seu discurso incompletudes a serem preenchidas pelos leitores. Assim, alguém que se dê o trabalho de se reportar à história saberá que os discursos desse sujeito só fazem sentido porque, na verdade, já fazem sentido, isto é, possuem uma memória discursiva que os sustentam. Quando nos referimos às incompletudes que os discursos comportam somos levados a pensar nas formações imaginárias, que também operam na constituição dos sentidos. Logo, ao produzir seu discurso, o sujeito faz antecipações por meio da imagem que faz de si e do outro, seu interlocutor, e ao se colocar no lugar desse outro produz seu discurso, deixando lacunas que sejam preenchidas pelo receptor.

Daí podemos reiterar, dizendo que os sentidos os quais emergem dos discursos em *O cachorro e o lobo* possuem um lugar na história, têm uma memória discursiva que os sustentam. Assim, a FD que aparece na obra como dominante é aquela que produz discursos da cidade como centro da cultura e civilização, enquanto que a FD diferente da dominante produz dizeres em torno do campo. Desse modo, a inscrição do sujeito de discurso em uma ou outra FD implicará em diferentes posições ideológicas.

4 Considerações finais

Neste trabalho, foi possível entender que a produção dos discursos envolve uma série de procedimentos teóricos e práticos, os quais, ao serem analisados à luz da Análise de Discurso, mais precisamente da FD e da Formação Ideológica, noções que estão intrinsecamente ligadas, permitem que interpretações fundamentadas em materialidades sejam feitas.

No tocante às FD, estas representam as formações ideológicas nos discursos. Desse modo, o sujeito de discurso, ao se inscrever em uma FD, está inscrito também em uma formação ideológica que corresponda àquela. Dizemos, pois, que os discursos são produzidos de acordo com os lugares, as posições ocupadas pelos sujeitos nos discursos, de modo que haverá a produção de determinado sentido e não de outros.

Além disso, verificamos como as FD se instalaram, de forma parafrástica e polissêmica, na obra analisada. Ou seja, sob a forma parafrástica os discursos da FD dominante foram retomados pelo viés da repetição, mas para desconstruir os sentidos da FD que se dizia dominante. Por outro lado, o processo polissêmico permitiu que os discursos da FD dominante fossem reconstruídos por meio da ruptura de sentidos. Dessa forma, o mesmo e o diferente coexistiram em conflitos na obra. Pelo processo parafrástico os discursos dominantes foram retomados, mas por outro lado o processo polissêmico permitiu que houvesse a ruptura dos sentidos e fossem construídos outros em seu lugar.

Em *O cachorro e o lobo*, observamos a presença de duas FD em contraponto: a da predominância da cidade enquanto civilização (FD dominante) e a do campo (ora colocado como lugar da tranquilidade, paz, harmonia etc.). Assim, ora o sujeito de discurso retoma, estrategicamente, os dizeres da FD dominante pelo viés da paráfrase, recorrendo dessa forma a um mesmo espaço de dizer, ora rompe com esses discursos, instaurando sentidos diferentes. Vale dizer que o sujeito de discurso se fez passar por “bom sujeito” (aquele que se identifica totalmente com a FD dominante), mas na verdade trata-se de um “mau sujeito”, porque questiona os saberes da FD dominante, mostrando que a ideia idealizada que se construiu sobre a cidade é uma ilusão.

Diante do que foi colocado, não é demasiado ressaltar que os discursos possuem uma existência histórica, uma memória discursiva, que todo discurso está imerso no interdiscurso e é por isso que se constitui em sentidos. É por intermédio do diálogo entre os dizeres que outros

sentidos vão sendo construídos, sem esquecer, é claro, que as posições socioideológicas que os sujeitos ocupam nos discursos também interferem na produção de sentidos.

Além disso, a construção dos discursos se dá pela tensão entre o mesmo e o diferente (paráfrase e polissemia). Dessa forma, a recorrência a um mesmo espaço de dizer, que produz os mesmos sentidos desse espaço, é necessária para que haja a construção do diferente. Dito de outra forma, para que haja sentidos, tornando-se necessária a repetição, já que todo dizer é sustentado por discursos já existentes, por uma memória. Da mesma forma é preciso que haja a contraposição à repetição, para haver a construção de novos sentidos. Os sentidos sempre podem ser outros, são sempre suscetíveis de se tornarem diferentes.

Referências

BAGLI, Priscilla. Rural e urbano: harmonia e conflito na cadência da contradição. In: **Cidade e Campo**: relações e contradições entre urbano e rural/ Maria Encarnação Beltrão Sposito, Arthur Magon Whitacker (Orgs) 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise de Discurso**: Reflexões introdutórias. 2. ed. São Carlos: Claraluz, 2007.

INDURSKY, Freda. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise de Discurso. In: MITTMANN, Solange; GRIGOLETTO, Evandra; CAZARIN, Ercília (Orgs.). **Práticas Discursivas e Identitárias**. Sujeito & Língua. Porto Alegre, Nova Prova, PPG-Letras/UFRGS, 2008. (Coleção Ensaio, 22).

_____. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Orgs.). **Memória e História na/da Análise de Discurso**. Campinas: Mercado de Letras, 2011.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso**: Princípios e procedimentos. 4. ed. São Paulo: Pontes, 2002.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. A questão cidade-campo: perspectivas a partir da cidade. In: **Cidade e Campo**: relações e contradições entre urbano e rural/ Maria Encarnação Beltrão Sposito, Arthur Magon Whitacker (Orgs) 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

TORRES, Antônio. **O Cachorro e o Lobo**. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 1998. 224 p.

WILLIAMS, Raymond. **O Campo e a Cidade**: na história e na literatura. Londres, 1973.

WIRTH, Louis. **O Urbanismo como Modo de Vida**. Rio de Janeiro, 1938, p. 97-122.

Recebido em: 29 de março de 2017.
Aceito em: 14 de junho de 2017.

TABULEIRO DE LETRAS

A imagem da sedução: a *Apple* como símbolo do desejo infanto-juvenil contemporâneo

The image of seduction: the *Apple* as symbol wish children and youth contemporary

Heloisa Juncklaus Preis Moraes¹
Luiza Liene Bressan²

RESUMO: O presente artigo traz uma discussão a partir de pesquisa realizada com crianças do 5º ano do Ensino Fundamental de duas escolas públicas da cidade de Tubarão, sul de Santa Catarina. O intuito era identificar a vivência do virtual por esse público, e obteve-se a constatação unânime de predominância dos dispositivos tecnológicos e, principalmente, a *Apple*, com seu *iPhone*, como objeto de desejo. Apresentamos depoimentos, imagens e uma inferência, por meio da perspectiva do imaginário (DURAND; MAFFESOLI; SILVA), do símbolo da maçã. Pelo viés teórico do imaginário, destacamos que a imagem tem a capacidade de mobilizar afetos, memória, percepções. O homem é um ser simbólico e organiza a realidade a partir do imaginário. Aqui discutimos as relações entre imaginário, consumo e pertencimento.

Palavras-chave: Símbolo; Tecnologia; Imaginário.

ABSTRACT: This article brings a discussion from a survey of children in the 5th grade of elementary school two public schools, one state and one city, the city of Tubarão, south of Santa Catarina. The aim was to identify the experience of virtual by this public, had the unanimous finding of predominance of technological devices, especially Apple, with its iPhone, as objects of desire. Thus, we present testimonials, images and inference, through the imaginary perspective (DURAND; MAFFESOLI; SILVA), the apple symbol. By the theoretical targeting of the Imaginary, we emphasize that the image has the capacity to mobilize affects, memory, perceptions. Man is a symbolic being and organizes reality from the imaginary. Here we discuss the relations between imagery, consumption and belonging.

Keywords: Symbol; Technology; Imaginary.

1. A predominância dos dispositivos tecnológicos: marca da infância contemporânea

Muito já se falou sobre as novas tecnologias da comunicação, em especial da Internet, e suas possibilidades no ambiente escolar de aprendizagem. Há mais de uma década, uma

¹ Doutora em Comunicação Social. Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina. Tubarão, SC, Brasil.

² Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina. Tubarão, SC, Brasil.

pesquisa (MORAES, 2012) analisou, na prática, a relação das crianças com os conteúdos virtuais e, ainda, as apropriações e recriações do simbólico, do novo no seu cotidiano.

Até então, no início dos anos 2000, falava-se da televisão não assimilada pela escola. Esse tema gerou grandes discussões, resultando principalmente na condenação do sistema de ensino pela não habilidade de mediar os conteúdos veiculados. A Internet chegava às escolas ainda a passos lentos, principalmente na rede pública, de modo que os alunos não tinham acesso em casa. Quais eram as mediações? E a escola estava preparada para utilizar essa ferramenta? E a família? Para responder a essas e outras perguntas, realizou-se a pesquisa “A descoberta e a vivência do virtual por crianças de baixa renda: a esperança da comunicação”, posteriormente publicada sob o título “A descoberta e a vivência do virtual: experiências infantis” (MORAES, 2012). Nesse relato, tratava-se da significação e da apropriação dos conteúdos virtuais no cotidiano de crianças de baixa renda que cursavam o Ensino Fundamental. E como objeto, estava o Projeto de Inclusão Digital, parte do Programa de Gerenciamento de Desenvolvimento e Integração Social, proposto pela Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL, no *campus* de Tubarão. Esse projeto tinha como finalidade permitir, por meio de oficinas de informática, a reintegração social de indivíduos socialmente excluídos, promovendo-lhes a inclusão digital. O *corpus* de análise constituiu-se de crianças e adolescentes participantes do Projeto e que frequentavam regularmente as aulas e as oficinas. Como critério de exclusão, para fins analíticos, foram selecionadas crianças que tinham computador em casa, já que o intuito visava a analisar o que era adquirido no ambiente estudado e as apropriações fora desse espaço.

Já àquela época, chegou-se às seguintes considerações quanto à descoberta e à vivência do virtual pelas crianças (MORAES, 2012): sentiam-se estimuladas em aprender e reconhecidas e valorizadas por poderem demonstrar a criação; tornavam-se alunos mais participativos e questionadores, conseguindo relacionar conteúdos; tornaram-se referência na família e entre amigos e parentes; significavam os conteúdos à sua maneira e queriam colocá-los em prática; tornaram-se receptores mais ativos e interativos (no sentido de interagir); apropriavam-se das informações em diferentes situações, isto é, na escola, em casa, com amigos, nas brincadeiras e no próprio projeto; buscavam informações por afinidade pessoal; elevavam a autoestima à medida que eram reconhecidas pela habilidade com o virtual e; não se limitavam ao contato com a máquina, ao contrário, queriam trocar ideias, compartilhar informações e mostrar as criações. Todas essas motivações se evidenciavam, embora as crianças tivessem o acesso apenas uma vez por semana à ambiência virtual.

Esses dados e todos os complementares foram importantes para reconhecer uma época e a maneira como o sistema de ensino público e a sociedade (nas famílias ouvidas à época) lidavam com o virtual, suas expectativas e usos. Mas percebemos mudanças mais velozes socialmente incorporadas, surgindo daí a inquietação científica pela busca de dados os quais permitissem uma comparação. Por isso propôs-se a pesquisa de atualização dos dados realizada no ano de 2016.

A pesquisa ouviu crianças do 5º ano do Ensino Fundamental de duas escolas públicas de Tubarão, sul de Santa Catarina, a saber: Escola Básica São Judas Tadeu, 13 crianças, e Colégio Estadual João Teixeira Nunes, 15 alunos. Além de outros dados constatados sobre a vivência do virtual e a relação com a tecnologia, por essas crianças, a constatação unânime de predominância dos dispositivos tecnológicos e, principalmente, a *Apple*, com seu *iPhone*, como objeto de desejo. Assim, apresentamos alguns dados dessa pesquisa por intermédio de depoimentos, imagens e uma inferência, por meio da perspectiva do imaginário, do símbolo da maçã.

Todas as crianças ouvidas têm um dispositivo tecnológico próprio de acesso à internet sem restrições, de tempo e conteúdo, para acesso. As crianças vivenciam a tecnologia, acessam, curtem, apropriam-se e se projetam a partir das cenas do virtual. O espírito do tempo, unânime nas crianças ouvidas nos dois ambientes, é que o melhor da tecnologia é o *YouTube* e os canais de *Youtubers*. Podemos perceber nos trechos das falas das crianças, a seguir, a ilustração desta predominância: “Posso ficar o tempo que eu quiser”; “não consigo ficar sem celular”; “qualquer coisa, paro e espio o celular”; “eu copio mais rápido para ver o celular”; “quando estou fazendo tarefa, se erro, passo corretivo e, enquanto seca, vou olhar o celular”; “aquele sinal de mensagem é um ímã”.

E, como objeto de desejo, a *Apple* e seu *iPhone*. Na fala de todas as crianças, o dispositivo dessa marca é símbolo de desejo. Como se percebe, há uma sedução em torno desse aparelho. As crianças projetam tais marcas como sonho de consumo e ideal de futuro, inclusive, projetando o desejo de baixa do valor comercial do produto para torná-lo acessível. Na pergunta sobre o mundo tecnológico daqui a uma década, a maioria se colocou com um *i-Phone* acessível, com dispositivo atualizado e preço baixo. Assim, chamou nossa atenção a unanimidade do desejo, para o qual faremos algumas relações entre imaginário tecnológico, consumo e a simbologia da maçã, que representa a marca *Apple*. A seguir, demonstramos a produção das crianças sobre a vivência e os desejos frente à tecnologia, ou seja, sobre práticas virtuais no seu cotidiano.

Na escrita sobre o que elas aferiam como melhor na Internet e a imaginação sobre o futuro tecnológico uma década à frente, a maioria expressou o *iPhone* como símbolo de desejo, como podemos visualizar nas três produções seguintes:

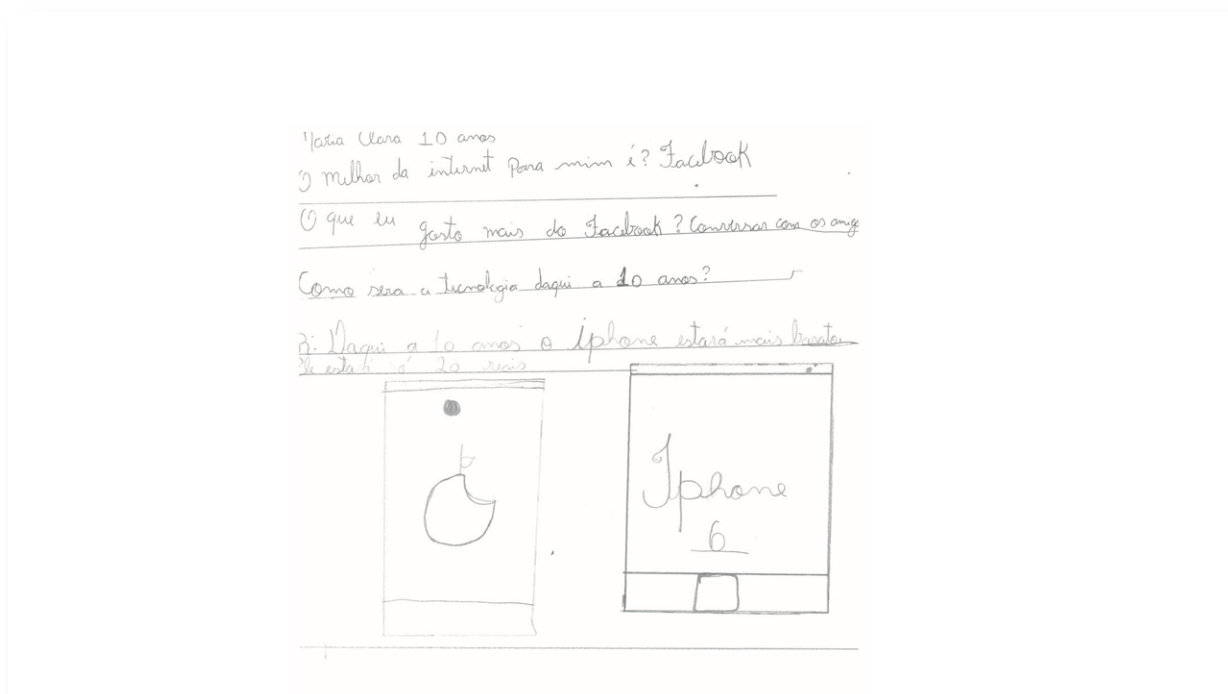


Figura 1: Produção infantil sobre preferência e futuro da tecnologia.
Fonte: Coleta de dados das autoras (2016).

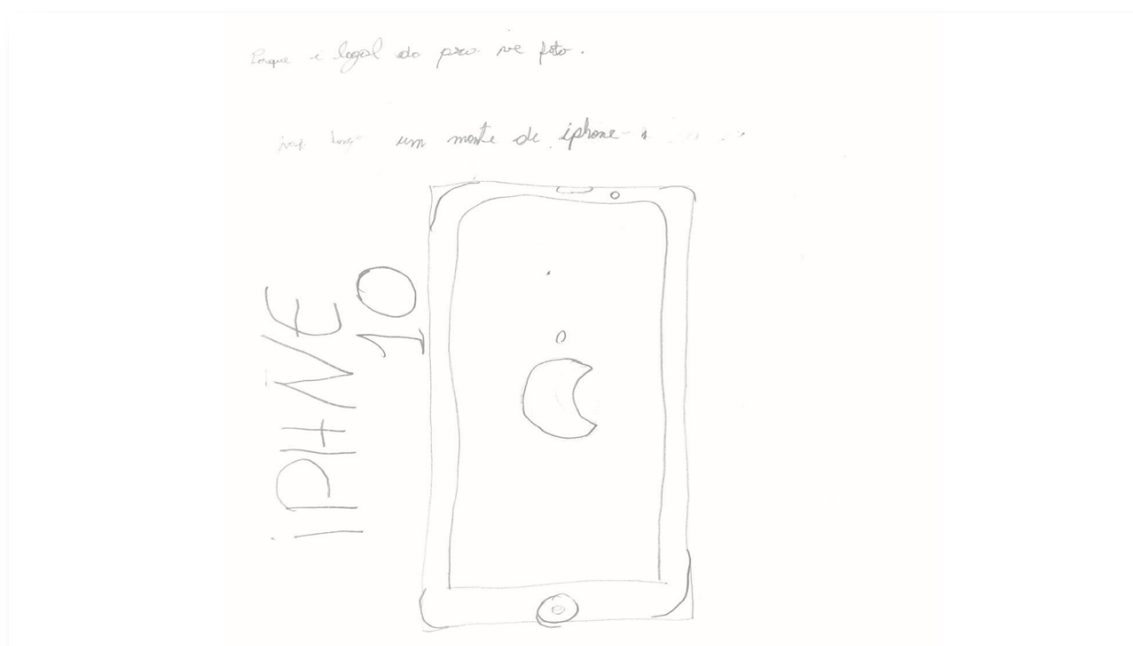


Figura 1: Produção infantil sobre preferência e futuro da tecnologia.
Fonte: Coleta de dados das autoras (2016).

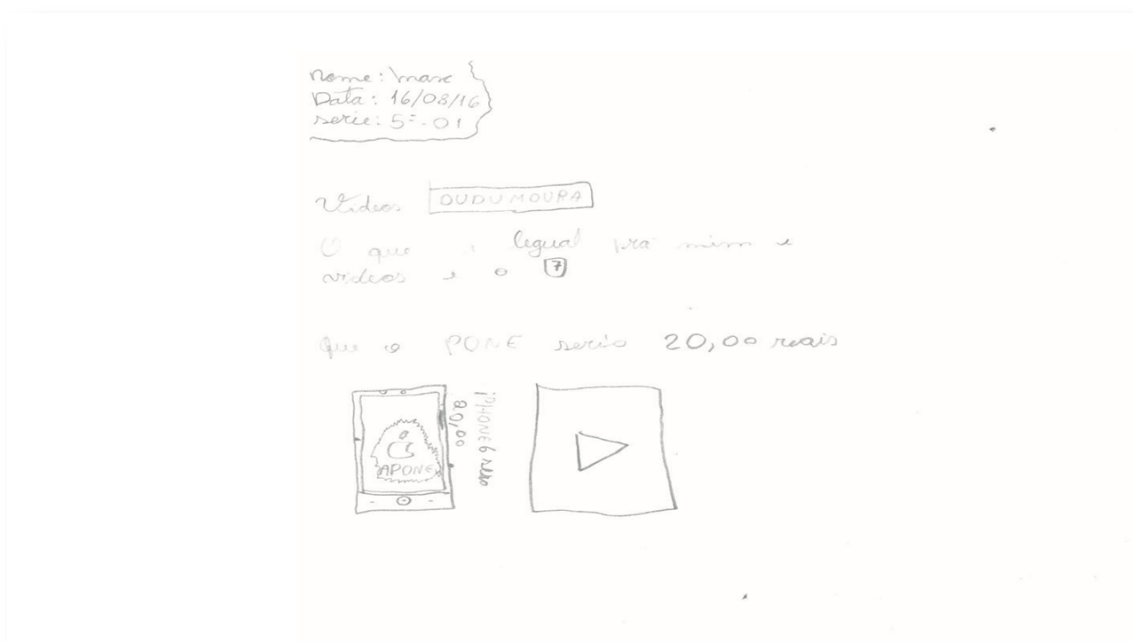


Figura 3: Produção infantil sobre preferência e futuro da tecnologia.
Fonte: Coleta de dados das autoras (2016).

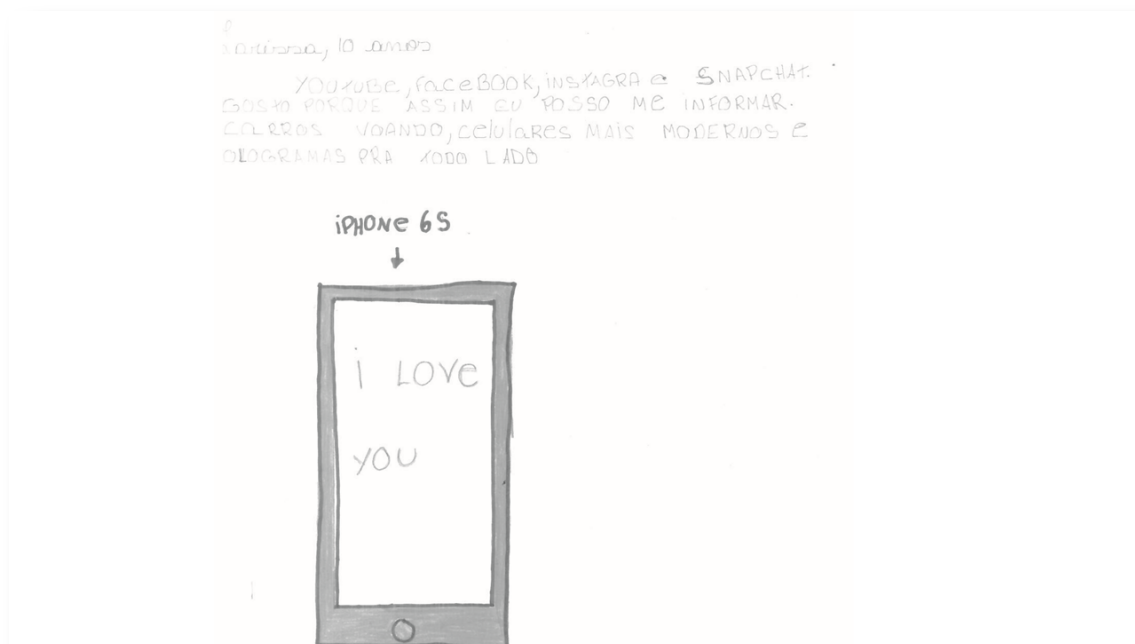


Figura 4: Produção infantil sobre preferência e futuro da tecnologia.
 Fonte: Coleta de dados das autoras (2016).

2. A imagem da sedução

Sabemos, pela perspectiva do Imaginário, que a imagem tem a capacidade de mobilizar afetos, memória, percepções. O homem é um ser simbólico e organiza a realidade a partir do imaginário. Ferreira-Santos e Almeida (2012, p. 34) nos explicam que a imaginação faz parte de um processo simbólico, enquanto que o imaginário é o repositório dinâmico dessa constelação de imagens. Assim, “a imaginação provê o movimento e o impulso das imagens que serão assimiladas e acomodadas às estruturas profundas do imaginário, compartilhando com a espécie seu repertório inesgotável de encantarias”.

Nesse campo do imaginário, o pensamento manifesta as imagens por meio das conexões que dão uma ideia do que é pensado, sonhado e não vivenciado, e por isso pode-se afirmar que essas conexões do real e do pensado provocam manifestações que são vistas como parte da realidade, apresentam sentido e automaticamente colocam o indivíduo em relação com o mundo e tudo o que o cerca. Nesse sentido, o imaginário ganha força quando se demonstra que ele não se distancia do real, mas que considera elementos os quais dão ao real mais complexidade. Sob esse ponto de vista, a imaginação ganha um lugar de destaque, porque passa a ser necessária à

vida humana, não por falar das coisas que não existem, mas porque essas coisas criam sentidos para a existência humana e participam da realidade (PERES, 2009). As práticas sociais se instalam porque fazem sentido para os atores envolvidos e se difundem por identificação. Logo, a pesquisa busca dar conta de um imaginário virtualizado, enquanto prática social, assim como objetiva o próprio Imaginário, segundo Durand (2002).

Bachelard nos alerta que o símbolo deve ser julgado pela sua força e não pela sua forma. A forma evoca um sentido que está para além. Com esse entendimento, buscamos uma reflexão em relação à maçã, símbolo da marca *Apple*. Para Cirlot (1984, p. 359), a maçã, como forma quase esférica, significa uma totalidade. É símbolo dos desejos terrenos, de seu desencadeamento. Por isso a proibição de comer maçã vinha da voz suprema, que se opõe à exaltação dos desejos materiais. “O intelecto, a sede de conhecimento é – como sabia Nietzsche – uma zona apenas intermediária entre a dos desejos terrenos e a da pura e verdadeira espiritualidade”.

Há um forte apelo pela simbologia da *Apple*, pois a maçã mordida evoca esses sentidos. Não há como não relacionar o símbolo à passagem bíblica de Eva a Adão, cena de sedução, que traz a conotação do proibido, mas sedutor. Tal relação fica nítida ao associarmos isso à sedução da tecnologia, especialmente ao desejo de possuir produtos *Apple*.

Com essa constatação, expressa aqui por trechos de narrativas, imagens e o símbolo da marca, denotamos o estilo de vida contemporâneo, estilo do cotidiano. Percebemos a estilização da existência nas prosas compostas, construídas e tecidas em conjunto. Para Azevedo (2016, p. 95), estamos vivendo uma mudança de paradigma pela virtualidade em nosso cotidiano, que tem resultado em influência no nosso modo de pensar e agir. Para a autora, atualmente “agimos impulsionados pela emoção fundamentada na sedução”. E complementa, ao afirmar que “as tecnologias não são meramente auxílios à atividade humana, mas também forças poderosas agindo para remodelar as atividades e seu significado” (AZEVEDO, 2016, p. 98).

Maffesoli, em sua obra *Ritmo da Vida* (2007, p. 179), enfatiza que as imagens e sua teatralidade das aparências são coisas suspeitas na tradição cultural ocidental, mas as vê como estruturas essenciais à vida social. O que Debord (1998) enfatizava como fim dos tempos, Maffesoli articula como o mundo “tal como ele é”, discutindo as “variações sobre o imaginário pós-moderno”. O Imaginário, para Maffesoli (2001), é o estado de espírito de um povo, uma “aura” coletiva que tem força social (de construção mental). O real é acionado pelas construções imaginárias. É impalpável, mas real: “todo imaginário é real. Todo real é imaginário” (SILVA, 2003). Assim, vemos ainda em Silva que podemos pensar o Imaginário como uma “bacia

semântica”, na qual armazenamos imagens, valores, vivências, significados, perspectivas que acumulamos durante a vida. E é dessa bacia que retiramos as motivações para guiar nosso trajeto antropológico, nossa rota, o caminho que vamos percorrendo ao longo da vida.

Inegável que o Imaginário Coletivo das gerações mais contemporâneas está marcado (e, muitas vezes, determinado) pela tecnologia. Inúmeras são as mudanças no cotidiano em função das tecnologias. As mudanças simbólicas têm efeitos reais. O resultado das ações virtuais (social, trabalho, estudo, informação) extrapola esse ambiente e dita relações para além do virtual. A relação homem e técnica faz parte do Imaginário. Une, cria uma sensibilidade comum, sensação compartilhada. Voltemos à tribalização em Maffesoli. A lógica da ação virtual não está na aferição da verdade, mas nas experiências compartilhadas, nas formas de sociabilidades estabelecidas (MARTINO, 2007, p. 179). Por conseguinte, o desejo de um parece ser desejo de todos. O desejo é compartilhado. O desejo, nesse caso, tem um símbolo. A maçã, da *Apple*, simboliza o desejo do *iPhone*.

3. Imaginário, Consumo e Pertencimento

Estar na moda implica consumir produtos que estejam na moda. E vivenciar a moda é uma prática presente em vários espaços sociais, como família, trabalho, lazer e, nesse sentido, entre pré-adolescentes, o espaço da escola torna-se um ambiente de trocas ou de exclusão. Trocam-se objetos valorados socialmente. Excluem-se aqueles que não participam dessas trocas. A simbiose entre os participantes de um mesmo grupo compartilhando os objetos que estão na moda se aproxima do que Maffesoli (1988) considera o “divino social”, ou seja, aquilo que se aproxima do partilhado pelo grupo. As crianças pesquisadas partilham o desejo de um objeto.

Esse estar na moda é estar sintonizado com seu tempo. Expressa a contemporaneidade dos objetos e, por esse motivo, os produtos da marca *Apple* tornaram-se objeto de desejo e de consumo. Usar produtos da marca *Apple* é estar sintonizado em seu tempo, aceito em sua tribo. É uma espécie de desejo coletivo que desencadeia a ideia de pertencimento. Se possuo o objeto do grupo, também dele faço parte.

Bauman (2008, p. 29) acredita que ocorre um fetiche pela mercadoria, uma fantasia associativa criada ao produto, cuja sensação é o fator que leva os indivíduos ao consumo, reforçando que “o fetichismo da subjetividade que assombra a sociedade de consumidores se baseia, em última instância, numa ilusão”.

Na pré-adolescência o desejo de aceitação em determinado grupo vem associado a todas as outras transformações que se processam nesse período. O ritual de passagem é sempre um período complexo do qual emanam muitas emoções e com as quais nem sempre os pré-adolescentes sabem lidar. Pitta (1984, p. 49) faz a seguinte reflexão sobre os ritos de passagem: “É que toda passagem é essencialmente difícil, semeada de obstáculos e com um ponto de chegada obscuro, inseguro”. Alunos de escolas públicas, das duas pesquisadas, têm seus celulares e *smartphones* com acesso ao ambiente virtual. Apesar disso, todos expressam o mesmo sonho de consumo. Foram unânimes. Esse sonho projeta-se no futuro.

Nesse contexto de insegurança, própria da pré-adolescência, ter o sentimento de pertencimento a um grupo é uma das ferramentas que os ajudam a fazer a travessia. Nesse caso, o *iPhone* torna-se um instrumento que faz dessa passagem um rito compartilhado. Ainda que o símbolo de comunhão seja um desejo.

Nesse imaginário grupal o sentimento de pertencimento a um grupo está conectado aos objetos de marca. Se a questão é tecnologia, quanto mais inovadora, maior o *status* que representa possuir um objeto o qual denota modernidade, mesmo que seja líquida essa ideia de modernidade, pois é efêmera a permanência da novidade. Logo haverá outro *iPhone*, mais arrojado, mais veloz, mais tecnológico. E então a busca pelo novo objeto de desejo recém-lançado moverá as conversas, os intervalos, atingirá a família, que é pressionada a esses desejos. Sobre essa experiência, assim se manifesta Miklos (2014):

A tecnologia avançou extraordinariamente na linha de produção de bens de curta duração e isso daria a pós-modernidade a característica de pós-industrial, entendendo-se por industrial a fase que prevalecia a indústria pesada e a produção de bens de longa duração. O mundo transformou-se numa grande vitrine- um supermercado global-, em que milhões de produtos diferenciados e de marcas do mesmo produto são oferecidos ao comprador (MIKLOS, 2014, p. 68).

Para os pré-adolescentes, essa grande vitrine global é um apelo ao consumo, a gigantesca onda que os move rumo ao novo, ao aparato tecnológico no qual quanto mais se produz o bem, mais obsoleto este vai se tornando, impulsionando as vendas em escala desenfreada.

Contrera (2005) nos alerta para o que chama de “armadilha do nosso tempo”, aquela que nos faz crer, pela força do sistema dos objetos, que todo sonho é representável. Lança a necessidade de buscarmos o potencial, esquecido, da imaginação, da qual falaremos a seguir.

4. Novas experiências de aprendizado: possibilidades?

Em décadas passadas, a inserção de tecnologias em sala de aula mobilizou forças antagônicas entre os profissionais da educação. Ora a tecnologia era compreendida como dispositivo que auxiliava no processo de ensino e aprendizagem, ora era vista como uma vilã a atrair os pré-adolescentes que trocavam as longas e expositivas aulas pela interatividade dos programas televisivos, dos filmes em DVD, dos primeiros aparelhos de telefonia móvel etc. Os professores, por sua vez, em alguns casos, alheios a esses processos, se tornaram reféns de sua própria didática de ensino. Aqueles que ainda que não compreendessem, de fato, a revolução trazida pelas tecnologias da comunicação e informação, arriscavam-se a navegar nas águas instáveis dessa rápida revolução, foram incorporando tais aparatos a seu fazer pedagógico e romperam uma visão mais estática de ensino, dinamizando a sala de aula com pesquisas breves, na tentativa de inserir essas ferramentas ao cotidiano escolar.

Nessa perspectiva, Souza (2009) assevera o seguinte:

A escola, como ambiente de formação do sujeito, abriga representações e simbolismos que atuam direta ou indiretamente nas produções de sucesso, fracasso, aprendizagem e construção de identidades. Seus artefatos, seus objetos carregados de significados, as formas de relações, os signos, a linguagem unem-se num todo articulado que vem a compor o inconsciente coletivo e as formas pelas quais vemos e projetamos o conceito de educação. (SOUZA, 2009, p. 152).

O conceito de educação no terceiro milênio está carregado de fragmentações que exigem um educador flexível ante as mudanças paradigmáticas de nosso tempo. É urgente entender, como nos ensina Castoriadis, (2007) que:

A práxis [...] se apoia sobre um saber, mas este é sempre fragmentário e provisório. É fragmentário, porque não pode haver teoria exaustiva do homem e da história; ele é provisório, porque a própria práxis faz surgir constantemente um novo saber, porque ela faz o mundo falar numa linguagem ao mesmo tempo singular e universal... um outro aspecto da práxis é que seu próprio sujeito é transformado constantemente a partir desta experiência em que está engajado e que ele faz, mas que o faz também. (CASTORIADIS, (2007, p. 95).

No mundo tecnológico dos *iPhones*, objeto de análise do presente estudo, esse saber fragmentário e provisório ganha contornos ainda maiores, haja vista a efemeridade de sua modernidade. Assim, urge que a práxis educativa torne-se uma atividade prática poiética, no

sentido da *poiésis*, conforme descreve Córdova (1994, p. 43): “A autêntica criação que está presente na alteridade, na autoalteração e na gênese ou posição do inédito; práticas se refere à práxis, processo de desenvolvimento da autonomia humana através do próprio exercício da autonomia”.

A pesquisa desenvolvida com os alunos do Ensino Fundamental comprova a necessidade de se inserir essas ferramentas tecnológicas ao fazer pedagógico, pois um *iPhone* se constitui com parte integrante do corpo do pré-adolescente, uma extensão da própria mão. Dessa forma,

a tarefa da educação é de transformar o “caos” (o indefinido/ o indeterminado) em “cosmos”, (o relativamente definido/provisoriamente “quanto ao uso” determinado) velar para que a *hubris* (o excesso/ o destempero) não prevaleça sobre a *diké* (a justiça, a temperança), sabendo, de antemão, que antes de uma certeza, está diante de um desafio, de uma questão a ser enfrentada na práxis (CÓRDOVA, 1994, p. 43).

Cumprido dizer, ainda, que o caos poderá reorganizar a práxis cotidiana do fazer docente e que a escola e suas tecnologias precisam se presentificar no fazer dos pré-adolescentes os quais devem mirar o professor como um vanguardista de uma história construída por muitas mãos, ainda que essas mãos sejam tecnizadas a partir do uso dos *iPhones*. Azevedo alerta-nos (2016, p. 106) que as crianças já sabem lidar com naturalidade e criatividade frente às tecnologias. Já os adultos demandam uma aprendizagem não somente na área cognitiva, mas também na afetiva e psicomotora. Além disso, há uma aura de desejo e sedução simbolicamente materializada pela tecnologia, como bem retratou o resultado de nossa pesquisa.

O avanço da utilização da tecnologia vem se dando não somente pelas facilidades que permite como uma extensão das capacidades humanas mas, também, porque passou a ser no imaginário social do brasileiro um objeto de desejo, como um indicador de status social e intelectual, haja vista a utilização atualmente de telefones celulares como acesso às redes eletrônicas. Está se chamando imaginário social, as representações mentais que são o substrato de nossos pensamentos e ações (AZEVEDO, 2016, p. 107).

Com as vivências virtualizadas, cabe à imaginação essa aproximação com o simbólico. “Redescobrir a imaginação e seu potencial de nos reconduzir ao simbólico será certamente essencial tanto para a reconstrução de um sentido possível à vida, quanto para a tarefa de resiliência a qual o atual cenário mundial de convulsões sociais e ambientais nos convoca” (CONTRERA, 2015, p. 70). Essa mesma autora nos traz Jung, ao falar de uma energia psíquica

mobilizada pelo símbolo. A imagem simbólica, com “sua realidade como portadora e mobilizadora de energia”.

Essa energia pode ser vital ao dinamismo do imaginário coletivo, especialmente no ambiente escolar, e às práticas virtualizadas, autônomas e de autoria que já fazem parte do cotidiano infantil. Vale, agora, o aproveitamento dessas possibilidades como competência afetiva do simbólico.

Frente a esse espírito do tempo contemporâneo, diante das narrativas tecidas sobre os desejos tecnológicos e práticas cotidianas, urge pensar em alternativas que permitam uma aproximação entre os cenários que se mostram diferentes, ou seja, o imaginário tecnológico infantil e o imaginário escolar. A experiência inicial foi a proposição de um minicurso ofertado pelo Grupo de Pesquisas do Imaginário e Cotidiano, da Universidade do Sul de Santa Catarina, no VIII Simpósio de Formação de Professores. Com o título “A imagem da descontração: canais infanto-juvenis no *Youtube* como prática de inovação na escola”, buscamos discutir os dados da pesquisa, o imaginário tecnológico, os símbolos de desejo e os usos e mediações possíveis da tecnologia como dispositivo de autoria e criação.

As tecnologias de sedução ao Imaginário Social atingem o caráter ético (motivação) e o estético (apreciação) das produções, tais como os canais dos *Youtubers*. O caráter estético é essencial para conquistar a audiência; o ético, para mantê-la. A popularidade, visualização, enfim, a grande audiência de vídeos não profissionais faz parte da socialidade e do Imaginário pós-moderno, o que temos chamado de “espírito do tempo”. Os estudiosos de um imaginário pedagógico alertam-nos que as imagens do discurso educativo precisam estar dotadas de uma intensidade expressiva, capaz de atrair – quer pela cumplicidade, quer pela surpresa – os interlocutores, provocando nestes um efeito semântico, mas também afetivo das imagens. Assim, o minicurso e as ações desenvolvidas frente aos dados da pesquisa têm por objetivo contextualizar esse cenário que envolve as tecnologias e as crianças e jovens, bem como apresentar ferramentas de criação de canais no *Youtube* como prática de inovação pedagógica, aproximando o interesse e a competência infanto-juvenil de criação e autonomia para assuntos e reflexão de conteúdos curriculares. As ações têm envolvido professores dos ensinos Fundamental e Médio com interesse em conhecer e aplicar tais ferramentas na prática escolar.

5. Considerações Finais

A pré-adolescência é a fase de profundas transformações, tanto no aspecto biológico quanto no emocional. É uma etapa da vida na qual se busca a identificação em grupos, em tribos com comportamentos e gostos semelhantes. Um desses comportamentos é uso da tecnologia portátil, como os *iPhones* e similares.

Joel de Rosnay, citado por Pitta (1999, p. 3), comenta que em breve nos locomoveremos em autoestradas eletrônicas: "A rede mundial Internet é o esquema dos novos ciberespaços coletivos – definidos como "Espaço-tempo eletrônico criado pelas redes de comunicação e as interconexões entre computadores multimídia" – nos quais circulariam clones virtuais, agentes inteligentes "Cria-se então uma *Cultura Fractal*: "cultura que traz em si os germes de sua própria construção". E os pré-adolescentes se situam nessa cultura em construção, traçando novos espaços míticos que nos tornam animais simbólicos e que a expressão do *iPhone*, simbolizados pela maçã, logomarca da *Apple*, configura-se como expressão da cultura em que circulam e se forjam as identidades.

É possível manter apegos infantis mesmo depois desse período da vida. Em nossa sociedade contemporânea os pré-adolescentes são deixados à mercê de si próprios para fazerem seu ritual de passagem sozinhos, quando quiserem, como se fosse algo natural. O peso psicológico dessa passagem é grande, as migrações de uma fase à outra não acontecem de forma natural. O resultado é que a passagem acontece de forma casual e mediada pelo consumo cada vez mais sacralizado das tecnologias de informação e comunicação.

Cabe a nós, pesquisadores, debater e propor reflexões e ações de atualização do imaginário social em relação à utilização da tecnologia, especialmente para ações de aprendizagem, pois ela, a tecnologia, encontra-se incorporada ao cotidiano das pessoas e aparece como símbolo de *status* e sedução.

Referências

AZEVEDO, Nyrma Souza Nunes de. Pesquisa e reflexões sobre redes sociais. In AZEVEDO, Nyrma Souza Nunes de; SCOFANO, Reuber Gerbasi. **Estilhaços do Imaginário**. Campinas: Alínea, 2016.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para Consumo**. A transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CASTORIADIS, C. **A Instituição Imaginária da Sociedade**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

CIRLOT, Juan-Eduardo. **Dicionário de Símbolos**. São Paulo: Moraes, 1984.

CONTRERA, Malena Segura. **A Imagem Simbólica na Contemporaneidade**. Anais do II Congresso do CRI2i. A teoria geral do Imaginário 50 anos depois: conceitos, noções e metáforas. Porto Alegre, Brasil, 29 a 31 de outubro de 2015.

CÓRDOVA, R. Imaginário Social e Educação: criação e autonomia. **Em Aberto**, Brasília, ano 14, nº 61, p. 24-44, jan/mar. 1994.

DURAND, Gilbert. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário: introdução à arquetipologia geral**. Lisboa: Presença, 2002.

MAFFESOLI, Michel. **A Contemplação do Mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

_____. **O Tempo das Tribos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Estética da Comunicação: da consciência comunicativa ao “eu” digital**. Petrópolis: Vozes, 2007.

MIKLOS, Jorge. A Religião da Tecnologia. In: MOREIRA Alberto da Silva *et al.* (Orgs.). **Religião, Espetáculo e Intimidade: múltiplos olhares**. Goiânia: Editora da PUC, Goiás, 2014.

MORAES, Heloisa Juncklaus Preis. **A Descoberta e a Vivência do Virtual: experiências infantis**. Florianópolis: DIOESC, 2012.

PERES, Lúcia Maria Vaz; EGGERT, Edla; KUREK, Deonir Luís. **Essas Coisas do Imaginário: diferentes abordagens sobre narrativas (auto) formadoras**. São Leopoldo: Oikos; Brasília: Liber Livro, 2009.

PITTA, Daniele Perin Rocha (org.) **O Imaginário e a Simbologia da Passagem**. Recife: Massangana, 1984.

_____. A Expressão Mítica na Complexidade dos Espaços Imaginários. Disponível em: </ru.ffyl.unam.mx/bitstream/handle/10391/3453/03_Espacios_Imaginarios_MNL_1999_Perin_Danielle_49_63.pdf. 1999>.

RAHDE, Maria Beatriz Furtado; DALPIZZOLO, Jaqueline. Considerações sobre uma estética contemporânea. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, 2007.

SILVA, Juremir Machado da. **As Tecnologias do Imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

SOUZA, Carla C. Silveira de. Representações Sociais, Imaginário, Cotidiano e Escola. In: AZEVEDO, Nyrma N. de e SCOFANO, Reuber Gerbasi (Orgs.). **Recortes do Imaginário**. Campinas, SP: Alínea, 2009.

Recebido em: 18 de abril de 2017.

Aceito em: 30 de junho de 2017.

TABULEIRO DE LETRAS

A figura de retórica Quiasma aplicada à argumentação visual¹

The Application of Chiasm to Visual Argumentation

Laene Mucci Daniel²

RESUMO: Este trabalho visa relacionar a figura de retórica Quiasma ao princípio do design Contraste. Na percepção de que o contraste no quiasma acontece principalmente pelo cruzamento de lugar (e não de significado), concluímos que, ao posicionar dois elementos diferentes, o quiasma não apresenta uma oposição dicotômica que separa os elementos de forma cartesiana. É um contraste em que as palavras/ideias se posicionam em lados separados, mas num arranjo argumentativo orgânico, interdependentes, sem extremismos.

Palavras-chave: Quiasma; Retórica da imagem; Contraste. Comunicação visual.

ABSTRACT: Chiasm is a figure of speech which relates to the principle of contrast in design. Contrast in chiasm happens largely by the switching of place rather than the meaning, leading to the conclusion that the positioning of two distinct elements does not constitute a dichotomous opposition that separates the elements in a Cartesian fashion. The contrast lies in how the words or ideas position themselves side by side in an organic argument, which is neither interdependent nor extreme.

Keywords: Chiasm; Rhetoric of the image; Contrast; Visual communication.

1 Introdução

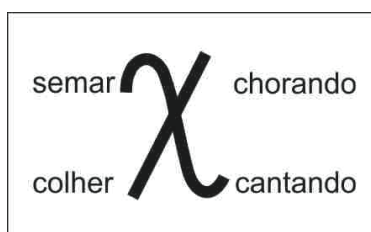
Ao tratar da Retórica prática, em aula ministrada em 18 de março de 2014, pela disciplina “A Retórica: de suas origens aos dias atuais”, na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, a professora Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa defendeu que o “discurso retórico precisa ser visual”, apresentando-nos a quiasma, uma “figura de pensamento literária de linguagem”, possuidora de uma “estrutura de convencimento, contra-argumentativa sofisticada” (BARBOSA, 2014). Num primeiro momento, o exemplo apresentado (“aqueles que semeiam chorando colhem cantando”), nos remeteu ao conceito de contraste, um dos

¹ Trabalho produzido na disciplina “A Retórica: de suas origens aos dias atuais”, do programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG.

² Doutoranda em Estudos Linguísticos na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG. laenemucci@gmail.com

princípios do design, segundo Robin Williams (1995) na sua obra que trata das noções básicas de planejamento visual. A figura Quiasma – também denominada quiasmo – é representada pela letra grega “Qui” forma um “X” em que as palavras se posicionam de forma oposta, conforme Figura 1.

Figura 1: Representação visual de Quiasma



Fonte: Baseado em BARBOSA (2014)

Entendemos, inicialmente, que a quiasma é uma construção de palavras e ideias contrastantes que auxiliam na compreensão e no destaque da mensagem. Frases construídas em forma de quiasma impactam. Da mesma forma, o princípio do contraste objetiva “criar interesse sobre uma página; se ela tiver uma aparência interessante, atrairá leitura” (WILLIAMS, 1995, p. 62). Ambos, quiasma e contraste, são formas de valor argumentativo para despertar o interesse e ajudar na adesão à mensagem apresentada.

Para discutir a relação percebida entre a figura quiasma e o princípio contraste, iniciamos um estudo entre retórica e comunicação e retórica e imagem. Ao nos aprofundarmos na relação entre a figura e o princípio (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005; ARISTÓTELES, 2005; WILLIAMS, 1995; COIMBRA, 2007), percebemos que a afinidade não é de conteúdo, como inicialmente acreditamos, mas de posição.

2 A Retórica e a Comunicação

No tratado da argumentação, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), em consonância com Aristóteles (2005), reafirmaram o caráter utilitário da retórica, reconhecendo seu papel em sistematizar as relações comunicacionais entre os humanos. Em outro estudo, Perelman relaciona a comunicação à retórica:

Desde que uma comunicação tenda a influenciar uma ou várias pessoas, a orientar o seu pensamento, a exercitar ou a apaziguar as emoções, a dirigir uma ação, ela é do domínio da retórica. (PERELMAN, 1997, p.177 *apud* PINHEIRO, 2012, p. 49).

Ainda em acordo com Pinheiro (2012), acreditamos que jornais e reportagens, bem como anúncios publicitários, sob o efeito da retórica (a arte do discurso), tornam-se discursos contemporâneos. Entendemos esse efeito como um ato retórico

[...] que cria uma mensagem, cujo teor e forma, começo e fim são nela marcados por um autor humano, com um propósito, para uma audiência (CAMPBELL, 1982 *apud* PINHEIRO, 2012, p. 25).

Enquanto a retórica clássica focava a expressão oral e performática do orador, atualmente o verbal e o visual, nos meios de comunicação, são fundamentais para argumentar (PINHEIRO, 2002, p. 80).

Se o ato retórico, portanto, é “uma tentativa intencional (...) com uma audiência específica (...) para conseguir um determinado objetivo” (CAMPBELL, 1982 *apud* PINHEIRO, 2012, p. 25), compreendemos o ato de planejar visualmente um anúncio ou uma reportagem como um ato retórico em que, assim como defendeu Aristóteles (2005), escolhe os meios apropriados para persuadir. Mesmo que os estudos de retórica da imagem empreendidos por Roland Barthes (1990), Umberto Eco, Jacques Durand, Georges Péninou, Jean Marie Floch (*apud* SANTARELLI; SOUZA, 2006), Martine Joly (1996), Jacques Aumont (2004), tenham se dado sob um *corpus* de anúncios publicitários, vislumbramos nosso estudo a partir de qualquer suporte que necessite de um planejamento visual, seja ele um anúncio publicitário ou uma matéria jornalística, ambos apresentando, para além da mensagem textual, a mensagem visual, porque compreendemos que a retórica da imagem inclui

[...] un conjunto de operaciones artificiosas que caracterizan el mensaje y buscan el asentamiento persuasivo y emotivo por parte de los receptores. (FONT, 1981, p. 18 *apud* DIAZ, 2005, p. 7).

É nesse sentido que os textos jornalísticos iconográficos, ou seja, suas mensagens visuais compartilham finalidades com as imagens publicitárias (DÍAZ, 2005). São as finalidades de chamar a atenção, persuadir, se tornar compreensíveis, porque não basta somente o discurso enquanto conteúdo, mas também o discurso como forma em que se apresenta.

Segundo Aristóteles, “[...] não basta possuir a matéria do discurso; urge necessariamente exprimir-se na forma conveniente, o que é de suma importância para dar ao discurso uma aparência satisfatória” (ARISTÓTELES, 2005, p. 173).

Acreditamos, portanto, que “a comunicação é intrínseca à retórica, pois, ao comunicar algo, pretende-se compartilhar uma ideia e, ao ter o convencimento como objetivo, a argumentação é um dos fatores primordiais para a eficiência desse discurso persuasivo” (PINHEIRO, 2012, p. 49).

3 A Retórica e as Figuras

As figuras de retórica, apesar das críticas, desde Aristóteles, não são consideradas, somente como ornamentos. No século XIX, o estudo taxionômico de Fontanier concentrava-se sobre a dimensão persuasiva das figuras (BONHOMME, 2009). Assim como a própria retórica, elas foram renovadas, a partir do Tratado de Perelman e Olbrechts-Tyteca, e deixaram de ser vistas como ornamentais para incorporarem um caráter mais argumentativo (PINHEIRO, 2012, p. 64). A figura é “[...] uma fruição a mais, uma licença estilística para facilitar a aceitação do argumento” (REBOUL, 2004, p. 114). Para Reboul, a figura é considerada de retórica quando desempenha um papel persuasivo. Figura de retórica, para o autor, é qualquer tipo de recurso ou manipulação da linguagem com fins persuasivos, expressivos ou estéticos com o objetivo de ampliar o significado ou a ênfase que o orador quer imprimir em seu discurso (REBOUL, 2004).

Em seu trabalho sobre a relação entre a função argumentativa e a estilística das figuras de retórica, Marc Bonhomme (2009) discorda de Perelman, que valoriza a dimensão argumentativa das figuras com relação à dimensão estilística. Para Bonhomme, “[...] toute ces fonctions figurales ont en principe la même valeur, chacune d’entre elles étant pertinente selon la situation de communication où elle se manifeste (2009, p. 5). Essas funções não são decididas, *a priori*, elas decorrem da produção dos discursos. Nosso estudo, portanto, compreende que as figuras de linguagem são importantes ao discurso, pela sua função, tanto argumentativa quanto estética.

Em sua análise discursiva acerca da comunicação, Alice Krieg-Planque relembra que as figuras de discurso são mecanismos conhecidos da retórica, importantes e “inseparáveis” para o momento que a retórica clássica chama de memória, “cujo interesse consiste no que é feito,

no discurso, para ele ser memorizado e eventualmente retomado” (KRIEG-PLANQUE, 2011, p. 3).

Foi Fontanier que, em 1818, traçou a taxionomia mais rica e sistemática das figuras de retórica, dividindo uma centena delas em classes repartidas em gêneros, espécies e variedades (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004). Estudos mais recentes têm proposto outras tipologias. Olivier Reboul (2004) classificou e nomeou as figuras de retórica de acordo com a forma que se relacionam ao discurso no qual são encaixadas: figuras de palavras (o fônico), de sentido (o sintático) e de construção (o semântico) e de pensamento.

As figuras de palavras referem-se à sonoridade; as de sentido alteram o significado das palavras; as de pensamento tratam da relação do discurso e o sujeito (orador); as de construção são aquelas nas quais se situa a quiasma, referem-se à ordem natural das palavras ou do discurso e seus procedimentos são por subtração, repetição ou permutação (REBOUL, 2004).

Também chamadas de metataxes, as figuras de construção resultam de manobras ocorridas “na expressão e na forma plástica dos enunciados. Operam efetivamente na relação sintática dos vocábulos, mas seu efeito incide tanto na expressão como no conteúdo” (HUBERT, 2011, p. 50).

Tanto Aristóteles (2005) quanto Reboul (2004) e Barthes (2001 *apud* Pinheiro, 2012), em suas classificações sistêmicas da retórica, citaram a operação *Elocutio* (elocução) como o momento que não diz respeito à palavra oral, mas ao estilo, quando são acrescentadas as figuras retóricas. Para Martha C. Chamorro Díaz, “[...] dentro de la elocutio se encuentra el ornatus, o la forma de embelecer el texto, y dentro de éste, las figuras retóricas” (DÍAZ, 2005, p. 5).

Na elocução, ao se constituir o estilo do discurso e das suas figuras, presencia-se uma carga imagética, tanto em termos heurísticos quanto da própria produção de imagens, de modo que algumas figuras de estilo são consideradas e conceituadas como imagens (FERREIRA *et al*, 2008).

Las figuras retóricas (consciente o inconscientemente) son las que permiten la interrelación de todos los signos que componen el espacio de la imagen. Esta última permite que la imagen logre los supuestos mundos, probables o improbables que describe. (DÍAZ, 2005, p. 7).

4 A Retórica e a Imagem

Olivier Reboul afirmou que “a imagem é retórica a serviço do discurso, não em seu lugar” (REBOUL, 2004, p. 85). Roland Barthes, o precursor dos estudos da retórica da imagem,

discordou de Reboul, retrucando que tudo é imagem, seguido por Maria Augusta Babo: “toda a expressão remete para um conteúdo de dimensão imagética” (BABO, 2005, p. 110 *apud* PINHEIRO, 2012, p. 82).

Segundo Lineide Mosca (2004), a ciência da retórica é necessária ao nosso mundo contemporâneo, no qual o poder é instituído pelo simbólico: palavras e imagens. “O nosso universo está repleto de imagens. O nosso pensar passa pelas imagens. O nosso sentir não as ignora. O nosso agir habituou-se a lidar com elas (ABRANTES, 1999, p. 2).

Como afirmam Santarelli e Souza (2006), Roland Barthes defendeu a existência de uma retórica da imagem semelhante à retórica verbal. Com o trabalho *Retórica da imagem*, de 1964, Barthes abriu caminhos para futuros estudos sobre a imagem.

A partir da premissa de Barthes, demonstrando que os conceitos da retórica tradicional poderiam ser aplicados à imagem publicitária, Durand, em um *corpus* de mais de mil anúncios publicados nos anos de 1960, constituiu uma retórica visual, traduzindo todas as figuras da retórica clássica verbal em imagens (SANTARELLI; SOUZA, 2006).

Para identificar as figuras da retórica visual, Durand iniciou seu estudo construindo uma tabela de relações entre os conteúdos e as formas das figuras de retórica, estabelecendo, no plano do conteúdo, cinco tipos possíveis de relações entre os elementos associados (...) e, no plano das formas, quatro tipos de operações retóricas. (DURAND *apud* SANTARELLI; SOUZA, 2006, p. 7-8).

No plano do conteúdo, foram relacionados cinco tipos de relações entre os elementos associados: identidade, similaridade, diferença, oposição e falsa homologia. No plano da forma, estabeleceram-se quatro tipos de operações retóricas: adjunção, supressão, substituição e troca. Nessa classificação geral das figuras de retórica, a figura quiasma foi classificada quanto ao seu conteúdo como oposição e quanto à sua forma como operação de troca (SANTARELLI; SOUZA, 2007, p. 8).

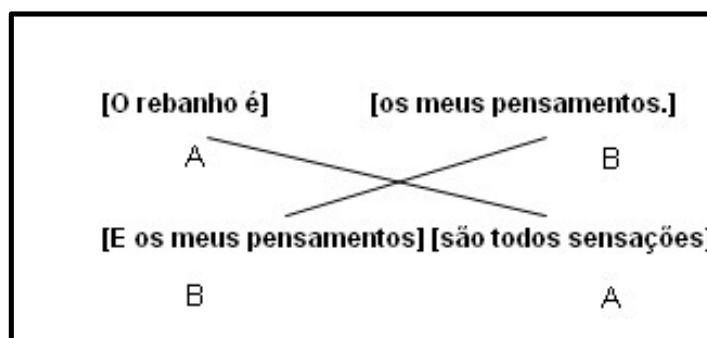
5 A Figura de Retórica: Quiasma

A palavra quiasma vem do vocábulo grego *khiasmós* que determina uma disposição de duas letras cruzadas, tal como a letra grega *khi*, representada visualmente sob a forma de X, conforme mostrado na Figura 1. “Como um recurso gramatical e retórico, a figura do quiasma define-se basicamente como um paralelismo invertido, ou seja, a distribuição dos elementos

não é correlativa, mas sim cruzada” (COIMBRA, 2007, p. 1) Na sua superfície textual, a figura quiasma opera sobre a estrutura frásica, dispondo quatro elementos, dois a dois, numa estrutura cruzada, do tipo AB-BA. Como na máxima de Quintiliano, *Non ut edam vivo, sed vivam edo*, que se traduz em “Não vivo para comer, mas como para viver”, em que fica clara a inversão dos pares de construções simétricas (COIMBRA, 2007). Ou no trecho bíblico “os últimos serão os primeiros, e os primeiros serão os últimos” (MATEUS, 20, 16).

Ao tratar de recursos estilísticos, Ribeiro explica que “o quiasmo aparece quando duas partes de frase ou frases completas, que contêm uma anáfora³, não são construídas paralelamente, mas em oposição, como imagem e reflexo” (RIBEIRO, s/d), conforme demonstrado na Figura 2. Hubert informa que a figura quiasma, também chamada de conversão, é obtida quando uma ordem simétrica é desenvolvida de forma contrária, “em que há uma simetria em cruz, que pode valer tanto para o sentido como para a gramática” (HUBERT, 2011, p. 55).

Figura 2: A estrutura cruzada do quiasma



Fonte: [http://www.infopedia.pt/\\$quiasmo;jsessionid=fJOM7bEh3H37NcbmOChb6w](http://www.infopedia.pt/$quiasmo;jsessionid=fJOM7bEh3H37NcbmOChb6w)

Para Wiseman (2001 *apud* Coimbra, 2007), o quiasmo pode ser abordado do ponto de vista da organização do pensamento e “a sua função tem sido comparada com a de outras contraposições conceituais: as dicotomias e os pares dialécticos, por um lado, e as simples oposições de conceitos e as oposições complementares, por outro” (GONZÁLEZ, 1995 *apud* COIMBRA, 2007).

Ao permutar simetricamente termos de uma frase ou expressão, o quiasma “geralmente é empregado para contrastar significados”, exemplificado em “Veja não tira os olhos do Brasil.

³Em retórica, anáfora é a repetição da mesma palavra ou grupo de palavras no princípio de frases ou versos consecutivos.

E o Brasil não tira os olhos de Veja” (GONZÁLES, 2003, p. 129). A partir do cruzamento mostrado na Figura 2, fica claro, entretanto, que a oposição não se apresenta exclusivamente entre significados dicotômicos. O que contrasta no quiasma é a disposição cruzada de frases, palavras ou trechos de frases que chamam a atenção pelas posições opostas que ocupam, na forma de *X*. O contraste no quiasma pode ser pela posição cruzada de conceitos, significados ou ideias também opostos entre si, conforme os seguintes exemplos:

- a) Era fera lá fora, em casa carneiro era.
- b) Quem semeia devagar, depressa colhe.
- c) Morro porque te odeio. Amo-te porque vivo.

Mas pode acontecer também pela simples inversão de posições que ocupam os elementos da construção frasal, vista nos exemplos:

- a) A bênção como espada. A espada como bênção.
- b) Vinhas fatigada e triste, e triste e fatigada eu vinha.
- c) Vende mais porque é mais fresquinho. É mais fresquinho por que vende mais?

Não nos interessa aqui aprofundar na configuração linguística do quiasmo, bem desenvolvida em Coimbra (2007). Basta-nos constatar que, pequeno ou grande, construído com duas ou quatro frases, simples ou composto, semântico ou sintático, o quiasma é um tipo de paralelismo que se distingue pela posição cruzada dos elementos coordenados que frequentemente “expresan unos conceptos antitéticos⁴. Los elementos cruzados pueden ser idénticos o distintos” (SPANG, 1991, p. 147 *apud* COIMBRA, 2007, p. 3). Semelhantes ou diferentes, os elementos do quiasma diferenciam-se e chamam a atenção porque contrastam, de forma cruzada. O quiasma é, portanto, uma figura de construção de contrastes.

6 O Princípio do Design: Contraste

Segundo Williams, o contraste “costuma ser a mais importante atração visual de uma página” (1995, p. 14). Além de auxiliar na “organização das informações”, ele seduz o olhar e ajuda na leitura.

⁴Aquilo que pode ser relacionado ao oposto, sentido de contrário, ambiguidade.

O leitor deveria ser capaz de compreender instantaneamente a maneira através da qual as informações são estruturadas, o fluxo lógico de um item para outro. Os elementos contrastantes nunca deveriam confundir o leitor ou criar um foco que não seja o correto. (WILLIAMS, 1995, p. 62).

O contraste tem como propósito básico criar interesse sobre uma página. Para isso, é preciso posicionar dois elementos diferentes, eles “não devem ser similares”. O interesse visual só é criado se os itens contrastarem entre si, com elementos marcantes. “Se os itens não forem exatamente iguais, diferencie-os!” (WILLIAMS, 1995, p. 62). Williams afirma que a maneira mais fácil de acrescentar contraste é trabalhar com as fontes (conceito da área da Editoração para tipo de letra). Uma fonte *bold* (negrito) com outra *light* (fina), por exemplo. Ou contrastando palavras da mesma fonte em letras maiúsculas com outras em minúsculas, letras grandes com letras pequenas, fontes em estilo antigo com outras modernas (conforme Figura 3). Para Williams, a combinação de fontes diferentes deve aperfeiçoar a comunicação e não confundir.

Figura 3: Contraste de estilos de fontes



Fonte: adaptado de Williams, 1995, p. 83

O autor afirma que a tipografia é uma das maneiras mais eficazes de se conferir contrastes, mas ensina outras maneiras de contrastar os itens:

[...] uma cor fria com uma mais quente; uma textura áspera com uma lisa; um elemento horizontal (por exemplo, uma longa linha de texto) com um elemento vertical (por exemplo, uma coluna estreita de texto); linhas muito espaçadas com linhas bem próximas; uma figura pequena com uma figura grande. (WILLIAMS, 1995, p. 53).

A partir dessa afirmação, Mucci Daniel (2014) percebe a existência de outros contrastes tão marcantes quanto o tipológico e propõe uma classificação mais abrangente. Enquanto Williams (1995, p. 82) afirma a existência de “seis maneiras claras e diferentes de contrastar a tipologia: tamanho, peso, estrutura, forma, direção e cor”, a professora classifica o contraste em seis grandes tipos: cor, posição, espessura, tamanho, aparência e representação de ideias/conceitos, entendendo que eles atendem a vários recursos visuais: fonte, foto, ilustração, fio, box, infográfico. A fonte, assim como outros recursos visuais, pode ser aplicada de forma contrastante em relação à sua cor, posição, espessura, tamanho, aparência e até em representação de ideias/conceitos, no caso das fontes decorativas (ver Figura 4).

Figura 4: Contraste de representação de ideias em fontes



Fonte: http://www.netfontes.com.br/fontes.php/categ_0.10.htm

Segundo Mucci Daniel (2014), os seis grandes tipos ainda aceitam um número ilimitado de subdivisões contrastantes, de acordo com as observações e descobertas dos pesquisadores. De imediato, a pesquisadora subdividiu os seis grupos em:

- a) cor (claro e escuro, nítido e embaçado, suave e forte);
- b) posição (em cima e embaixo, à direita e à esquerda, vertical e horizontal, atrás e à frente)
- c) espessura (fino e grosso);
- d) tamanho (pequeno e grande);
- e) aparência (vestido e nu, cabeludo e careca, novo e velho, gordo e magro, quente e frio, leve e pesado, redondo e quadrado);
- f) representação de ideias/conceitos (mau e bom, anjo e diabo, rural e urbano, pobre e rico, direita e esquerda políticas, alegria e tristeza).

O contraste de cor acontece quando as cores realmente se diferenciam. Preto e cinza não contrastam, a não ser que o cinza seja claro, pelo menos 50% do preto total. As cores podem se diferenciar em claro e escuro, azul celeste e azul marinho; suave e forte, vermelho e verde água; nítido e embaçado, formas focadas e desfocadas, por exemplo. A Figura 5 mostra a capa da revista *Vida Simples*, edição 92 de maio de 2010, em que há o contraste do azul e laranja, do branco e laranja, do branco e azul.

Figura 5: Contraste de cor



Fonte: <http://lepetitvert.blogspot.com.br/p/festas-tematicas.html>

O contraste de posição abrange muitas possibilidades (em cima e embaixo, à direita e à esquerda, vertical e horizontal, atrás e à frente), conforme visto na Figura 6, em que a página do caderno *Pensar* do jornal *Estado de Minas*, de 11/08/2012, traz duas fotos posicionadas em cima à direita e embaixo à esquerda contrastando entre si.

Os contrastes de espessura e tamanho são muito usados entre fontes *bold* (negrito) e *light* (fina); fios (linhas verticais ou horizontais que separam as matérias nas páginas de jornal) de milímetros desiguais; fontes, fotos e, ou pessoas pequenas e grandes, conforme apresenta a Figura 7.

Figura 6: Contraste de posição



Fonte: <http://literatino.blogspot.com.br/2012/08/elvira-vigna-em-entrevista-ao-estado-de.html>

A capa do jornal *Folha de São Paulo*, de 28/03/2014, traz duas fotos contrastando em tamanho: a que se refere à manifestação popular contra o evento da Copa do Mundo é maior do que a do encontro entre o papa e o presidente dos EUA. O título “Decisão do Supremo atrasará processo do mensalão tucano” é apresentado com destaque, em fontes “mais espessas” (negrito ou *bold*) em corpo de letra maior do que os outros títulos da capa.

Os contrastes de aparência e de ideias/conceitos são muito usados em mensagens publicitárias, campanhas políticas, ensaios fotográficos. A Figura 8 apresenta uma peça gráfica da campanha publicitária veiculada pela cerveja Devassa, em 2011. A campanha teve o seu conceito (ou tema) principal criado a partir de um contraste de ideias que repercutiu publicamente, provocando comentários variados, gerando mídia gratuita para a cervejaria. Ao veicular peças gráficas e eletrônicas (anúncio, *outdoor*, comerciais de TV) contrastando o nome/significado *Devassa* com a garota propaganda Sandy, uma cantora que sempre foi associada aos conceitos de mocinha comportada, pura, nada transgressora e muito menos devassa, a empresa alcançou seu objetivo, chamando bastante a atenção e ajudando a persuadir seu público-alvo (as mulheres tomadoras de cerveja), pela mensagem implícita: toda mulher tem seu lado devassa.

Figura 7: Contrastes de espessura e tamanho



Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cp28032014.shtml>

Figura 8: Contraste de ideias/conceitos



Fonte: <http://minguideias.blogspot.com.br/2012/05/mercado-vinculando-artista-marcas.html>

Esse tipo de contraste, muito convincente, é o mesmo usado na campanha da empresa italiana *Benetton*, nas décadas de 1980 e 1990⁵, quando as imagens da freira beijando um padre,

⁵ Campanhas “Militants Contrasts: black and White” (1989/1990); “Angel and Devil” (1991/1992), entre outras.

crianças branca e negra se abraçando, líderes palestino e muçulmano apertando as mãos chamaram a atenção de todo o mundo pelos seus contrastes de ideias/conceitos.

O jornalismo também conhece a eficácia desse tipo de contraste. Fator de impacto na fotojornalismo, o contraste de conceitos pode ser vislumbrado nas Figuras 9 a 11.

Figura 9: Banhistas e religiosos contrastam na praia, 2013



Fonte: <http://photos.uol.com.br/materias/ver/96281>.
Fotógrafo Ricardo Moraes

Figura 10: O contraste entre casais rebeldes em manifestação no Rio de Janeiro, 2014



Fonte: <http://photos.uol.com.br/materias/ver/96281>.
Fotógrafo Ricardo Moraes

Tanto na Figura 9 quanto na Figura 10, para além da aparência, o corpo descoberto contrastando com o todo coberto; o corpo em sentido contrastando com o corpo entregue ao beijo, o contraste marcante é o de comportamento que representa visões de mundo, ideias diferentes.

Figura 11: O contraste entre a ficção e realidade



Fonte: <http://photos.uol.com.br/materias/ver/96281>. Foto: Ricardo Moraes

O contraste de tamanho entre a estátua do Cristo Redentor e o limpador de janelas da Figura 11 gera um contraste ainda mais interessante entre o real e a ficção, numa montagem

natural em que o homem alcança o Cristo, limpando-o. O que se vê pode ser uma construção de contraste. A partir da presença do contraste predominantemente entre os discursos da comunicação publicitários e jornalísticos, “que na sua forma escrita são, para muitos falantes, os únicos objetos de leitura na sociedade actual” (COIMBRA, 2007, p. 1), acreditamos na pertinência de estudos sobre figuras de retórica e planejamento visual. Perceber o que e como se contrasta é também revelar posições argumentativas de um texto, seja visual ou sincrético⁶.

7 Considerações Finais

A partir de exemplo sobre a figura de retórica Quiasmo, inicialmente apresentado pela professora Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa, em seminário na Universidade Federal de Minas Gerais, relacionamos a figura ao princípio do contraste, em que diferentes elementos se posicionam de forma oposta e planejados visualmente, a fim de chamar a atenção para seu conteúdo, conquistar e persuadir o público a, pelo menos, tomar conhecimento da mensagem, seja ela publicitária ou jornalística.

Em concordância com as explicações sobre quiasma, que afirmaram haver nessa figura de construção uma oposição entre partes de frases (RIBEIRO, s/d) e uma relação com as dicotomias e oposições conceituais (GONZÁLES, 1995 *apud* COIMBRA, 2007), percebemos na figura quiasma a presença do contraste entre as construções frasais. Essa percepção foi reforçada quando nos deparamos com exemplos célebres de quiasma, tais como “os últimos serão os primeiros, e os primeiros serão os últimos” (MATEUS, 20, 16) que vem contrastar, contrapondo os significados e as posições dos vocábulos.

Mesmo concluindo que o contraste no quiasma acontece principalmente pelo cruzamento de lugar (e não de significado), ao retomarmos Barbosa (2014), concluímos que ao posicionar dois elementos diferentes (semear X colher, chorar X cantar), a figura quiasma, exemplificada pela professora, não apresenta uma oposição dicotômica que separa os elementos de forma cartesiana. É um contraste de posição, em que as palavras/ideias se posicionam em lados separados, mas num arranjo orgânico, interdependentes, sem extremismos.

Tanto na figura de retórica quiasma quanto no princípio de *design* contraste, é a diferenciação contrastante que hierarquiza as informações da mensagem visual, levando o leitor/público a perceber o que é mais importante, pelo destaque proporcionado por elementos diferentes que, estando próximos, mesmo que de forma cruzada, chamam a atenção.

⁶ Constituído de várias linguagens, verbal e não-verbal, segundo a semiótica francesa.

Se é a forma discursiva contextualizada que define a função argumentativa e estilística da figura de retórica, entendemos que na relação entre a figura quiasma e o princípio contraste essas funções se interlaçam e se complementam. Isso porque a mensagem visual, enquanto estilo, argumenta, o que ocorre na hierarquia de posições dos seus elementos.

Referências

AUMONT, Jacques. **A Imagem**. 8 ed. Campinas, SP: Papirus, 2004.

ABRANTES, José Carlos. **Breves Contributos para uma Ecologia da Imagem**. Universidade de Coimbra. Comunicação apresentada no V Encontros Culturais Escola Secundária Nuno Alves Castelo Branco, 1999. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/abranter-jc-ecologia-imagem.pdf>. Acesso em: 26 maio 2014.

ARISTÓTELES. **Arte Retórica e Arte Poética**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

BARBOSA, Tereza Virgínia. **A Retórica: de suas origens aos dias atuais**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2014. Notas de aula

BARTHES, Roland. A retórica da imagem. In: **O Óbvio e o Obtuso: ensaios críticos III**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BONHOMME, Marc. De l'argumentativité des figures de rhétorique. In: **Argumentation et Analyse du Discours** [En ligne], 2 | 2009. Disponível em <http://aad.revues.org/495>. Acesso em: 17 maio 2014.

CHARAUDEAU, Patrick e MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. Coordenação da tradução Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.

CIBERDÚVIDAS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Disponível em: <http://www.ciberduvidas.pt/pergunta.php?id=4481>. Acesso em: 27/05/2014. Acesso em: 17 maio 2014.

COIMBRA, Rosa Lídia. O quiasmo na publicidade escrita portuguesa. Uma abordagem cognitiva. In: M. Lobo e M. A. Coutinho (Orgs.) **XXII Encontro Nacional da APL**. Textos Seleccionados. Lisboa: APL, 2007, 251-260. Disponível em: <http://www.apl.org.pt/docs/22-textos-seleccionados/18-Coimbra.pdf>. Acesso em: 18 maio 2014.

DÍAZ, Martha C. Chamorro. 2005. El humor gráfico desde una perspectiva retórica. In: **Icono 14 Revista de Comunicación y nuevas tecnologías**, v. 3, nº 1, Madrid, 2005. Disponível em: <http://www.icono14.net/ojs/index.php/icono14/article/view/441>. Acesso em: 22 abr. 2014.

FERREIRA, Ivone *et al.* Em defesa de uma retórica da imagem. In: **Rhêtorikê Revista Digital de Retórica**. nº 0, 2008, Universidade da Beira Interior, Covilhã, Portugal. Disponível em: http://www.rhetorike.ubi.pt/00/pdf/ferreira-prior-bogalheiro-em_defesa_de_uma_retorica_da_imagem.pdf. Acesso em: 22 abr. 2014.

GONZALES, Lucilene. **Linguagem Publicitária: análise e produção**. São Paulo: Arte & Ciência, 2003. Disponível em: livros01.livrosgratis.com.br/cp020507.pdf. Acesso em: 04 jun. 2014.

HUBERT, Elizabete Enz. **Relações Discursivas nas Sátiras a Religiosos** atribuídas a Gregório de Matos Guerra (1633-1696). Figuras e estratégias argumentativas. 2011. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-16042012-121159. Acesso em: 22 abr. 2014.

JOLY, Martine. **Introdução à Análise da Imagem**. Trad. De Marina Appenzeller, 2. ed. São Paulo: Papyrus, 1996.

KRIEG-PLANQUE, Alice. Por uma análise discursiva da comunicação: a comunicação como antecipação de práticas de retomada e de transformação dos enunciados. Tradução: Luciana Salazar Salgado. In: **Revista Linguagem**, 16. ed. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos/SP, 2011. 1-14. Disponível em: http://www.letras.ufscar.br/linguagem/edicao16/art_001.pdf. Acesso em 22 abr. 2014.

MUCCI DANIEL, Laene. **Editoração Gráfica**. Viçosa: DCM/UFV, 2014. Notas de aula.

PINHEIRO, Kelly Cristina Lourenço. **A publicidade sob a ótica da hipérbole: o exagero como o argumento retórico**. 2012. 155f. Dissertação (Mestrado) - USCS, São Caetano do Sul, 2012. Disponível em: <http://repositorio.uscs.edu.br/handle/123456789/257> Acesso em: 22 abr. 2014.

PIRELMAN, Chaïm e OLBRECHETS-TYTECA, Lucie. **Tratado da Argumentação**. A nova retórica. Trad. de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão, São Paulo: Martins Fontes, 2005.

REBOUL, Olivier. **Introdução à Retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

RIBEIRO, Guilherme. **Recursos Estilísticos**. Aveiro, Portugal: Escola secundária Dr. Jaime Magalhães Lima, s/d. Disponível em: http://esjmlima.prof2000.pt/figuras_estilo/figurestil.htm#Bm138. Acesso em 22 abr. 2014.

SANTARELLI, Christiane Paula Godinho e SOUZA, Sandra Maria Ribeiro. *Análise da imagem publicitária: revisão de alguns modelos*. In: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Brasília/DF, 2006. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1508-1.pdf>. Acesso em: 18 maio 2014.

Quiasmo. In Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2014. Disponível em: [http://www.infopedia.pt/\\$quiasmo](http://www.infopedia.pt/$quiasmo). Acesso em: 13 maio 2014.

VERÍSSIMO, Jorge. **A Publicidade da Benetton: Um discurso sobre o real**. Coimbra, Portugal: Minerva Coimbra, 2001.

WILLIAMS, Robin. **Design para quem não é Designer**. Noções básicas de planejamento visual. São Paulo: Callis, 1995.

Recebido em: 21 de abril de 2017.

Aceito em: 15 de julho de 2017.

TABULEIRO DE LETRAS

Minotauros, Labirintos e Teseus no Teatro Burlesco de Antônio José da Silva¹

Minotaurs, Labyrinths and Theseuses in the Burlesque Theatre of Antônio José da Silva

Kenia Maria de Almeida Pereira²

RESUMO: O dramaturgo luso-brasileiro Antônio José da Silva escreveu, ao todo, oito comédias burlescas, dentre elas algumas que dialogam com a mitologia grega, como, por exemplo, *Os encantos de Medeia* (1735); *Esopaida, ou a vida de Esopo* (1734); *Precipício de Faetonte* (1738); e *O Labirinto de Creta* (1736). O objetivo deste artigo consiste exatamente na análise dessa última peça teatral, em que o autor retoma, de forma paródica, a imagem do labirinto e do minotauro como metáforas monstruosas tanto da Inquisição quanto do Santo ofício.

Palavras-chave: Antônio José da Silva; Labirinto; Minotauro; Teseu; Teatro.

ABSTRACT: The Luso-Brazilian playwright Antônio José da Silva wrote altogether eight burlesque comedies, among them, some that are related to Greek mythology, such as, for example, *Os encantos de Medeia* (1735); *Esopaida, ou a vida de Esopo* (1734); *Precipício de Faetonte* (1738); e *O Labirinto de Creta* (1736). This paper aims precisely to analyse this last theatrical play, in which the author resume, in a parodic way, the image of the labyrinth and the minotaur as monstrous metaphors both of the Inquisition and the Saint Office.

Keywords: Antônio José da Silva; Labyrinth; Minotaur; Theseus; Theatre.

O tema do labirinto como uma moradia subterrânea confusa, de espaços desnorteantes e arquitetura emaranhada, em cujo centro habita uma fera – metade touro, metade homem –, fascina e acende a imaginação de autores, poetas e artistas desde a Grécia Antiga, com o conhecido mito do Labirinto de Creta e do seu habitante abominável, o lendário Minotauro. Para Jorge Luis Borges, a ideia de uma habitação projetada para que as pessoas se percam dialoga de forma perfeita com a ideia extravagante de um homem híbrido, com cabeça de touro que nela vive; assim, fica “bem que no centro de uma casa monstruosa haja um habitante monstruoso”. (BORGES; GUERRERO, 2000, p. 103).

Paul Diel (1991, p. 51) afirma, por exemplo, que esse espaço de corredores confusos e imbricados, abrigando em seu interior uma fera antropófaga e anômala, seria o próprio símbolo

¹ Este artigo foi publicado anteriormente, com algumas adaptações, no livro *Labirinto de Creta*, de Antônio José da Silva, Editora Edibrás, em 2016.

² Professora de literatura do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários - Curso de Doutorado e Mestrado Acadêmico da Universidade Federal de Uberlândia - (UFU). Kenia@triang.com.br

do inconsciente: “lugar no qual erra o homem aprisionado sem esperança de encontrar saída”. Já para André Peyronie (1997, p. 555), a origem milenar e multifacetada do labirinto, “seu vínculo com o sagrado, a polivalência intrínseca a essa imagem, constituem-no em estrutura mítica e fazem dele, para a imaginação literária (e artística), um tema fascinante”. Assim, o mito em torno do labirinto, além de simbolizar o próprio inconsciente e seus meandros, envolveria ainda questões inerentes aos dilemas humanos: traição, adultério, medo, desespero, morte, abandono; e, também, à própria criação literária: o texto como labirinto.

O mito do Labirinto, ou do Minotauro, tem suas origens ligadas ao vaidoso rei de Creta, Minos, o qual, desejoso de se perpetuar no poder, pede ajuda a Poseidon para governar eternamente a ilha do mar Egeu. O deus dos mares, num lance de generosidade, escuta as súplicas do rei e envia-lhe um belo touro branco, a fim de ser sacrificado em sua homenagem. Minos, no entanto, deslumbrado com a rara beleza do animal, resolve guardá-lo para si, matando outro boi em seu lugar. Quando Poseidon percebe que foi ludibriado, resolve se vingar, fazendo com que a rainha Pasífae, esposa de Minos, se apaixone por aquele touro branco.

Pasífae, enlouquecida de amores pela criatura, tenta de forma obstinada manter relações sexuais com o animal assustado que a renega. Persistente em seu desejo lúbrico, e disposta a concretizar seu objetivo, a rainha se esconde dentro de uma vaca de madeira, construída habilmente pelo inventor Dédalo. Ludibriado pela falsa vaca, o touro branco engravida a rainha, que, depois de nove meses, irá parir o famoso Minotauro. O poderoso rei Minos, envergonhado, tanto pelo adultério da esposa quanto pela monstruosa criatura que agora habitava seu palácio, vai também ao encontro de Dédalo, implorando para que ele crie algo que o livre do terrível problema. O inventor tem então a ideia de construir um monumento subterrâneo com arquitetura intrincada, projetado para conter um emaranhado de salas e galerias tortuosas, com corredores confusos e portas infinitas os quais impossibilitariam qualquer criatura de encontrar a saída. Nesse labirinto foi então encarcerado o Minotauro. No entanto, de tempos em tempos, era necessário alimentar o monstro com sete mancebos e sete donzelas. Teseu, nascido em Atenas, herói corpulento e destemido, se compadece das vítimas, oferecendo-se voluntariamente para eliminar Creta da tormentosa criatura. Ariadne, filha do rei Minos, encantada com a coragem do ateniense, se apaixona por ele, ensina-o como escapar do labirinto, entregando-lhe um novelo de linha, cuja extremidade deveria ficar presa à entrada do monumento. Depois de matar o Minotauro, destroçando-o com seus poderosos músculos, e sair ileso do confuso labirinto, Teseu se casa com Ariadne, para, dias depois, também traí-la,

abandonando-a na ilha de Naxos, enquanto ela descansava na orla da praia, dormindo profundamente.

Essa versão da história, tão intrincada como a própria morada da criatura híbrida, sofreu inúmeras mudanças durante os séculos. A lenda do labirinto de Creta vem sendo recontada de várias maneiras ao longo dos tempos. Labirintos, Minotauros, Pasífaes, Ariadines e Teseus povoam há milênios a imaginação de escritores e artistas. Cada época percebe e lê de diferentes maneiras as múltiplas metáforas e simbologias que emanam desses signos milenares. As aventuras amorosas da rainha Pasífae e o fruto de seu adultério podem ser lidos e interpretados na antiguidade greco-latina como um jogo de sedução entre casais apaixonados, principalmente em algumas passagens mais luxuriosas da *Arte de amar*, de Ovídio, bem como no épico *Eneida*, de Virgílio. Já sob o olhar teocêntrico da Idade Média, algumas poesias de autores anônimos descreviam de forma religiosa a luta de Teseu versus Minotauro. Nesse eterno conflito do bem contra o mal, Teseu representaria o Cristo redivivo e o Minotauro, o Satanás traçoeiro. Ou ainda, segundo Peyronie (1997, p. 646), na interpretação judaico-cristã, “Deus misericordioso mandou então ao mundo seu filho Teseu-Jesus, que libertou a humanidade daquele tributo”. Mesmo Dante, em *A Divina Comédia*, apresenta um olhar moralizador sobre os transgressores do casamento, os adúlteros, os quais passariam a eternidade nos infernos clamando pelo nome de Pasífae. Afinal, como bem aponta Julio Jeha (2007, p. 22), “as transgressões geram monstros” e eles são como “um aviso ou um castigo por alguma ruptura de um código, por um mal cometido”.

Do Renascimento até o início do século XX, a lenda grega do Minotauro sempre esteve ligada ao mal e à monstruosidade. Para Peyronie (1997, p. 646), a figura da besta-fera devoradora de seres humanos serve bem às metáforas das adversidades políticas: serve para simbolizar a devassidão dos impérios e também a ruína da sociedade industrial. Também o Minotauro pode representar Robespierre e, no século XX, “ele renascerá em Stalin” (PEYRONE, 1997, p. 647) ou em qualquer outro ditador famoso por sua crueldade.

Com os movimentos de vanguarda e com o fortalecimento da psicanálise, tanto o Minotauro quanto o labirinto ganharam conotações diferenciadas. Ora, eles são o símbolo da modernidade, com suas contradições e exuberâncias, como queria Picasso com sua fabulosa série “Minotauromaquia”, ora simbolizam os desejos mais inconfessáveis do inconsciente humano, como no conto de Marguerite Yourcenar intitulado “Quem não tem um Minotauro?” (PEYRONE, 1997, p. 647). Na contemporaneidade, criamos nossos próprios monstros e eles

se tornam, nos dizeres de Luiz Nazario (1998, p. 14), “superego, repressão, complexo de culpa, princípio da realidade, com um sinal negativo”.

Jorge Luis Borges mergulha o Minotauro em águas ainda mais profundas. Dá voz a ele no conto “A casa de Asterion” (BORGES, 1972, p.53-54). Asterion, o verdadeiro nome do Minotauro, confunde o leitor com seus questionamentos e suas angústias. Será Teseu o redentor de Asterion? Serão Teseu e Asterion um único monstro? Quem mata quem? Os leitores são também Minotauros aguardando a morte-Teseu ou a morte-labirinto com menos galerias e com menos portas? Estaria o Minotauro cansado da solidão, preferindo se entregar ao seu assassino-redentor Teseu? Também Ruth Salviano Brandão apresenta ao leitor, de forma poético-dramática – em seu belo livro *Minotauro: o insuportável desígnio* –, uma fera solitária e enfadada, mais humana que monstruosa, guiada pelos desejos que brotam da convulsão de suas entranhas. Um minotauro enigmático, cuja fragilidade “o torna feminino e pequeno como uma criança” (BRANDÃO, 2015, p. 44), preso e atordoado “em labirintos que não param de ser construídos a partir das plantas roubadas de Dédalo” (BRANDÃO, 2015, p. 50).

Assim, esses monumentos de arquitetura caótica, que, numa espécie de jogo desnorteante, confundem e perturbam o leitor, migraram também para a linguagem literária dos subterrâneos metafóricos de autores como Alain Robbe-Grillet, James Joyce e Marguerite Duras. Mas é, com certeza, nas bibliotecas labirínticas, moventes e complexas, de múltiplas rotas, tanto de Borges como de Umberto Eco, que o labirinto com mais intensidade desconcerta e provoca o leitor. Para Eco (1989, p. 339-340), esse desnorteio vem do fato de que, nas bibliotecas borgianas, estamos lidando com o labirinto rizomático em que “não há nem interior, nem exterior”, e que “a cegueira é a única possibilidade de visão”. E mais: não há um centro, nem uma fera, logo, a própria biblioteca é o espaço do monstruoso.

Se sempre é instigante e desafiador percorrer os labirintos do texto borgiano e perder-se em suas metonímias e metáforas, podemos dizer o mesmo das comédias joco-sérias do dramaturgo luso-brasileiro Antônio José da Silva, o Judeu. Tendo vivido em Portugal no século XVIII, o Judeu era conhecido por suas peças hilárias as quais levavam o público tanto às gargalhadas quanto à reflexão. A irreverência dos seus graciosos, espécie de bobos da corte galhofeiros, descortinava duras críticas à sociedade lisboeta corroída socialmente pelos desmandos da monarquia de D. João V, o Magnânimo. O escritor também não perdoou a Igreja. Riu da sociedade portuguesa mergulhada culturalmente no mais sombrio fanatismo religioso católico. O seu teatro, com sua exuberância literária e sua intrincada estética hiperbólica,

conviveu também com os mais tortuosos momentos da Inquisição e dos espetáculos macabros dos autos de fé.

Para Anita Novinsky (1994, p. 59), os métodos de ação do tribunal do Santo Ofício, com suas regras de denúncia anônima, interrogações, sequestros de bens, torturas e mortes aviltantes, eram um suplício no qual o réu “debatia-se num labirinto sem saída”. Já para Francisco Bethencourt (2000, p. 342), o tribunal do Santo Ofício consistia em um emaranhado burocrático que enrodilhava os seus funcionários e também os seus réus, afinal, a Inquisição “não era só uma entidade de controle das heresias”, mas também “um organismo de provocação, por meios violentos, de falsas declarações de heresia destinadas a justificar sua atividade e, em última estância, sua própria existência”. Luiz Nazario (2005, p. 109), por sua vez, aponta que a Inquisição seria o teatro labiríntico da punição e extermínio, encenado em praça pública, do qual poucos réus conseguiam escapar com vida, “onde compareciam Povo, Estado e Igreja para jurar fidelidade à Inquisição, assistir à humilhação dos condenados e celebrar o triunfo da fé nas formas do arrependimento dos réus ou de sua combustão no queimadeiro, o auto de fé geral era a encenação espetacular do Dia do Juízo Final para uma massa festiva”.

Antônio José, por exemplo, experimentou três vezes esses caminhos sinuosos da Inquisição portuguesa. A primeira vez, em 1712, quando criança, aos sete anos de idade, partiu do Rio de Janeiro, sua terra natal, para Portugal, com seus pais presos, acusados de hereges e judaizantes. Quando jovem, já vivendo em Lisboa, estudante de Direito e autor de peças teatrais, com apenas 21 anos de idade, ficou detido por três meses como judeu relapso e contumaz. Nos calabouços do Santo Ofício, experimentou tanto os tormentos do potro quanto os da polé. Ambos cortaram e estiraram suas carnes. Tais castigos foram aplicados de forma tão rigorosa em Antônio José que, um mês depois dessas torturas, ele ainda tinha “o pulso dorido e os tendões hirtos que lhe não consentiram pôr o nome no termo de abjuração, assinado a rogo pelo notário e testemunhas”. (AZEVEDO, 1932, p. 189). Anita Novinsky (1994, p. 12) observa que o caráter cruel e desumano da máquina inquisitorial “talvez não tenha precedentes na história da civilização, até o surgimento do nazismo no século XX”.

Depois de recuperar a liberdade, Antônio José passa a exercer a advocacia e a escrever suas peças teatrais. Ao todo, são nove comédias, a maioria inspirada na mitologia greco-romana, como os próprios títulos indicam: *Os encantos de Medeia* (1735); *Esopaida, ou a vida de Esopo* (1734); *Anfitrião ou Júpiter e Alcmena* (1736); *As variedades de Proteu* (1737); *Precipício de Faetonte* (1738); e *O Labirinto de Creta* (1736). Há ainda uma peça decalcada na obra clássica de Cervantes, intitulada *A vida do grande Dom Quixote de La Mancha e do*

gordo Sancho Pança (1733). Já *Guerras do Alecrim e Manjerona* (1737) é uma comédia em que o mote são os costumes familiares portugueses. O teatrólogo ainda teve fôlego para desenvolver uma comédia em castelhano, *El Prodigio de Amarante* (1737), e depois escrever um conto zombeteiro, de nome *O Diabinho da mão furada*. (1737).

Depois de ser aclamado em Portugal, pela crítica e pelo público, como um dos melhores dramaturgos populares, com seus bonifrates de cortiça, Antônio José foi colhido, pela terceira vez, nas malhas da Inquisição. Acusado de herege judaizante, dessa vez, ele não conseguiria se libertar da truculência do Santo Ofício. Assim, em 1739, aos 34 anos, no auge da fama e da criatividade, quem sempre fez o povo rir e pensar, ironicamente, morreria de forma trágica, em praça pública, nas fogueiras de um auto de fé.

Em grande parte das suas comédias, podemos observar, ora de forma explícita, ora de forma velada, alguns desses momentos em que o dramaturgo foi torturado nos calabouços do Santo Ofício, como, por exemplo, na peça *Anfitrião, ou Júpiter e Alcmena*. Ao manipular seus fantoches, ele põe na boca do gracioso Saramago uma acirrada crítica às detenções arbitrárias da Igreja, das quais o próprio autor foi vítima:

Saramago. Como hei de andar, se a minha desgraça tem lançado ferro no mar de meu corpo? Ah, Senhores meus, vejam se me podem tirar estes ferros, que tão aferrados estão; e, por mais que os sacudo de mim, cada vez estão mais ferrenhos comigo.

1.º Preso. Também isso não é pelo que eu fiz! Por que te prenderam?

Saramago. Por nada. (SILVA, 1957-1958, p. 211).

Já em *Vida do grande Dom Quixote e do gordo Sancho Pança* o que se vê é uma crítica aguda a um país em que a justiça, cujo lema era apoiar integralmente a Inquisição, só existia pintada nas estampas dos livros. Assim, para Antônio José, “toda justiça acaba em tragédia” (SILVA, 1957-1958a, p. 90), levando inexoravelmente os inocentes para a cadeia. Assim, lemos:

Sancho: Que me faça bom proveito! Dai-me atenção, Meirinho. Sabei, primeiramente, que isto de Justiça é coisa pintada e que tal mulher não há no Mundo, nem tem carne, nem sangue, como v. g. a Senhora Dulcineia del Toboso, nem mais, nem menos; porém como era necessário haver esta figura no Mundo para meter medo à gente grande, como o papão às crianças, pintaram uma mulher vestida à trágica, porque toda a justiça acaba em tragédia... (SILVA, 1957-1958a, p. 90).

Segundo Roger Chartier (2012, p. 161-181), no “mundo do *Dom Quixote* de Antônio José da Silva, a justiça não existe. Ela é engodo, ilusão, embuste”. Dessa forma, o que se vê é que o Judeu deixou rastros e pegadas em seu teatro sobre o desespero das vítimas emaranhadas nas redes das prisões inquisitoriais.

Já em *Guerras do Alecrim e Manjerona*, o Judeu faz críticas aos casamentos arranjados, aos maus poetas, aos médicos charlatões. Também não perdoou os juízes corruptos e amedrontadores, os quais defendiam os castigos corporais como forma de punição:

Semicúpio. Ai, Sevadilha, que esse ladrão.

Sevadilha. Que tem, meu Senhor?

Semicúpio. Nada, nada! E por um triz, que não deponho a judicatura e perco o juízo! Assina-te aqui em branco, que eu estou pelo que disseres.

Sevadilha. Eu não sei escrever.

Semicúpio. Porém, sabes muita letra! Vai-te aí para dentro. A rapariga me pôs a ver jurar testemunhas.

Sevadilha. Eu já vi uma cara que se parecia com a deste juiz! (*Vai-se*).

Semicúpio. Entre quem falta.

D. Gilvaz. Resta D. Clóris. Semicúpio, perdoa, que hei-de falar-lhe.

Semicúpio. Faça o que lhe digo e não tenha graças comigo.

D. Gilvaz. Como estás inchado!

Semicúpio. Se queres ver o vilão, mete-lhe a vara na mão. (SILVA, 2012, p. 130-131).

Para Alberto Dines (1992, p. 40), as comédias de Antonio José são “peças de circunstâncias para divertir, às vezes, chulas, embebidas na mitologia para ganhar transcendência e veicular o inconformismo do autor”. Chartier (2012, p. 161-181), por sua vez, chama a atenção ainda para o fato de que o “trágico destino de Antônio José da Silva oferece assim um caso limite para enfrentar a questão da relação entre as experiências de vida e as próprias obras”.

Com a peça *Encantos de Medeia*, o autor, dialogando com Eurípedes, apresenta-nos uma Medeia cômica, que, depois de entregar o Velocino de Ouro ao amado Jasão, é abandonada por ele, o qual foge em seguida com sua prima Creusa. Desesperada, Medeia desaparece na região dos ares, mas não sem antes executar suas bruxarias no debochado criado Sacatrapo, o qual auxiliara Jasão em seu plano de fuga. Medeia é tida como feiticeira perigosa que pode interferir tanto na natureza quanto na vida amorosa de seus parceiros. Mas, como estamos no reino da comédia, não comete infanticídio, já que ela, além de não querer se casar, também não tem filhos. Nessa peça, o Judeu faz uma crítica à queima monstruosa das bruxas pela Inquisição, bem como às crenças fanáticas da população em feitiçarias e outros sortilégios, como se pode

ler na fala do gracioso Sacatrapo: “Sempre andarei com o olho sobre ele; pois, segundo ouvi dizer, sei que nesta terra há muita feiticeira”. (SILVA, 2013, p. 51).

Além do medo das bruxas, o século XVIII em Portugal foi marcado também pelo pavor ao demônio. Em *Obras do diabinho da mão furada*, o Judeu apresenta-nos ao soldado André Peralta, o qual se vê às voltas com um diabo que lhe propõe um pacto: a alma do infeliz soldado em troca de um pote de dinheiro. Antônio José aproveita para criticar as crenças fanáticas dos portugueses nos pactos diabólicos e a presença do demônio no imaginário da população em quase todas as situações da vida cultural. Interessante observarmos, amparados nos estudos de Robert Muchembled, principalmente em seu intrigante livro *Uma história do diabo*, que a tradição popular, desde a Idade Média, costumava materializar Satanás sob inúmeras feições. De anão a serpente, passando por cachorro, bode, sapo, lobo e, inclusive, frade. O Judeu, recriando corajosamente seu personagem diabólico em forma de Frade, demonstra sua rebeldia e seu espírito destemido contra os abusos da Igreja Católica, numa época em que o Santo Ofício, além de queimar livros, levava à fogueira também seus autores.

Em *Labirinto de Creta*, peça que subiu aos palcos de Lisboa em 1736, o dramaturgo Antônio José dialoga com o milenar mito grego do labirinto, apresentando ao leitor um Teseu perdido de amores pela filha do rei Minos e também disposto a matar o Minotauro em nome dessa paixão avassaladora. Mas Teseu não consegue sozinho enfrentar o monstro. Ele é auxiliado por Ariadne, que lhe ensina, com a ajuda de um fio, como fugir da tortuosa prisão. Fedra, a irmã de Ariadne, também se apaixona pelo bravo Teseu, presenteando-o com um vidro de veneno, para que o amante elimine de vez a besta-fera. Assim, em meio às confusões do amor e do labirinto, as gargalhadas ficam a cargo dos graciosos Esfuziote, Taramela e Sanguixuga. Espécies de bobos da corte, mistos de arlequim e palhaço, esses bufões grotescos, ao longo da comédia, debocham de tudo e de todos, fazendo o público rir e pensar sobre os desmandos dos poderosos na sociedade lisboeta, como podemos ver nestas frases zombeteiras: “Filha, todos morrem por dinheiro”. (SILVA, 1957-1958b, p. 19) “Eu, senhor, vendo que te chegavas para mim, que havia supor senão que eras cousa má, porque cousa boa nunca para mim se chegou” (SILVA, 1957-1958b, p. 79).

O leitor pode ainda ouvir os ecos da voz de Antônio José-Teseu, revoltado, criticando as injustiças sofridas no reinado de D. João V, clamando por justiça e amaldiçoando seus algozes-minotauros:

Teseu: Bárbaro Rei, esta que vês em corpórea forma é a alma de Teseu que, errante por este labirinto, vem a noticiar-te da parte de Plutão, supremo juiz

do Cocito, a tua malevolência e injustiça com que tiranamente me usurpaste a vida, para que vivas na certeza que hão de os deuses vingar a minha morte com o eterno suplício que te espera. (SILVA, 1957-1958b, p. 142).

Estamos, portanto, diante de um teatro burlesco joco-sério, uma zarzuela barroca eivada de denúncias à sociedade portuguesa setecentista. Esse teatro, considerado por Francisco Maciel Silveira (1992, p. 142) como de natureza “dual, ambígua, bifronte”, em que se mesclam dança, música, árias, sonetos e duos, encenados quase sempre por meio de bonecos articulados, engloba elementos da tragédia e da comédia: ora faz rir escancaradamente, ora faz refletir de forma densa, como neste recitado cantado pelo desesperado Teseu:

RECITADO

Bárbaro Rei, eu vou ao Labirinto,
mas sabe que não sinto
essa tirana morte que me espera;
que, a ser possível, descerei à esfera
desse sulfúreo e rápido Cocito
e do trifauce monstro a fúria incito,
por que vejam que nada me intimida
perder a cara vida.
De outro monstro (ai, amor!) só temo a ira,
que tirano conspira
um veneno tão forte,
que ainda por favor concede a morte;
pois com doce influência
faz seja simpatia o que é violência.
Este monstro de amor, esta quimera
me horroriza me assusta e desespera. (SILVA, 1957-1958b, p. 66-67).

Sabe-se hoje que as partituras desses trechos poéticos que entrecortam as peças foram musicadas pelo padre Antônio Teixeira. (Cf. PEREIRA, 2007, p. 51). Aliás, essa poesia, apresenta, nas palavras de Rogério Chociay (1992, p. 1-29), uma “aguçada sensibilidade para os arranjos sonoros e seu aproveitamento em termos puramente orquestrais ou de harmonia imitativa; neste sentido, antecipa-se ao Romantismo e movimentos posteriores”.

Na primeira parte da comédia, vemos o rei de Creta, Minos, consultando o oráculo para saber quando terá fim seu sofrimento e vergonha com a presença do Minotauro. O rei obtém dos oráculos os enigmáticos dizeres:

Quando desse biforme monstro horrendo
vires ser alimento combustivo
um vivo morto e um morto vivo. (SILVA, 1957-1958b, p. 30).

Assim, quase toda essa labiríntica comédia, com seus quiproquós e desenganos, sátiras e zombarias, vai girar em torno desse enigma: “o minotauro será eliminado por um morto-vivo”. Claro, o morto-vivo é o próprio Teseu, que engana a todos com suas artimanhas. Quando todos pensam que o príncipe de Tebas foi devorado pelo monstro, ele, habilmente, depois de eliminar a fera com seus fortes braços, foge do labirinto com a ajuda de seu construtor, o arquiteto Dédalo. Depois de ser considerado morto, numa espécie de jogo de esconde-esconde, Teseu irá participar de um baile de máscaras, dançar com sua amada Ariadne e, novamente, se esconder nos corredores imbricados da confusa habitação, travestindo-se de fantasma para assombrar o destemido Rei Minos:

Rei. Eu me resolvo; eu vou a libertar a Dédalo. Mas, ai de mim! Que é o que vejo? Parece que se me figura naquela errada sombra a imagem de Teseu! Ai, infeliz, que os cabelos se me eriçam!

Teseu. El-Rei se assustou de ver-me; pois o seu engano me valha. (*À parte*).

Esfuziote. Ah, Senhor, já que me leva ao reboque, não haja por ora vento em popa.

Rei. Pálida sombra, vago horror da fantasia, que pretendes de mim? (SILVA, 1957-1958b, p.141-142).

Percebemos, assim, que a estrutura do texto de *Labirinto de Creta* é também, por sua vez, uma espécie de labirinto, um imbróglio satírico, como se pode notar nas trocas de casais enamorados: *Lidoro*, príncipe de Epiro, amante de Ariadna, por exemplo, se apaixona por Fedra, namorada de *Tebandro*, príncipe de Chipre, e vice-versa. Há também o enigmático baile de máscaras, em que os casais não sabem quem são seus pares escondidos sob as fantasias.

Os pesquisadores franceses Pierre Furter (1964, p. 51-75) e Nathan Wachtel (2001) já chamavam a atenção para o fato de que a estrutura do labirinto é um dos principais recursos estético-estruturais das comédias de Antônio José da Silva, pois o quiproquó, ou as confusões e equívocos, que fazem com que se tome uma personagem ou uma coisa por outra, são elementos-chave dos textos de Antônio José. Patrice Pavis (2003, p. 319) observa que o quiproquó “é fonte inesgotável de situações cômicas”. De fato, as peças do Judeu ficam ainda mais emaranhadas e labirínticas com a participação paródica e truncada dos graciosos. Esfuziote se passa por seu amo, Teseu, prometendo casamento com a criada Taramela, que, por sua vez, tenta ludibriar sua tia Sanguixuga, alardeando que um dia ela se casaria com o embaixador Licas e sua sobrinha se tornaria princesa casando-se com o rei de Atenas. Assim:

Sanguixuga. Pois dize-me: que homem é esse?

Taramela. É um homem grande; nós falaremos mais devagar.

Sanguixuga. Homem grande é besta de pau, e tu és besta em carne, que te deixas enganar de semelhantes velhacos.

Esfuziote. Que é isso, Taramela?

Taramela. Senhor, é minha tia, que se vem pôr aos pés de Vossa Alteza. Tia, faça o que lhe digo, que não sabe a fortuna que nos espera. (*À parte*).

Sanguixuga. Senhor, Vossa Alteza dê-me os seus pés.

Esfuziote. Se vos der os meus pés, ficareis com quatro.

Sanguixuga. Senhor, Vossa Alteza releve a minha desatenção, que eu o não conhecia.

Esfuziote. Não vos culpo o não conhecer-me, que nós, os príncipes, não temos sobrescrito; e, ainda que o tivera, como não sabeis ler, não podíeis soletrar no alfabeto de minha pessoa os caracteres de minha nobreza. Levantai-vos! Como vos chamais? (SILVA, 1957-1958b, p. 43).

Se, para Bakhtin (1988, p. 276), o gracioso participa do desmascaramento das relações sociais, apontando “o avesso e o falso de cada situação”, Paulo Pereira (2007, p. 45), por sua vez, comenta que, no teatro de Antônio José, “o gracioso é o fio condutor das ações, representa a consciência social e serve para pôr a ridículo os poderosos do tempo”. Ridicularizar quem detém o poder, esse talvez seja a mais interessante das ações dos graciosos desse requintado texto, como se pode observar quando o truão Esfuziote faz trocadilhos com o nome do Rei Minos:

Esfuziote. Senhor Minotauro; requeiro a Vossa Majestade ...

Teseu. Adverte que El-Rei chama-se Minos, e não Minotauro.

Esfuziote. De Minos a Minotauro pouco vai.

Licas. Senhor, Vossa Majestade saiba que este homem é um tonto. (SILVA, 1957-1958b, p. 33).

Se em “Creta tudo são labirintos e enigmas” (SILVA, 1957-1958b, p. 99), talvez o mais complexo desses jogos ambíguos aconteça na sugestiva Sala dos Enganos. Nesse espaço singular do labirinto, há um espelho mágico que amplia e aproxima a imagem, como muito bem explica seu criador:

Dédalo. Aquele espelho que ali vês fica fronteiro àquela janela, da qual, ainda que muito distante, se vêm jardins de palácio; e, sem embargo da sua distância, é tal o artifício com que fabriquei esse espelho, que aquele objeto remoto o avizinha tanto aos olhos, que nele se distingue a mínima flor daquele jardim. Repara e vê. (SILVA, 1957-1958b, p. 106-107).

Conforme Arthur Nastrovski (1994), labirintos e espelhos são “emblemas da duplicidade, que é a marca, afinal, de toda literatura irônica”. Já de acordo com Umberto Eco (1989, p. 20), espelhos no labirinto reduplicam, confundem e distorcem as imagens. Os espelhos

são fonte infinita de inspiração em toda literatura, já que “este roubo de imagem, esta tentação contínua de considerar-me um outro, tudo faz da experiência especular uma experiência absolutamente singular, no limiar entre percepção e significação”. Lembremos que tanto na biblioteca de *O nome da rosa*, de Eco, quanto na *Biblioteca de Babel*, de Borges, os espelhos criam uma percepção ilusória de infinito, desorientando bibliotecários e simples leitores curiosos que podem se perder por entre as estantes reduplicadas. Segundo Gustav Hocke (1974, p. 14), pode-se afirmar que os intermináveis reflexos desses espelhos deformantes “são o prelúdio do labirinto abstrato da irrealidade total”. Esse jogo duplo do espelho e do labirinto leva a essa experiência reduplicada da ilusão e do desnorreamento.

Teseu no labirinto passa também por essa experiência peculiar em que ele pôde observar, através de um espelho extraordinário o qual ampliava e confundia todos os sentidos, sua amada Ariadne, conversando com seu amante Lidoro, bem em frente aos jardins que cercavam o labirinto. Vítima da ilusão de ótica, mordido de ciúmes, ao olhar o cristal lapidado, Teseu, num gesto de fúria e de zelos, quebra o objeto mágico, exclamando que é na sala dos enganos que ele encontrou seu último desengano, uma vez que “há no mundo mais labirintos do que cuidais” (SILVA, 1957-1958b, p. 112). Teseu enfrenta, assim, além da fera híbrida, outra criatura tão ardilosa e malévola como o Minotauro, o ciúme:

SONETO

Labirinto maior, mais intrincado,
tem amor em meu peito construído,
de quem se ostenta aos golpes do gemido,
cinzel a mágoa, artífice o cuidado.

Na memória se vê delineado
o tormento de um gosto amortecido;
na confusão da dor o bem perdido
nunca se encontra, ainda quando achado.

À máquina mental desta estrutura
adornam, em funestos paralelos,
lâmina o susto, sombras a pintura.

Colunas são os míseros desvelos,
estátua o desengano se afigura,
fio a esperança é, monstros os zelos. (*Vai-se*). (SILVA, 1957-1958b, p. 113).

Entre os séculos XVI, XVII e XVIII, muitos autores irão trilhar as vertentes da estética barroca, elaborando personagens vítimas de sentimentos extremos os quais evoluem para

emoções deformantes, ou, como aponta Walter Benjamin (1994, p. 197), o Barroco é “o exagero das metáforas”. Se o ciúme “é o monstro de olhos verdes”, que atormentou Otelo, e “o amor obcecado por Dulcinéia” foi a fixação de Dom Quixote, Antônio José, como se percebe, não deixou também de ouvir os ecos dessa estética rebuscada, cuja marca maior seria o exagero. O ciúme em *O labirinto de Creta* é considerado o monstro-minotauro que atormentou Teseu “na confusão da dor do bem perdido”. E, como muito bem desabafou o bufão Esfuziote, “desses monstros há muitos no mundo”. (SILVA, 1957-1958b, p. 24). Mas, como estamos no reino da comédia, os graciosos fazem troça desses exageros sentimentais, zombam do maneirismo empolado das expressões afetadas:

Esfuziote. Agora eu! Sapiientíssima Taramela, um naufragante peregrino, combatido das ondas, mareado dos mares, açoitado dos ventos e enjoado das maresias vem hoje a oferecer o traquete do seu amor aos joanetes de teus pés, para que, dependurado no templo de tua formosura, se ostente troféu da tua galhardia. (SILVA, 1957-1958b, p. 38).

Durante a peça, o leitor perceberá que o dramaturgo inova de forma criativa a milenar história do labirinto de Creta, fugindo do sentido linear e comum do mito. Antônio José adota a multiplicidade de vozes, em que podemos ouvir também a fala do arquiteto Dédalo, o qual explica como projetou o caótico edifício:

Dédalo. E também da minha! Ora atende. Vendo Minos naquele monstro a sua perpétua infâmia, me ordenou que para morada dele fabricasse um estupendo e grande palácio, com tão equívocas entradas e saídas, que quem nele se introduzisse não pudesse atinar com a porta para sair, ficando preso na sua mesma liberdade; que por este enredado artifício se chamou o Labirinto de Creta. (SILVA, 1957-1958b, p. 24).

Como não podia deixar de ser, Antônio José deixa que o gracioso, com sua voz paródica e seu mundo às avessas, fazendo do humor uma “arma para enfrentar a organizada hostilidade do ambiente citadino”, na feliz observação de José Oliveira Barata (1985, p. 595), também possa dar sua versão debochada sobre a arquitetura desnorteante do labirinto:

Esfuziote. Se eu fora lisonjeiro, bem te podia dizer que quis vir acompanhar-te nas tuas penas, para ajudar-te a matar o Minotauro; porém, Senhor, a minha fraqueza é tal, que me não pode deixar mentir; e foi o caso: Depois que te trouxeram para o Labirinto, como o boi solto lambe-se todo, não me pesou o pé uma onça; e, como tal, de um pulo entrei por uma porta, saí pela outra, andei, desandei, corri, descorri para dentro, para fora, daqui para ali, até que dei contigo neste lugar, neste Labirinto, neste diabo, que bem escusado era

que o Senhor Dédalo fabricasse estes enredos; mas por donde cada um peca, por aí paga. (SILVA, 1957-1958b, p. 80).

Esse mundo labiríntico que na visão do bobo Esfuziote se “anda”, “desanda”, “para dentro para fora, daqui para ali”, esses “enredos de Dédalo, esse “lugar do Diabo”, projetam-se naquilo que Deleuze (1988, p. 44) especifica como uma espécie de “dobra”, de múltiplos significados, “com curva infinita que toca em uma infinidade de pontos, uma infinidade de curvas, a curva de variável única, a série convergente de todas as séries”.

O Barroco seria, portanto, para Deleuze (1992, p. 205), com suas “dobras”, “a crise da razão teológica: trata-se de uma última tentativa para reconstruir um mundo que está desmoronando”.

Também para Gustav Hocke, em *O mundo como labirinto*, os artistas e autores do período maneirista foram os mais fascinados pela temática da curvatura, do côncavo-convexo, da concha, do tortuoso, do bizarro, do exótico, daí a sedução pela figura intrincada do labirinto, com suas “equívocas entradas e saídas”. Hocke (1974, p. 21) comenta ainda que, quando “a ordem política e moral do mundo encontra-se conturbada”, ou quando o “mundo está repleto de desordem e de angústias”, será o labirinto poético que irá permear grande parte da literatura. Ora, dessa forma o labirinto pode ser assim a alegoria política de tempos sombrios. No filme *O labirinto do fauno* (2006), de Guillermo del Toro, podemos ver o labirinto como a metáfora do totalitarismo presente na Guerra Civil Espanhola. Nesse submundo mítico-político, nem as crianças, nem os sonhos, nem as fantasias conseguem escapar das monstruosidades fascistas, ficando todos reféns do labirinto ideológico.

Octávio Paz, em seu intrigante *O labirinto da solidão*, ao analisar a mitologia, a história e a psicologia do povo mexicano, também remete o leitor à metáfora do labirinto como elemento político, uma vez que a nação mexicana, esfacelada em sua identidade, perdida entre um passado mítico e um presente de colonização, necessita de um fio de Ariadne para sair desse conflito cultural. Segundo Paz (1976, p. 188), várias nações, dentre elas o México, também têm no labirinto um símbolo mítico e ilusório, movido pela possibilidade de renovação, já que em seu centro o povo encontraria um santo ou um redentor, que, “depois da expiação, que quase sempre traz consigo um período de isolamento”, salvaria o povo da pobreza e da solidão.

Não se pode esquecer que o Século XVIII em Portugal também foi uma época conturbada, marcada pelo absolutismo do reinado de Dom João V, o Magnânimo, o Rei-Sol português. No período áureo da Inquisição, D. João V, não satisfeito em manter um ritual de ostentação, rapinar toneladas do ouro brasileiro, instituir uma férrea censura às obras literárias,

foi também conivente, por um período de 43 anos, com os rituais do Santo Ofício, de cuja maioria, aliás, ele fazia questão de participar, assistindo-os com sua comitiva régia em locais privilegiados. Em seu governo, reafirmou-se a pedagogia do medo na perseguição aos hereges. Maria Tavares comenta que:

[...] como instrumento de controle social, de vigilância de todo dissidente, e, anotemos, de todo o desvio religioso, moral e social, o Tribunal do Santo Ofício desenvolveria toda uma técnica de psicologia de choque, em toda a população do reino. O medo, o temor, o castigo exemplar, seriam a face de todo esse sistema educativo, destinado à identificação do marginal e dissidente no todo que era a sociedade cristã que se definia uma perante o rei, o estado, a *ecclesia*. (TAVARES, 1987, p. 180).

E mais: D. João V instituiu, de maneira ferrenha e perversa, uma forma de delação em que, segundo relata Francisco Bethencourt (2000, p. 340), “os acusados não podiam conhecer os nomes de seus denunciadores ou das testemunhas de acusação, nem sequer as circunstâncias de tempo e lugar dos crimes imputados”.

Como consequência dessa situação absurda no modo de delatar os hereges, Portugal contabilizou somas assustadoras de presos, torturados e mortos no período em que o Magnânimo reinou. Morreram centenas de pessoas nas fogueiras: hereges, bruxas, protestantes, muçulmanos, judeus, cristãos-novos, dentre eles o dramaturgo Antônio José da Silva. Os apelos de Teseu e do embaixador Licas, endereçados ao Rei de Creta, na peça do Judeu, de forma alegórica, representariam os registros dos ecos dessas vozes sacrificadas durante esse período sombrio em que reinava a perseguição e a tortura:

Teseu. O bárbaro Rei, vendo que de uma vez não podia beber o sangue dos Atenienses, impôs o rigoroso tributo de que todos os anos pagasse Atenas sete mancebos para alimento de um monstro que chamam Minotauro, que dizem habita dentro em um labirinto.

Teseu. Senhor, a teus pés se oferece quem já nem é senhor da sua vida para dedicar-ta; porém estes breves instantes, que o alento se me dilata, desejara diminuí-los, para que mais depressa se satisfaça a tua vontade. (*Ajoelha*)

Os apelos do embaixador Licas: *Licas.* Rei e Senhor, se o motivo desse implacável rigor é o esparzido sangue de Androgeu, vede que o não ressuscitais com a morte de Teseu; e mais quando a clemência nos príncipes é atributo inseparável da sua grandeza. Perdoa, Senhor, a Teseu, que também o perdão é um generoso modo de castigar.

Rei. Inútil é o vosso requerimento.

Teseu. É definitiva essa sentença?

Rei. E não há mais para onde apelar. Olá! Levai a Teseu e a esses míseros companheiros ao Labirinto para serem despojos do Minotauro. (SILVA, 1957-1958b, p. 64-65).

Lembremos ainda que o labirinto no teatro de Antônio José pode estar entrelaçado também à herança místico-judaica desse cristão-novo, que, seguramente, teve contato com a simbologia cifrada da Cabala. Em *A poética da resistência em Bento Teixeira e Antônio José da Silva, o Judeu* chamamos a atenção para o fato de que se podem notar, nas operetas desse dramaturgo, pegadas do esoterismo judaico que foram habilmente mescladas à tradição cristã e à mitologia greco-romana, numa tentativa de despistar tanto a censura quanto os não iniciados.

Simbologias importantes da cultura hebraica, como “o porco, a oliveira, os gnomos, o burro, o ar, o poder mágico da palavra, a cidade de Jerusalém bem como a montanha e os profetas” (PEREIRA, 1998, p. 201), podem ser encontradas em muitas de suas comédias, principalmente nas brincadeiras e nas metamorfoses dos seus risíveis graciosos. Assim, podemos dizer que provavelmente as metáforas empregadas por Antônio José em suas comédias se assemelhem às estruturas místico-cabalísticas-judaicas, procedimento que, segundo Gershom Scholem (1978, p. 32), “utiliza símbolos velhos e dá-lhes significado novo”.

Ora, sabe-se que a figura do labirinto traz, em seu bojo, desde tempos imemoriais, significados esotéricos que remetem à reflexão, os quais deságuam na simbologia de uma jornada espiritual para o interior da alma, cujo centro seria o autoconhecimento. Na Idade Média, algumas igrejas, como, por exemplo, a catedral de Chartres e a de Amiens, na França, desenhavam labirintos no seu interior, geralmente no chão da nave central, pelos quais os fiéis deveriam caminhar, como uma metáfora de peregrinação à cidade de Jerusalém. Talvez não seja por acaso que, na peça *Labirinto de Creta*, o Rei Minos brade enfurecido com aqueles que ousavam entrar sem sua permissão no sinuoso edifício, perturbando o espaço sagrado de seus corredores:

Rei. Isso é, sem dúvida; porém, como Dédalo ainda vive encerrado no Labirinto, dele mesmo me poderei informar; mas, por ora, não me importa saber isso tanto como a causa de vossos insultos, inquietando o silêncio da noite e o sagrado deste Labirinto com desafios; e o que mais é, ver eu aqui as infantas neste sítio e a estas horas, e vós, Lidoro, com essa espada na mão. (SILVA, 1957-1958b, p. 119).

Josevânia Fonseca (2014, p. 106) afirma que as óperas do *Judeu*, além de demonstrar as “características da personalidade do comediógrafo e as marcas do sofrimento a que foi submetido nos cárceres da Inquisição”, também nos remetem às “referências à cultura dos judeus, sobretudo ao aspecto da nova espiritualidade, formada após a diáspora”.

Mas também não se pode esquecer que Antônio José, como dramaturgo irônico, manipulador de bonifrates e de bufões gozadores, sempre tenta nos confundir, nos lançar em seu enredo labiríntico de máscaras e de espelhos, de minotauros de araque, apresentando, como nos becos-sem-saída, falsas pistas, destinadas a perder ou enganar o bisbilhoteiro que nele penetra. Nesse sentido, o escritor pertenceria ao círculo que Lyslei Nascimento (2008, p. 2) intitula de os “falsos cabalistas, exegetas não autorizados, manipuladores desse arquivo demasiado sério”, os quais “inscrevem-se, portanto, numa tradição de moedeiros falsos que se dedicam a embaralhar as já intrincadas peças das ciências ocultas e das sociedades secretas”.

Por fim, a denúncia sobre as perseguições e torturas durante a Inquisição portuguesa, sofridas por Antônio José, podem ser ouvidas não somente na voz de Teseu, mas também, de forma diluída, nas múltiplas vozes de outros personagens da comédia. O dramaturgo deixou que os clamores de todos seus personagens, dos bobos ao Rei, do embaixador Licas aos enamorados, fossem ouvidos como metáfora de um grito de socorro frente às tragédias do reinado de Dom João V:

Esfuziote. Para viver; e é tão pouco? Pois enquanto o pau vai e vem, folgam as costas.

Sanguixuga. Que mais hei-de dizer? Vossa Senhoria não me entende já o que quero dizer?

Ariadna. Monstro feroz e indómito! Mas, ai de mim, que vejo?

Licas. Teseu, Príncipe de Atenas, foi sobre quem este ano caiu a infeliz sorte do tributo; tão rigoroso é o escrutínio, que nem a sua régia pessoa se pode isentar.

Rei. Oh, tirana sorte! Para isto me dilataste a vida, supremo Jove? (SILVA, 1957-1958b, p. 155).

Numa época em que o labirinto da Inquisição, com seus minotauros antropófagos, perseguiu, matou e queimou centenas de artistas, pensadores e autores, Antônio José, com seu teatro burlesco, de forma corajosa, ora por meio de alegorias e de outras formas cifradas, ora de forma clara e destemida, registrou, nas vozes de seus personagens cômicos, seu fado e drama, cujo único pecado teria sido, como clama Teseu, “eternizar a minha fineza apesar da minha morte!” (SILVA, 1957-1958b, p. 57).

Referências

AZEVEDO, J. L. **Novas Epanáforas**. Lisboa: Livraria Clássica, 1932.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e de Estética**. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini *et al.* São Paulo: Hucitec/UNESP, 1988.

BARATA, José Oliveira. **Antônio José da Silva: criação e realidade**. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, 1985.

BENJAMIN, Walter. **Origens do Drama Barroco Alemão**. Tradução de Paulo Sérgio Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BETHENCOURT, Francisco. **História das Inquisições: Portugal, Espanha e Itália**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BORGES, Jorge Luis; GUERRERO, Margarita. **O Livro dos Seres Imaginários**. Tradução de Carmem Vera Lima. São Paulo: Globo, 2000.

BORGES, Jorge Luis. A Casa de Asterion. In: BORGES, Jorge Luis. **O Aleph**. Tradução de Flávio José Cardozo. Rio de Janeiro: Globo, 1972.

BRANDÃO, Ruth Salviano. **Minotauro: o insuportável desígnio**. Belo Horizonte: Cas' a' screver, 2015.

CHARTIER, Roger. O Dom Quixote de Antônio José da Silva, as marionetes do Bairro Alto e as prisões da Inquisição. Tradução de Estela Abreu. **Sociologia & Antropologia**. Rio de Janeiro: UFRJ, v. 02, p.161- 181, 2012.

CHOCIAIY, Rogério. Antônio José da Silva, o Judeu: uma antecipação da liberdade no verso. **Rhythmos**. São José do Rio Preto, 16, p.1-29, 1992.

DELEUZE, Gilles. **A Dobra: Leibniz e o Barroco**. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. Campinas: Papyrus, 1988.

———. **Conversações (1972-1990)**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992.

DIEL, Paul. **O Simbologismo na Mitologia Grega**. Tradução de Roberto Cacuro e Marcos Martinho dos Santos. São Paulo: Attar, 1991.

DINES, Alberto. **Vínculos do Fogo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

ECO, Umberto. **Sobre os Espelhos e outros Ensaio**s. Tradução de Beatriz Borges. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

FONSECA, Josevânia Souza de Jesus. **Antônio José da Silva e o Labirinto da Mística Judaica: religiosidade e resistência na literatura cristã-nova no início do século XVIII**. Dissertação de Mestrado. Sergipe. Universidade Federal de Sergipe. 2014.

Cf. FURTER, PIERRE. La structure de l'univers dramatique d'Antonio José da Silva, o Judeu. **Bulletin des Etudes Portugaise**. Lisbonne/Paris, n.15, p.51-75, 1964.

HOCKE, Gustav R. **Maneirismo: o mundo como labirinto**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

JEHA, Julio. Monstros como metáforas do mal. In: _____. (Org.). **Monstros e Monstruosidades na Literatura**. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

MUCHEMBLED, Robert. **Uma História do Diabo**: séculos XII-XX. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2001.

NAZARIO, Luiz. **Autos-de-fé como Espetáculos de Massa**. São Paulo: Humanitas, 2005.

_____. **Da Natureza dos Monstros**. São Paulo: Arte& Ciência, 1998.

NASCIMENTO, Lyslei. O Aleph, Beatriz e a Cabala em Jorge Luis Borges. **Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG**, Belo Horizonte, v. 2, n. 3, out. 2008.

NESTROVSKI, Arthur. Viagem ao centro do labirinto. **Folha de São Paulo**, São Paulo, domingo, 19 de junho de 1994. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/6/19/mais!/11.html>>. Acesso em: 23 fev. 2017.

NOVINSKY, Anita. **A Inquisição**. São Paulo: Brasiliense: 1994.

PAVIS, Patrice. **Dicionário de Teatro**. Tradução de Maria Lúcia Pereira *et al.* São Paulo: Perspectiva, 2003.

PAZ, Otávio. **O Labirinto da Solidão e Post Scriptum**. Tradução de Eliane Zagury. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

PEREIRA, Kenia Maria de Almeida. **A Poética da Resistência em Bento Teixeira e Antônio José da Silva, o Judeu**. São Paulo: Annablume, 1998.

PEREIRA, Paulo Roberto. “O gracioso” In: SILVA. **As Comédias de Antônio José, o Judeu**. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p.42-45

PEYRONIE, André. Labirinto. In: BRUNEL, Pierre (Org.). **Dicionário de Mitos Literários**. Tradução de Carlos Sussekind. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

SCHOLEM, Gershom G. **A Cabala e seu Simbolismo**. Tradução de Hans Borger e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1978.

SILVA, Antônio José da. Anfitrião, ou Júpiter e Alcmena. In: _____. **Obras Completas**. 4 vols. Organização de José Pereira Tavares. Lisboa, Sá da Costa, 1957-1958.

SILVA, Antônio José da. A vida do grande Dom Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança. In: _____. **Obras Completas**. 4 vols. Organização de José Pereira Tavares. Lisboa, Sá da Costa, 1957-1958a.

SILVA, Antônio José da. Guerras do Alecrim e Manjerona. In: PEREIRA, Kenia Maria de Almeida. **Guerras do Alecrim e Manjerona**: entre o jogo do entrudo e as artimanhas do coração. Uberlândia: EDUFU, 2012.

SILVA, Antônio José da. O Labirinto de Creta. In: _____. **Obras Completas**. 4 vols. Organização de José Pereira Tavares. Lisboa, Sá da Costa, 1957-1958b.

SILVA, Antônio José da. **Os Encantos de Medeia**. Organização de Kenia Maria de Almeida Pereira. São Paulo: EDUSP, 2013.

SILVEIRA, Francisco Maciel. **Concerto Barroco às Óperas do Judeu**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

TAVARES, Maria José Pimenta Ferro. **Judaísmo e Inquisição**. Lisboa: Presença, 1987.

WACHTEL, Nathan. **La Foi du Souvenir: labyrinthes marranes**. Paris: Seuil, 2001.

Recebido em: 06 de março de 2017.

Aceito em: 06 de junho de 2017.

TABULEIRO DE LETRAS

Memória e identidade na obra *Fim*, de Fernanda Torres.

Memoria e identidad en el libro *Fim*, de Fernanda Torres.

Doroteia Carneiro dos Santos¹

Cláudio do Carmo Gonçalves²

RESUMO: O presente artigo baseia-se na história do personagem *Ciro*, do livro *Fim* (2013), de autoria da escritora Fernanda Torres, para discutir a relação entre memória individual e o nome próprio como portador de uma identidade, pois consideramos que a identidade, enquanto determinante das características individuais, é construída por meio da relação dialógica e pela troca de experiências. Desse modo, tudo o que é compartilhado nesse contato com o outro fica gravado na memória. E, assim, as relações memorialísticas e identitárias se constituem por meio do convívio em sociedade e individualmente.

Palavras-chave: Nome próprio; Memória; Identidade.

RESUMEN: En este artículo, parte de la historia del personaje de *Ciro*, del del libro *FIM* (2013), de la escritora Fernanda Torres para discutir la relación entre la memoria individual y el propio nombre como el portador de una identidad, porque creemos que la identidad como factor determinante de la características individuales, se construye a través de relación dialógica e intercambio de experiencias. Por lo tanto, todo lo que se comparte en contacto entre sí se almacena en la memoria. Y así los memorialísticas indentitárias y relaciones están constituidos por la vida en la sociedad y el individuo.

Palabras clave: Nombre próprio; Memoria; Identidad.

1 Introdução

O presente artigo parte da história do personagem *Ciro*, com o objetivo de discutir, à luz das teorias sobre memória e identidade, o processo identitário e memorialístico que envolve a

¹ Mestra em Letras: Linguagens e Representações pela Universidade Estadual de Santa Cruz. Docente da Educação Básica no município de Ilhéus. Professora articuladora no município de Arataca. E-mail: doroteiacarneiro@bol.com.br

² Doutor em Ciência da Literatura pela UFRJ / Professor Titular da Universidade do Estado da Bahia / UNEB; Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras: Mestrado em Linguagens e Representações da UESC. E-mail: claudiocarmog@gmail.com

identidade individual e sua relação com o nome próprio frente às imagens representativas de quem se é no processo de interação com o outro, o que nos permite confrontar as lembranças coletivas e as individuais. Partindo desse pressuposto, apresenta-se aqui um breve enredo da narrativa: A referida história é dividida em cinco capítulos principais, com o nome de cada um dos personagens que contarão sua história: Álvaro, Sílvio, Ribeiro, Neto e Ciro.

Os cinco amigos se conheceram na juventude na década de sessenta durante o carnaval, na cidade do Rio de Janeiro. Nesse período, a amizade dos cinco se fortaleceu, devido ao convívio do grupo nas farras. Com a passagem do tempo, esse convívio tão próximo deixou de existir, restando apenas memórias solitárias daquele período juvenil.

No que tange ao capítulo destinado a Ciro, o personagem se vê em estado terminal e à base de fortes medicamentos, por conta de um câncer. Esse presente doloroso acompanha-se, algumas vezes, de um estado de semiconsciência, o que possibilita ao personagem transitar entre passado e presente, tendo como ponto de partida as lembranças juvenis, a identidade que representava e o que ele se tornou diante do que vivencia com a doença, estando preso a um leito de hospital.

Diante do exposto, a discussão aqui apresentada confrontará as imagens memorialísticas construídas coletivamente sobre o sujeito e, concomitante, às imagens que trazem à tona a identidade vivida no tempo presente. Para tanto, recorreremos às teorias de memória e identidade, a partir das relações estabelecidas entre memória e esquecimento.

2 A Identidade Construída por meio das Memórias de Ciro.

A memória permite ao ser humano usar da sua capacidade cognitiva para firmar-se nas experiências passadas, mas que foram armazenadas e evocadas no tempo presente. Todo esse processo de armazenamento e evocação impede que o sujeito sobreviva de imediatismos, além de conferir-lhe a identidade, pois esta nos torna conscientes do que somos e de qual meio social pertencemos.

Isso ocorre porque o ato de lembrar é a atualização das informações adquiridas no passado. Quando trazemos tais imagens para o tempo presente, estas são atualizadas, pois parte da interpretação é feita por meio da nossa capacidade perceptiva e, desse modo, representamos internamente o que foi recebido. Portanto, lembrar significa recordar o que está guardado na memória por toda a nossa vida. O que fica registrado na memória individual é fruto de um trabalho de organização das informações selecionadas as quais são levadas à consciência em forma de lembrança.

Para Bosi (1994), a lembrança é o que assegura a sobrevivência do passado, pois cada indivíduo conserva em seu espírito o pretérito. Essas lembranças nos acompanham por toda a nossa vida, guardando traços da nossa personalidade e marcas da nossa existência que estarão sempre permeadas de emoções e medos. Enfim, nos arquivos da memória encontram-se as imagens das experiências selecionadas por nós, as quais nos guiarão pelo resto dos nossos dias ou apenas por um período da nossa vida.

Os estudos da memória têm suas origens desde a civilização grega numa época em que não havia a imprensa e na qual prevalecia a oralidade. A memória era concebida pelos gregos como uma divindade chamada *Mnemosyne*. Pertencente ao panteão grego, tinha o poder de possuir os corpos dos poetas, conferindo-lhes a visão do tempo passado e libertando-os dos males do presente. Para os gregos a memória permitia conhecer o que passou, a fim de promover maturidade para o futuro. Desse modo, a função da memória seria possibilitar ao poeta o acesso ao outro mundo e, ao retornar ao mundo dos mortais, poder cantar a realidade, mas para isso era preciso ter a capacidade não somente de evocar lembranças, mas também de esquecimento, conforme citação seguinte de Vernant (1990) sobre o momento em que se faz a consulta ao oráculo de Labadeia e eram conduzidos a duas fontes:

Antes de penetrar na boca do inferno, o consultante, já submetido aos ritos purificatórios, era conduzido para perto das duas fontes chamadas *Lethe* e *Mnemosyne*. Ao beber na primeira, ele esquecia tudo da sua vida humana e, semelhante a um morto, entrava no domínio da Noite. Pela água da segunda, ele devia guardar a memória de tudo o que havia visto e ouvido no outro mundo. À sua volta, ele não se limitava mais ao conhecimento do momento presente; o contato com o além lhe havia trazido a revelação do passado e do futuro. Esquecimento é, pois uma água da morte. Ninguém pode abordar o reino das sombras sem ter bebido nessa fonte, isto é, sem ter perdido a lembrança e a consciência (VERNANT, 1990, p. 114).

A citação anterior nos mostra que, ao ter acesso ao outro tempo, o poeta perde a sua condição presente e livra-se das mazelas humanas. É por meio do esquecimento do tempo atual que o poeta tinha acesso ao tempo dos deuses. Por essa razão, o consultante, conforme citação acima, era convidado a beber das duas fontes. Esse passeio em direção a essas fontes – a do esquecimento (*Lethe*) e a da *Mnemosyne* – será apresentado neste artigo por meio de *Ciro*, um dos personagens de *Fim* (2013), o qual, diante da sua condição física, desejou esquecer o seu presente doloroso num leito de hospital e beber das “águas passadas”, no intuito de reencontrar sua identidade.

3 A História de Ciro: o jogo paradoxal entre passado e presente na busca pela identidade e sua história de vida.

O romance conta a história de cinco personagens: Álvaro, Sílvio, Ribeiro, Neto e Ciro. Cada um deles compõe sua própria história, trazendo para o tempo presente imagens das experiências compartilhadas na juventude. Cada capítulo é narrado sob o ponto de vista de um desses personagens, o que possibilita ao leitor colher o produto final: o enredo.

Esses personagens são cariocas e rememoram passagens de suas vidas no convívio entre amigos e familiares na cidade do Rio de Janeiro. No entanto, o presente artigo trará apenas a análise do personagem Neto e sua evocação do passado em busca da sua identidade.

Dentre o grupo dos amigos, Ciro era o mais admirado, mas também o mais invejado, por ser dentre os jovens, o mais desejado pelas mulheres. Esse sucesso no meio do grupo feminino se dava não apenas pela aparência, mas também pelas habilidades que tinha: jogava sinuca, futebol, peteca, pôquer. Sabia agradar as mulheres, pois era cortês, um cavalheiro. Cantava e tocava violão, e foi num momento mágico desses de roda de música que se apaixonou por Ruth e casou-se com ela. Uma mulher que, segundo Álvaro (um dos cinco amigos) era, além de bonita, inteligente e sexy. O casamento não durou para o resto da vida e entre idas e vindas, o desgaste e as traições de Ciro puseram fim à relação.

Aos cinquenta anos, Ciro foi acometido por um câncer e, com isso, percebera que seu tempo estava acabando. Esse fato o fez ser bombardeado por uma gama de lembranças as quais se embaralhavam ao seu presente. O evocar das memórias da vida antes do câncer dava a ele a ilusão de acesso à sua vida saudável, devido à possibilidade de reviver as situações por meio da lembrança. Segundo Candau (2014), a memória nos dá a ilusão de que os momentos passados não estão definitivamente inacessíveis, pois é possível revivê-los por meio da lembrança, cuja realização, por sua vez, é a atualização do tempo fazendo o passado coincidir com o presente.

Pela memória, Ciro vincula os pedaços do que foi numa nova imagem, a qual talvez possa ajudá-lo a encarar sua vida presente. Esse movimento permite ao leitor de *Fim* fazer um contraponto entre o jovem Ciro e o homem maduro, além de vislumbrar o desejo dele em encontrar, por meio da memória a sua identidade, lançando no esquecimento o sujeito doente internado e agonizante.

Se no passado ele foi um homem bem-sucedido na vida social, no presente estava restrito a um leito de hospital com uma realidade ainda mais dura, na qual vê seu corpo esvaír-se, fragmentado em dores, sem parte do fígado, intestino, sem cabelos, pâncreas e vesícula. Com cistite, cateter no peito e dreno no pulmão. Por necessitar de ajuda para caminhar e realizar

tarefas diárias, era acompanhado por três enfermeiras que se revezam para atendê-lo. Sua condição atual oscila entre momento de sono por conta das medicações fortes e da consciência. Para Ciro, as doses cada vez maiores de morfina, além de aliviar a dor, saciavam o desejo de apagar e poder esquecer-se da condição presente, mergulhando em suas memórias. A visão das imagens passadas o liberaria do mal que o afetara, visto que a memória o deslocaria no tempo: “Santa morfina, alívio para a dor e a lerdeza das horas. Por que demora? Quero apagar, esquecer, sair daqui”. (FIM, p. 161).

Esse desejo pela morfina o liberaria das dores da doença e da falta de perspectiva de vida futura. Era a entrada num passado no qual estaria sua vida, sua identidade, comprovada em algumas passagens em que diz: “O meu nome é Ciro, sou advogado” (FIM, p. 168). Essa autoidentificação por meio do nome próprio o permite se reconhecer enquanto pessoa e profissional, pois sem a memória sua identidade desapareceria.

A ingestão do potente analgésico soava como beber da fonte do *Lethe*, pois lhe proporcionava esquecer-se da dor humana, numa espécie de rito preparatório para a entrada em outro lugar, no qual seria conduzido ao passado. No entanto, é somente pela memória que sua identidade é preservada. Para esse paciente terminal, o próprio nome retoma as memórias da juventude e, conseqüentemente, da virilidade – característica que também pode ser associada à imagem do advogado bem-sucedido na profissão. De acordo com Candau (2014), o nome é sempre uma questão identitária e memorial, pois as relações estabelecidas entre nome, memória e a identidade são muito fortes. Para Ciro, acessar seu nome pela memória o faria renascer e se reconhecer. Era o reencontro com sua identidade e a possibilidade de reaproximação com sua antiga imagem.

Mas para isso era necessário esquecer o presente e, semelhante ao poeta que, convidado a entrar no tempo dos deuses, Ciro foi conduzido inicialmente para a fonte do esquecimento e nela perdeu o contato com o presente e com o corpo físico, de enfermo no hospital. O esquecimento, enquanto água da morte, se contrapõe à memória, fonte de imortalidade. Por outro lado, essa relação memória-esquecimento simboliza uma espécie de passagem da morte-vida de Ciro para sua vida mais antiga, arquivada nos registros da memória. O acesso a esse arquivo reforça a ideia de Candau (2014), de que sem a memória o sujeito se esvazia e sua identidade desaparece. No entanto, essas lembranças de Ciro são apenas fragmentos do que foi vivido outrora, pois, em se tratando do que fica registrado não há como evocar um evento passado em sua totalidade. As imagens evocadas são parte do que foi vivido e não a totalidade, mas uma

cópia do passado que nunca poderá ser a original, porém tornam presente o que já estava ausente.

Por meio das memórias, *Ciro* suspende o tempo e revisita seu passado, mas, ao retornar à realidade, ainda é um enfermo num leito de hospital. Por esse motivo, o estar no passado confere-lhe a sensação de um retorno a si. No entanto, esse retorno não o deixaria do mesmo modo, não seria mais apenas o *Ciro* advogado, tampouco o doente, mas alguém que transitou entre os dois mundos, que não é mais somente de um ou do outro. *Ciro* estaria, então, na rachadura aberta do tempo e não era mais ele no hospital. Eram ele, a esposa, o quarto, a cama, a cortina e a conversa diária sobre a relação, isto é, ele se fundia a ela e aos objetos a partir da realidade entremeada pelas memórias:

Despertei com ela do lado, olhava o teto. Estava esperando você acordar, disse. Um manto pesado havia caído sobre nós dois, tão inesperado e intenso quanto o amor de antes, mas diferente, sombrio, desolador. Sentei de costas para ela, pensei dizer alguma coisa, mas continuei calado. Fui escovar os dentes. Ela me esperou voltar, exigiu uma explicação. Não é nada, Ruth. Como nada, *Ciro*? Eu te fiz alguma coisa? Não, você não me fez nada. Então qual é o problema? O problema, Ruth, é o nosso casamento. Ela empalideceu como se estivesse recebido a notícia da morte de alguém. Se ficassemos ali charfundando, seria pior, já estava pior. O pequeno desconforto dera frutos, frases, brigas e indagações, era preciso estancar a sangria. Eu vou trabalhar, Ruth, e acho que você deve fazer o mesmo, eu não sei o que há comigo. Me perdoa, eu tenho hora na cidade, vamos conversar à noite [...]. Que horas são? Anoiteceu. Eu dormi. Devo ter dormido. Já me aplicaram? Certamente que sim. Cadê a outra dose? Quero voltar para onde eu estava. (FIM, p. 163-177).

Esse retorno ao passado o permitiu visitar a casa em que viveu com Ruth, mesmo estando preso a um leito de hospital, pois, embora muito doente, as lembranças permaneceram intactas e o personagem trouxe à tona objetos, músicas, cheiros, pessoas, espaços que são partes de um todo que o compõe. Esses elementos funcionam como metonímia dos eventos passados, deixando claras as lacunas do tempo em que se recupera e reforça a ideia de que a memória é seletiva e arquivamos apenas o que nos é significativo.

Retomando os espaços ocupados por *Ciro*, nota-se que há concomitantemente dois lugares definidos: o hospital e os lugares percorridos pela memória. Desse modo, não há mais a singularidade do espaço, pois com a evocação desses lugares o primeiro passa para uma dimensão plural, de outros. Simultaneamente, ele está neste e naqueles lugares ao mesmo tempo. Pela memória traz junto com as imagens evocadas a sua casa, Copacabana, a praia, Cinelândia e Santa Teresa, pois não há meio de lembrar sem trazer junto os lugares nos quais

foram vivenciadas essas experiências. Em contrapartida, ao retornar do passado, Ciro nos apresenta o espaço do presente: o hospital.

A falta de privacidade é o grande abuso da rotina hospitalar. As portas não têm tranca. Os enfermeiros, os faxineiros, os médicos, qualquer um entra a hora que bem entende, falam alto, mexem em tudo. Limpam o chão, trocam sonda, futucam, apalpam, furam, é um pesadelo (FIM, p. 177).

Mesmo em meio ao cenário hospitalar, sem um mínimo de privacidade, conforme descrição acima, as memórias de Ciro nos deslocam para outros espaços, para sua vida em família, suas aventuras amorosas e seus encontros com os amigos. Por intermédio dele conhecemos parte das experiências desse grupo de cinco personagens que protagonizam o romance *Fim*, ainda que de forma parcial, pois essas memórias são individuais. Ou seja, ainda que parte das lembranças evocadas tragam também seus amigos, estes não estão presentes no momento da rememoração de Ciro, pois ele está solitário e o convívio entre eles fica concretizado apenas no passado. Sendo assim, é uma memória individual fruto de uma experiência coletiva que permite ao personagem trazer ao mesmo tempo o seu contato social e a sua história, embora o seja de forma fragmentada.

Nesse jogo presente-passado, nós leitores, também somos conduzidos a contemplar as imagens da cidade e o que ela pôde oferecer naquela época. Em seguida, saindo do tempo da memória voltamos para o presente e, novamente, compartilhamos do sofrimento de um moribundo solitário, já sedento pelo fim de sua vida. Diante disso, nota-se que nos deparamos diante de muitos estágios de Ciro, desde o momento do diagnóstico do câncer até as passagens nas quais, diante do seu passado, conhecemos um pouco da história do jovem, casado e advogado.

Diante dessa visão do passado e do presente, assim como quem bebeu das fontes divinas – esquecimento e memória –, pudemos vislumbrar seu futuro pela antecipação da morte que lhe chega sentencialmente, seja pela doença, seja pela eutanásia. No que se refere à segunda, percebe-se que a antecipação da morte intensifica a certeza de uma falta de perspectiva futura, da impossibilidade do resgate do passado em sua integridade e da negação à condição atual. O fim da vida é então o alívio, tanto das dores físicas quanto para a dor causada pela constatação de não mais pertencimento a seu mundo atual.

4 Considerações Finais

A memória permite-nos recorrer ao passado por meio de imagens mentais, possibilitando-nos construir a nossa história de vida, pois são carregadas de traços da nossa personalidade. Tal qual o caso de *Ciro*, objeto deste artigo, utilizado a fim de comprovar que é pelo passado, mais precisamente nos arquivos da sua memória, que o personagem foi capaz de reencontrar fragmentos formadores da sua identidade. Essa identificação ocorreu por meio da evocação de imagens do próprio nome e da profissão. Fatores que o fizeram ser reconhecido socialmente. Imagem bem distante da concebida no seu tempo atual, enquanto doente num leito hospitalar. Diante do exposto, percebe-se que é a memória quem nos permite unir como um fio condutor o que fomos ao que somos atualmente. Da mesma maneira o personagem *Ciro* teve a necessidade de recorrer ao passado, para assim ter consciência de si.

Esse percorrer o caminho de volta nos permite inferir que a identidade do personagem foi construída no decorrer do tempo e a sua capacidade de lembrar é o que o torna consciente do seu passado e o permite lembrar-se do que fora. Outro fator importante com essa análise é que a história desse personagem nos traz o exemplo de que a memória preservada conserva a personalidade e, conseqüentemente, a presença de si mesmo.

O que de fato *Ciro* recobra não é o que foi no passado, mas a imagem disso, para que esta possa agir sobre o presente e represente a sua verdadeira identidade. A evocação do próprio nome confere-lhe, além da identidade, a lembrança do que tinha sido, reforçando assim a ideia de Candau (2014, p. 68), de que o nome próprio é sempre “uma questão identitária e memorial”. Portanto, lembrar-se do próprio nome conferia a *Ciro* o direito de se reconhecer socialmente, mas proporcionava um movimento paradoxal, pois, ao retornar a esse passado, havia a negação do sujeito do presente, ainda que de forma ilusória, para dar espaço a uma imagem do passado, mas satisfatória de si mesmo e assim evitar que sua história de vida, a do *Ciro* advogado e do homem viril, caísse num profundo esquecimento em meio ao seu presente, como dono de um corpo doente e agonizante num leito de hospital à espera da morte.

Referências

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. Tradução de Maria Leticia Ferreira. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

TORRES, Fernanda. **Fim**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e Pensamento entre os Gregos**: estudos de psicologia histórica. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

Recebido em: 18 de março de 2017.

Aceito em: 15 de junho de 2017.

TABULEIRO DE LETRAS

Ensino-aprendizagem de espanhol como língua estrangeira num cursinho popular voltado para o Enem: contribuições via Linguística Aplicada e Estudos Discursivos

Teaching-learning of Spanish as a foreign language in a popular course aimed at Enem: contributions via Applied Linguistics and Discursive Studies

Carlos Eduardo da Silva Ferreira¹

RESUMO: O objetivo proposto neste artigo é apresentar questões relacionadas ao ensino de língua espanhola, tendo como foco a preparação dos alunos para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Tais questões nasceram do projeto desenvolvido durante o meu Estágio Supervisionado de Prática de Ensino de Língua Estrangeira, juntamente com meu grupo, ocorrido no ano de 2012. Ao mesmo tempo, o espaço aqui oportunizado traz reflexões teóricas entre a Linguística Aplicada e os estudos discursivos. O referido projeto foi aplicado aos alunos de um cursinho pré-vestibular mantido pela Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, na condição de optativo. O minicurso, com carga horária de 30 horas, que foi ministrado por mim e colegas da turma, teve como objetivos 1) possibilitar aos vestibulandos a aproximação de reflexões sobre culturas diferentes e fazer com que eles relacionassem o sistema linguístico-discursivo da língua portuguesa ao sistema da língua espanhola, para tanto utilizando atividades de leitura e interpretação de diferentes tipos de textos escritos em língua espanhola; 2) desenvolver a competência linguístico-discursiva do público-alvo; e 3) preparar o vestibulando para a avaliação do Enem 2012. Ao final do minicurso, o grupo considerou como aspectos positivos as reflexões ocorridas sobre as variedades linguísticas na língua espanhola e as discussões sobre as semelhanças entre a língua materna e a língua estrangeira e ainda as adequações de elementos linguísticos aos diferentes gêneros discursivos estudados.

Palavras-chave: Ensino; Língua espanhola; Vestibular; Enem.

ABSTRACT: The purpose of this paper is to present questions related to Spanish language teaching focusing on the students' preparation for Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) evaluation. These issues were born of the project developed during my Supervised Internship of Foreign Language Teaching Practice (with my group too), held in the year of 2012. At the same time, the space offered here brings theoretical reflections between Applied Linguistics and discursive studies. This project was applied to the students of a pre-university course maintained by the Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, in the condition of optional class. The 30-hour mini-course, which was taught by me and colleagues in the class, aimed 1) to enable students to approach reflections about different cultures and make them relate the linguistic-discursive system of the Portuguese language to the System of the Spanish language, using for this purpose activities of reading and interpreting different types of texts written in Spanish; 2) to develop the linguistic-discursive competence of the target audience; and 3) to prepare the students for the evaluation of Enem 2012. At the end of the mini-course, the group considered as positive aspects the reflections on Spanish-language linguistic varieties and the discussions about the similarities between the mother tongue and the foreign language and still the adaptations of linguistic elements to the different discursive genres studied.

Keywords: Teaching-learning; Spanish; University entrance exams; Enem

¹ Doutorando em Linguística e Língua Portuguesa pela Faculdade de Ciências e Letras da Unesp de Araraquara. Bolsista CAPES. Doutorando no Programa de Pós-Graduação Multiunidades em Ensino de Ciências e Matemática (Pecim), na Unicamp. E-mail: karloseduardoo@yahoo.com.br

1 Introdução

O presente texto apresenta questões relacionadas ao ensino de língua espanhola, tendo como foco o trabalho pedagógico aplicado aos estudantes que se preparam para a avaliação do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), no ano de 2012. Tais questões são decorrentes do projeto “Trabalhando Língua Espanhola com foco na avaliação do Enem 2012”, desenvolvido durante o término de minha graduação, acontecimento ocorrido no primeiro semestre do corrente ano. O referido projeto foi posto em prática na forma de um minicurso de 30 horas destinado aos estudantes de um cursinho pré-vestibular atendido pela Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara na condição de optativo.

Ressalta-se que tanto o projeto quanto o minicurso fizeram parte das atividades de meu “Estágio Supervisionado de Prática de Ensino de línguas estrangeiras: italiano e espanhol”. Convém também esclarecer que nessa disciplina, além das regências de aulas, os estagiários elaboram um diário reflexivo de todo o processo do estágio do qual possam utilizar os registros e reflexões para a confecção de um relatório final. Nesse sentido, as atividades de estágio não só proporcionam ao licenciando uma oportunidade de contato prático-imediatista com situações de ensino-aprendizagem em contexto formal de ensino, mas também permitem que sejam planejadas e desenvolvidas várias atividades a partir de conhecimentos adquiridos e discutidos ao longo de sua formação acadêmica. Além disso, trata-se de uma oportunidade para poder pensar criticamente sobre sua prática de sala de aula e sobre a articulação dessas práticas com questões teóricas.

De fato, o projeto “Trabalhando Língua Espanhola com Foco na Avaliação do Enem 2012” nasceu da necessidade de se incluir o ensino de língua espanhola em um cursinho preparatório para o vestibular, especificamente para a avaliação do Enem 2012. É pertinente explicar que o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) é uma prova criada pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) em 1998, para servir como ferramenta avaliativa na medição da qualidade geral do Ensino Médio no País. Nos últimos anos, o Enem começou a ser utilizado também como exame de acesso ao Ensino Superior em universidades públicas brasileiras por meio do Sistema de Seleção Unificado (SiSU). Ademais, o Enem também é feito por pessoas com interesse em ganhar pontos para o Programa Universidade para Todos (ProUni) e, a partir de 2009, passou a servir como certificação de conclusão do Ensino Médio em cursos de Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Por outro lado, deve-se considerar também a valorização da língua espanhola no contexto educacional brasileiro, tendo em vista que desde 2005, com a Lei nº 11.161/2005,

ela passou a integrar as grades curriculares, sendo sua oferta obrigatória nas escolas públicas e privadas do Ensino Médio e ainda pela inserção dessa língua no Enem como item avaliativo possível ao lado da língua inglesa como opções de avaliação em língua estrangeira, a partir de 2010.

Assim, dada a importância crescente da língua espanhola, tanto no ensino regular quanto no Enem, e ainda considerando a importância que esse exame vem adquirindo para o ingresso no Ensino Superior, a discussão sobre como trabalhar a língua espanhola na preparação para esse exame nacional torna-se relevante e procedente. Segundo Kanashiro (2012, p. 28-29), diante desse novo cenário, algumas perguntas devem ser feitas: “Qual a concepção de leitura de textos de espanhol como língua estrangeira subjacente nas provas”? Que tipo de habilidades e conhecimentos o examinando deve demonstrar? Quais modalidades de textos e questões são selecionadas para o exame? E para respondê-las é necessário que sejam fomentadas pesquisas sobre o tema, para que se tenha maior clareza sobre as funções do Enem e também sobre os possíveis efeitos desse exame para as referências curriculares do Ensino Médio.

Certamente tais questões deverão embasar o planejamento de cursos e de materiais didáticos com vistas a preparar o vestibulando para a avaliação do Enem. Nessa perspectiva, o projeto “Trabalhando Língua Espanhola com Foco na Avaliação do Enem 2012” foi desenhado com os seguintes objetivos: possibilitar aos vestibulandos a aproximação de culturas diferentes e fazer com que eles relacionassem o sistema da língua portuguesa ao sistema da língua espanhola, realizando, para tanto, atividades de leitura e interpretação de diferentes tipos de textos escritos em língua espanhola; desenvolver a competência linguístico-discursiva do público-alvo e; preparar o vestibulando para a avaliação do Enem 2012.

Em 2009, a prova, que antes visava à avaliação de perfis dos estudantes do Ensino Médio, passou a reforçar, por meio de algumas mudanças, o objetivo de selecionar alunos concluintes da educação básica para a inserção em várias Instituições de Ensino Superior (IES), inclusive nas públicas, algumas estaduais e federais. A partir daquele ano a estrutura da prova sofreu alterações, houve aumento no número de questões e a aplicação do exame foi organizada em dois dias. Além da redação, foram incluídas 45 questões para cada área de conhecimento:

A partir dessa data, a cada ano o Enem tem sido utilizado como artifício de ingresso, de maneira direta, em IES. Nos anos anteriores – e ainda persistente em alguns vestibulares –,

o exame era utilizado como cofator de cálculo final em vestibulares de faculdades tanto privadas quanto públicas. Nas provas de 2012 em diante, há uma evidente explicitação da função do Enem como vestibular, exaurindo sua centralidade como instrumento avaliativo do Ensino Médio/Básico.

2 Abordagem Teórica em Pauta

O ponto de partida desta pesquisa se fundamenta em uma orientação teórico-metodológica dentro da Linguística Aplicada voltada ao ensino de língua estrangeira, bem como nas reflexões desenvolvidas pelos estudos dialógicos do discurso.

Apresentamos aqui reflexões teóricas delineadas pelo entrelugar da Linguística Aplicada e dos Estudos discursivos, na medida em que trazemos uma abordagem quantitativo-qualitativa do desenvolvimento de atividades realizadas no projeto em questão.

Tomamos como fundamentação de olhares o entendimento de que nós, seres humanos, fazemos processos representativos/referenciais envolvendo a história da cultura humana, envolvendo os sujeitos sócio-históricos que nos antecederam, conferindo às nossas colocações uma rede de confrontos de ações, gestos e pontos de vista, instaurando a natureza da dialogicidade, a responsividade/responsibilidade conosco e com o outro (alteridade), processo psicossociobiológico o qual chamaremos de “língua”. Sendo assim, os estudos linguísticos contribuem analiticamente para as discussões sobre valoração de mundo, sobre mecanismos de estabilizações e desestabilizações de discursos em circulações nas inúmeras esferas de atuação na humanidade.

Focalizar os nossos trabalhos a partir do processo interativo exige instaurar um deslocamento. A língua é compreendida como repertório, tradução de pensamentos prévio, ponto estável, acabado para a língua vista no confronto entre o ‘dado’ e ‘novo’, o repetível e o singular. É preciso fazer emergir espaços em nós que sustentem/inspirem a disponibilidade estrutural para a mudança, admitindo-se, portanto, a historicidade da língua, a constituição contínua dos sujeitos e o espaço das interlocuções discursivas (FERREIRA, 2015).

Dessa forma, refletir os processos de expressividade humana (os “jogos de língua”) faz profunda diferença no quesito do fazer científico, pois desdobra a interatividade entre instâncias autor-texto-leitor, articulando vozes, tramando redes discursivas, expondo um horizonte ressignificado pela história de um “eu” na relação ética com seus “outros”.

Para quem se coloca a assumir uma posição dialógica, que inclui não definir de antemão os pontos de chegada e que inclui não definir de antemão os limites do objeto posto em cena, o trabalho com a linguagem é um produto da vida social, a qual não é fixa e nem petrificada. O entrelugar nos paradigmas e nos campos científicos, por exemplo, vem de embates sócio-históricos.

Quando pensamos conceitos bastante difundidos e aceitos pelos cenários de pares na academia, como, por exemplo, o de competência linguístico-discursiva, colocamos no centro linhas de adesão e contra-adesão, de centralização e descentralização. Em seu seminal *On Communicative Competence* (1972), Dell Hymes apresentou argumentos para defender que o conceito de ‘competência’ de Chomsky (o falante ideal em uma comunidade de língua homogênea) é, de certo modo, incompleto. Para Hymes, mais do que adquirir as regras formais da língua, os falantes nativos também adquirem outras regras (sociolinguísticas) que podem igualmente ser analisadas e descritas.

Entendemos que todas as classificações e tipologias precisam ser questionadas, pois as atividades do devir, dos acontecimentos nos jogam em vasos comunicantes que coabitam entre sistemas ou contornos limítrofes, ou em pontos. Alguns vão se questionar sobre o emprego – por parte de quem se fundamenta de certa maneira com o quadro reflexivo linguístico-funcional – com termos como “usuário” da língua, ou como compreensões de que o ensino de língua se volta instrumentalmente para a comunicação. De maneira razoável podemos entender pontos estabilizantes nesses trajetos conceituais, mas, na contrapalavra, como num silêncio constitutivo latente, fluem sentidos de fuga que agregam reflexões de movimento dialético – resposta – tal como o da compreensão de que as expressividades linguísticas não são meros instrumentos que os sujeitos a tomam, mas sim sistemas dialógicos que fazem os sujeitos se constituírem enquanto consciência de si, ao mesmo tempo em que são tocadas e, a partir dessa relação, alteradas, ressignificadas a cada momento enunciativo, a cada interação social intersubjetiva.

Bakhtin (BAJTÍN, 1975 apud BUBNOVA, 2011) nos coloca que

[...] toda palavra (enunciado) concreta encontra o objeto que é dirigido ao falado [...], discutindo, avaliando, envolto em uma neblina que lhe faz sombra ou, ao contrário, na luz das palavras alheias já ditas sobre ele. Encontra-se enredado e penetrado por ideias comuns, ponto de vista, avaliações alheias, acentos. A palavra orientada ao seu objeto entra neste meio dialogicamente agitado e tenso das palavras, valorações e acentos alheios, se entrelaça com suas complexas inter-relações, funde-se com umas, repele outras, entrecruza-se com terceiras. (p. 89-90).

Nessa linha reflexiva, podemos compreender que todo texto (materialização expressiva de discursos: oral, visual, verbivoco, sinal etc.) é atravessado, ocupado, habitado pelo discurso do outro, bem como é possível por meio de diálogos sócio-históricos que confluíram para o acontecimento dele. Assim, podemos vivenciar os constantes diálogos não entre objetos-textos-parados, mas sim entre sujeitos nas mais variadas situações de atividades sociocomunicativas.

3 Contextualizando nosso Ambiente de Trabalho

Conforme já pontuado em meu trabalho anteriormente compilado, “a história dos cursinhos pré-vestibulares possui um vínculo necessário com a história dos processos escolares no Brasil” (FERREIRA, 2014, p. 94).

O curso pré-vestibular popular, amplamente denominado como “cursinho”, se configura numa estrutura de curso rápido, focado na proximidade de um sujeito prestar algum exame vestibular ou outro processo seletivo. A prestação de informatividade e preparação para os vestibulares/concursos é o eixo orientador destas instituições “paralelas” ao ensino da Escola Básica. Tais cursos são um fenômeno brasileiro da década de 1950, quando a demanda pelas vagas nas universidades brasileiras aumentou. Eram famosos pelo uso de técnicas de memorização, geralmente à base de músicas e rimas, características estas que se tornaram estereótipos e se aplicam comumente entre alguns docentes.

Podemos constatar que no período dos últimos anos houve, na comunidade brasileira, uma intensificação da demanda pelo Ensino Superior (ES) entre os jovens de baixa renda, transformação social que não se isenta de contradições, já que as políticas de expansão perante a privatização do ES brasileiro não oportunizaram o ingresso dos concluintes do Ensino Médio que se vinculam ao ensino público. É na década de 1960 a 1970 que, segundo os dados de Sampaio (2010, p. 57), chegamos a confrontar uma oposição relacionada às matrículas de estudantes no ES num registro em que o crescimento na casa dos 260% ocorria nas instituições do setor público, enquanto o setor privado tocava o número de mais de 500%. Para termos mais debates sobre os Cursinhos no Brasil interligados a uma história dos rumos educacionais, destaco os interessantes debates colocados por Zago (2008), além dos autores já citados.

Situando o ambiente em que o nosso projeto foi desenvolvido, o “Ensinando língua espanhola com foco no Enem 2012” se realizou em um cursinho vinculado à Faculdade de

Ciências e Letras de Araraquara, a Unesp: o “Cursinho Geração”. Trata-se de um projeto piloto que vem sendo desenvolvido desde 2009 cujo serviço de extensão universitária ganhou espaço físico de atuação na Chácara Sapucaia, pertencente à instituição da Unesp. Nos anos anteriores, o Cursinho atuava em algumas escolas da rede pública estadual – São Paulo –, como Lysanias de Oliveira Campos, Vitor Lacorte, Ergília Micelli e Sérgio Speranza². Com uma ampliação de sua atuação, a partir de 2012 o Cursinho ganha uma sede e estende seu projeto para todas as escolas de Araraquara e microrregião, atendendo, por exemplo, ao público de Américo Brasiliense.

Trabalha-se ali Língua Portuguesa³, Matemática, História, Geografia, Biologia, Química, Física e a optativa do Espanhol. São as disciplinas nas quais os alunos encontraram maior exigência nos vestibulares. Quaisquer necessidades de estudos paralelos ou especificidades de vestibulares são incorporadas juntamente em aulas extras.

No ano de 2012, o Cursinho funcionou de segunda a sexta na Chácara Sapucaia, das 14h às 17h30. Às quintas-feiras eram destinadas a atividades de um ciclo literário – outro projeto – que ocorre ali e, especialmente para a optativa do Espanhol, a realização dessas aulas se dá, como já dito, nas quartas-feiras das 17h às 18h30.

Aos sábados, o Cursinho tinha sua realização nas dependências da FCLAr, tendo uma programática específica com os alunos desse dia – que em parte são os que fazem durante a semana, porém com outros alunos. Nosso projeto de Espanhol não contempla esse dia, porém houve algumas aulas de Língua Espanhola durante esses finais de semana.

a) Nosso Projeto

Em 2010, com o replanejamento da avaliação do Enem, a língua espanhola, que até então não era uma parte integrante dessa prova, passa a ser um item avaliativo possível, pois há uma opção da escolha entre a Língua Espanhola e a Língua Inglesa.

Paralelamente a essa normatização, o ensino regular das escolas públicas no Brasil é também reorganizado na área de Língua Estrangeira, tendo o espanhol como uma das exigências da “grade” curricular. É a partir dessa reforma que o ensino público se vê obrigado a ter aulas de espanhol.

² Estas escolas se localizam, respectivamente, nos bairros Vila Xavier, São José, Selmi Dei e Parque São Paulo. A implantação se deu nessas escolas, a fim de promover uma maior integração entre os espaços abertos por elas com os outros contextos sociais dos alunos. O projeto do Cursinho se insere na realização do “Projeto Novas Tecnologias e Linguagens para o Ensino Médio e Fundamental”, com vínculo à FCLAr - UNESP.

³ Área subdividida em Literaturas – brasileira e portuguesa –, Gramática do Português e Leitura, Produção e Interpretação de Textos.

Como parte de nossa Prática de Língua Estrangeira decidimos trabalhar com os alunos do Cursinho pré-vestibular “Geração”, projeto de extensão universitária do Núcleo de Ensino de Araraquara (NEAR) da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara – Unesp. Para tal, desenvolvemos aulas de língua espanhola focando na leitura e interpretação de textos escritos dessa língua, contribuindo também na competência linguístico-discursiva dos alunos, aplicando conhecimentos da Teoria do Texto.

b) Motivação

Pontuamos a seguir os principais objetivos do nosso projeto:

- Aplicar um curso voltado para a interpretação textual – na escrita – em Língua Espanhola. Uma oportunidade de se preparar para a avaliação do Enem 2012, além de outras avaliações que possuam Língua Espanhola como elemento-teste;
- Aproximar o aluno de culturas diferentes da nossa;
- Fazer relações entre o sistema da Língua Portuguesa com o sistema da Língua Espanhola;
- Trabalhar com tipos textuais da língua escrita, com noções críticas do que é um texto;
- Abrir um espaço de discussão linguística a respeito escolhas de línguas estrangeiras para avaliações.

c) Metodologia

Fizemos um levantamento na sala regular do Cursinho, entre aqueles que estavam dispostos a prestar o Enem 2012, a respeito da escolha da língua estrangeira a ser avaliada. Essa pesquisa serviu para demonstrarmos a relação do tempo dedicado ao estudo de língua estrangeira e a escolha da língua para o exame, procurando evidenciar os motivos dos alunos para tal opção.

A respeito do desenvolvimento das aulas afunilamos nosso trabalho na interpretação dos tipos textuais via escrita, que estão presentes em questões elaboradas pelo Enem. Para isso, introduzimos os alunos, primeiramente, ao universo interacional da Língua Espanhola, demonstrando um pouco de sua multiplicidade. Estudamos a proximidade da Língua Portuguesa com a Língua Espanhola, por meio da Linguística Histórica, e trabalhamos em seguida a ideia de “texto” contida na Teoria do Texto. Encerramos assim nossas atividades com análises das questões do Enem dos anos anteriores, com uma avaliação do minicurso

dado e com um debate aberto para dúvidas, questionamentos e outros pontos passíveis de discussão.

Em todo o decorrer das atividades, propusemos questões reflexivas sobre a educação de língua estrangeira no Brasil com as relações de exigências avaliativas em exames vestibulares.

d) Nossa Pesquisa Inicial

Em primeiro lugar, mantivemos contato com os alunos do “Cursinho Geração”, para sabermos sobre as opções de Língua Estrangeira e também fazermos uma reflexão sobre como estas são eleitas pelos alunos, de acordo com o estudo linguístico dos discentes, formando assim um percentual que indicasse fatores possíveis para tais escolhas.

A seguir, apresentamos essa nossa pesquisa inicial:

Situação: Alunos do Cursinho Geração, todos advindos de escolas públicas da região e microrregião de Araraquara.

Perguntas:

- Qual será sua escolha em relação à língua estrangeira (Inglês ou Espanhol) para a realização do Enem?
- Você já teve sistematizações em aulas dessas línguas? Ou estuda como autodidata?

Dados sobre os alunos

Alunos entrevistados	20
Alunos que dizem que irão escolher Espanhol como LE da avaliação do ENEM	15
Alunos que dizem que irão escolher Inglês como LE da avaliação do ENEM	5
Alunos que tiveram Espanhol em suas escolas *	5**
Alunos que tiveram Inglês em suas escolas	20

Tabela 1: Pesquisa sobre a opção de língua estrangeira no Enem 2012 pelos alunos do “Cursinho Geração”
Fontes: Dados da pesquisa (2012).

* Desses alunos, a quantidade máxima de tempo de Língua Espanhola na escola foi de 3 anos de aulas.

** Desses cinco alunos, 1 declarou prestar Inglês, já ter tido Espanhol na escola e estuda tanto Inglês quanto Espanhol como autodidata. Os outros 4 declararam prestar Espanhol, e destes 2 se consideraram autodidatas em Espanhol, mas nenhum deles em Inglês.

e) Apontamentos sobre a Pesquisa

Apesar de o número de alunos ser maior em relação à sistematizações de aulas de inglês oferecidas pelo Estado, a escolha por espanhol na realização da prova é quantitativamente maior. Esse fato nos revela uma insegurança na escolha da língua inglesa, já que mundialmente podemos dar a ela o *status* linguístico de língua franca.

O motivo da semelhança estrutural da língua escrita é um dos fatores que motivam os alunos a escolherem a língua neolatina em vez da anglo-saxã. Isso é verificável no dado a seguir, obtido na pergunta aos 15 que anunciaram fazer a avaliação de Espanhol:

- Por que escolher espanhol e não Inglês, já que o inglês está na grade escolar e possui *status* de força cultural-política na ordem mundial?

Resposta em comum acordo:

Semelhança com a língua portuguesa (escrita)

Essa realidade dos alunos foi o ponto de partida para a realização de nossas atividades.

Com isso, introduzimos os alunos ao universo interacional da Língua Espanhola, demonstrando um pouco de sua multiplicidade. Estudamos a proximidade da Língua Portuguesa com a Língua Espanhola, por meio da Linguística Histórica. Considerando que a semelhança está no registro escrito, trabalhamos a ideia de texto contida na Teoria do Texto.

f) Aplicação do Projeto

Situados no ambiente de aplicação e desenvolvimento do nosso projeto – conjuntamente com a pesquisa inicial –, o grupo se reuniu para delinear abordagens e sequencializações das aulas a serem aplicadas com os alunos. Mostraremos a seguir como se esboçaram nossas aulas, de acordo com as reflexões já expostas.

São plano de aulas para 10 aulas, ocorrentes no 1º semestre:

Aula 1 - E o mundo fala em espanhol? Usos e variedades da Língua Espanhola

- Apresentação do curso e motivação.
- Discussões com os alunos sobre os dados da quantidade entre eles que utilizarão o espanhol para as provas de vestibular.
- Quais países no mundo falam o espanhol – seja como língua materna ou estrangeira?

- Exemplos das variedades faladas do espanhol e adoção de uma delas por parte dos alunos, para possíveis leituras realizadas em sala, sempre lembrando que o foco está na leitura, interpretação de textos, aquisição de vocabulário e cultura.

Nessa aula apresentamos o curso e seus objetivos além de levantarmos dados acerca da quantidade de alunos que se utilizariam do espanhol para as provas de vestibulares. Além disso, mostramos aos discentes os países que possuem a língua espanhola como oficial.

Cada um dos quatro professores tinha preferências diferentes quanto à variedade do espanhol que falavam, e dessa maneira pudemos expô-las aos alunos, dando-lhes a oportunidade de escolher a que mais apreciassem, ainda que o foco das aulas ministradas não fosse a oralidade.

Referência da Aula 1:

GARCÍA, María de los Ángeles; HERNÁNDEZ, Josephine Sánchez. **Español sin fronteras**. vol 1. São Paulo: Scipione, 2002.

Aula 2 - Uma história do latim: visões da História da Língua Portuguesa e da Língua Espanhola

Na segunda aula apresentamos um panorama histórico das línguas neolatinas, citando suas possíveis origens, suas semelhanças e até mesmo expondo uma certa lógica em relação à estrutura de algumas palavras, por meio da comparação entre as modificações sofridas pelos vocábulos das línguas espanhola, portuguesa no decorrer da ramificação da língua latina.

Referência da Aula 2:

GOULART, A.T. e SILVA, O.V. **Estudo dirigido de gramática histórica e teoria da literatura**. São Paulo: Ed do Brasil S.A., 1974

Aula 3 - Estruturas linguísticas do sistema do espanhol: relações entre as línguas portuguesa e espanhola

Essa aula consistiu em uma abordagem estrutural da língua espanhola. Explicamos as semelhanças entre as construções frasais no português e no espanhol, comparamos o uso de pronomes, a formação de plural e a flexão dos verbos. Para finalizar a aula expusemos o conceito de heterogênicos e colocamos exemplos de palavras comumente utilizadas que possuem esse aspecto.

Referência da Aula 3:

FANJUL, Adrián (Org.). **Gramática y práctica de español para brasileños**. São Paulo: Moderna/Santillana, 2005.

Aula 4 - Cultura hispano-americana: foco nos textos escritos

Essa aula teve como escopo um conto de Júlio Cortázar, sua biografia e aspectos da cultura e da variedade linguística da Argentina, além de contextualizarmos referenciais histórico-literários latino-americanos.

Referências da Aula 4:

<http://www.librosgratisweb.com/html/cortazar-julio/casa-tomada/index.htm>

http://pt.wikipedia.org/wiki/Am%C3%A9rica_espahola

www.rae.es

www.wordreference.com

Aula 5 - Trabalhando com o léxico do espanhol: foco nos heterossemânticos

A aula teve como tema os heterossemânticos. Explicamos o conceito dessa relação lexical e utilizamos uma narrativa que possuía uma quantidade grande de falsos cognatos, a fim de que fosse incrementado o vocabulário dos alunos, além de fazê-los atentar ao contexto da história narrada e obter uma interpretação razoável do que foi lido. Para finalizar a aula, apresentamos aos discentes alguns conectores frasais e suas funções dentro do texto.

Referências da Aula 5:

BUENO, F. S. *Minidicionário da língua portuguesa* São Paulo: FTD:LISA, 1996.

www.rae.es

www.wordreference.com

www.priberam.pt/DLPO/

http://ec.europa.eu/translation/bulletins/puntoycoma/100/pyc10023_es.htm

<http://jeff-interlinguas.blogspot.com.br/2009/02/espanhol-heterosemanticos.html>

Aula 6 - Os textos: a identidade do sujeito (reflexões no ensino de língua estrangeira, com foco em espanhol)

Para iniciarmos essa aula, expusemos o conceito linguístico de “**texto**”. Refletimos, a seguir, sobre como se relacionam a forma e o conteúdo desses textos com sua produção e a recepção desenvolvendo, assim, reflexões sobre “**contexto**”, com base nas leituras da Linguística Textual – especificamente em Koch, com interfaces em Maingueneau. Para isso discutimos acerca de como os sujeitos, indivíduos sociais que vivenciam determinada passagem histórica, influenciam suas produções textuais, bem como a recepção delas por meio de diversas visões de mundo. Para finalizar a aula, fizemos a leitura de uma dissertação, em espanhol, produzida por um dos professores, a fim de demonstrar o que foi refletido e discutido anteriormente.

Referências da Aula 6:

KOCH, I. G. V. **A coesão textual**. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. Estratégias pragmáticas de processamento textual. In: **Caderno de estudos linguísticos**. Campinas (30): Edunicamp, 1996, p.35-42.

Aula7 - Comunicação textual: foco nos textos escritos em Língua Espanhola

Nessa aula refletimos sobre gêneros/tipos textuais e como a forma e o conteúdo auxiliam o leitor no reconhecimento das diversas variedades de textos, fazendo instigações às leituras de textos (concepção plural) pelos alunos.

Referência da Aula 7:

TERRA, Ernani; DE NICOLA, José. **Português: de olho no mundo do trabalho**. São Paulo: Scipione, 2006.

Aula 8 - Gêneros textuais

Com base na teoria da aula anterior, trouxemos textos distintos em língua espanhola (poema, verbete de dicionário, música e dissertação), com o objetivo de que os alunos percebessem a diferença (forma, funcionalidade e contextualização) entre eles.

Referências da Aula 8:

http://es.wikipedia.org/wiki/Antonio_Machado

www.rae.es

<http://letras.mus.br/joan-manuel-serrat/538442/>

<http://www.poemas-del-alma.com/antonio-machado-caminante-no-hay-camino.htm>

Aula 9 - Gêneros discursivos

Novamente, com base nas teorias discutidas na aula sete, apresentamos aos alunos trechos de diversos gêneros textuais em língua espanhola, a saber: conto, texto bíblico, descrição, trava-línguas e piada. A finalidade aqui, como já vem sendo desenvolvida nas aulas passadas, é investir nas discussões que ligam a forma textual, o conteúdo dos significados linguísticos e a contextualização discursivo-funcional, para refletirmos como o gênero influencia nas interpretações textuais.

O trabalho com os gêneros discursivos no ensino tem ganhado sobre-elevações nos diversos documentos oficiais brasileiros. O gênero discursivo, longe de se igualar com o gêneros estilístico-retóricos lírico, épico e dramático (canônicos nos estudos literários), operam no direcionamento de dar um sistema de restrições do dizer, ou seja, são modelamentos dos modos de dizer, inscritos numa rede de circulação.

Os gêneros discursivos se ligam a maneiras composicionais que operam no modo da seleção e combinação dos dizeres. Compreender esse empreendimento é compreender as formas e as sensações de valores enunciativos delimitantes por este sistema sócio-

historicamente construído. Trazer gêneros discursivos aos estudos linguísticos é possibilitar um florescer de modos de se colocar nos textos.

Referências da Aula 9:

<http://www.encuentos.com/cuentos-cortos/la-piedra-en-el-camino-cuentos-para-pensar-cuentos-breves-reflexiones/>

<http://lbla.bibliaparalela.com/john/14.htm>

http://www.mysteryperu.com/esp/cu_inca_trail.html

http://www.so espanhol.com.br/conteudo/Entretenimento_trabalenguas.php

http://www.so espanhol.com.br/conteudo/Entretenimento_piadas1.php

Aula 10 - Analisando as questões de Língua Espanhola do ENEM 2010 e 2011

Nessa última aula programada propusemos uma avaliação que consistia em responder às questões de língua espanhola presentes nos cadernos dos anos 2010 e 2011 do ENEM. Fizemos também uma pequena revisão acerca das teorias e conceitos vistos ao longo do curso.

Referência da Aula 10:

Exame Nacional do Ensino Médio, anos 2010 e 2011.

Reflexões:

O que procuramos evidenciar em nossa proposta se explicita basicamente por duas vertentes interfluentes:

1) Reflexão linguística - discussões sobre língua, literatura e cultura espanhola; foco no input linguístico;

2) Reflexão linguístico-discursiva - com a Teoria do Texto colocamos em discussões o posicionamento interpretativo de um texto – em uso *latu* –, relativizando o posicionamento dos sujeitos diante da expressão textual: propostas da inserção dos alunos no processo de inteligibilidade de um texto.

g) Análise do Minicurso

Numa escala de **0 a 5** – em que 0 é o menor valor a se pontuar a respeito de uma das seguintes notações, e 5 é o valor máximo –, avaliamos alguns fatores do processo ensino-aprendizagem, para que pudéssemos refletir sobre as nossas atuações na sala de aula, com a movimentação ideológica que a aula nos proporciona.

Dado a se avaliar	Avaliação (média) pelos professores	Avaliação (média) pelos cursandos
Interesse e aproveitamento pelo minicurso (pelos professores em ministrar as aulas / entre os alunos em diálogos nas aulas)	4	5
Nível de conhecimento prévio (dos alunos)	3	4
Interação entre aluno-professor(es)	5	5
Interação entre aluno-aluno	4	4
Interação entre aluno-coordenação	5	5
Expectativas alcançadas	5	4

Tabela 2: Levantamento avaliativo das aulas ministradas: dados dos professores e dos alunos
 Fonte: Dados da pesquisa (2012)

h) Análise da Aplicação e do Desenvolvimento dos Objetivos Propostos e dos Objetivos Atingidos.

O projeto do minicurso tinha como objetivo aproximar e promover uma integração dos vestibulandos a culturas diferentes, fazendo com que eles relacionassem o sistema da língua portuguesa com o sistema da língua espanhola e utilizassem, para isto, atividades com diferentes tipos textuais da língua escrita. Ademais, buscava-se ampliar a “visão de mundo” dos alunos, ao refletirem sobre questões linguísticas, e de prepará-los para a avaliação do Enem 2012 e, conseqüentemente, para outras avaliações que adotem o espanhol como elemento-teste.

Tendo em vista os objetivos propostos acima, configuramos ter atingido plenamente todos os objetivos. É importante salientar que, ao prepararmos os estudantes para a prova do Enem 2012, em todas as aulas do minicurso houve reflexões sobre variações linguísticas na própria língua espanhola, assim como existem na língua materna. Isto é dito no sentido de corroborarmos as discussões sobre semelhanças entre a língua materna e a língua estrangeira, a fim de interagirmos sobre a questão do fenômeno da linguagem, além da noção da situação

linguístico-discursiva com as correlações entre as adequações de elementos linguísticos aos gêneros do discurso utilizado.

i) Análise da Metodologia, Procedimentos e Estratégias de Ensino empregadas durante o Minicurso

No minicurso não houve a escolha de um material didático específico e fixo. Os materiais utilizados, em sua maioria, foram escolhidos de acordo com os temas das aulas, com o conhecimento acumulado dos estagiários e baseados no domínio da língua espanhola dos alunos inscritos no curso. Os materiais adotados já foram citados no item 5 da Metodologia.

De acordo com o projeto aqui descrito, tínhamos a intenção de desenvolver e despertar nos alunos o interesse pela língua espanhola, além de fazê-los compreender textos de diversos gêneros discursivos. Para tanto, foram utilizados materiais paradidáticos como o jornal argentino *El país*, atividades com poesia, contos e crônicas que visavam traçar semelhanças e diferenças – tanto fonéticas quanto semânticas – entre o português e o espanhol.

A quarta aula dada pelo grupo tinha como tema “Estruturas linguísticas do sistema do espanhol: relações entre as línguas portuguesa e espanhola”. Nessa aula, foi passada aos alunos a poesia *A un general*, de Julio Cortázar, para que os aprendizes tivessem contato com língua espanhola e percebessem que na sua estrutura há muitas semelhanças, principalmente semânticas, com a língua portuguesa. Pudemos perceber, depois dessa aula, que os alunos se sentiram mais seguros ao interpretar textos, pois adquiriram mais confiança ao afirmar o significado das palavras.

Tendo em vista que a prática oral também está intrinsecamente ligada às habilidades que devem ser desenvolvidas no ensino de língua estrangeira, nessa mesma aula percebemos que os alunos ficavam constrangidos quando pedíamos a eles que lessem, individualmente, em voz alta um determinado trecho da poesia. Para sanar essa atitude, achamos pertinente que os alunos lessem simultaneamente, junto com os estagiários, a poesia. Esse modo de desenvolvimento do ato da leitura fez com que os alunos se sentissem mais à vontade e que, nas aulas seguintes, essa prática foi desenvolvida sem constrangimento e de forma individual.

A forma de avaliação que achamos mais conveniente ao minicurso foi um simulado da prova do Enem. Seguindo o pedido dos alunos e tendo em vista o objetivo do projeto, a avaliação foi feita com base nas provas anteriores do Enem, para que ficasse mais próxima ao que o aprendiz vai enfrentar no dia da avaliação desenvolvida pelo MEC.

Essa avaliação conseguiu, em partes, alcançar o objetivo que nós, estagiários, gostaríamos. Com o resultado das avaliações em mão, imaginamos que os alunos já estariam capacitados para fazer uma prova que contivesse um vocabulário mais amplo e com textos mais complexos.

j) Dificuldades encontradas durante a realização do estágio (desde a confecção do projeto até a regência).

Quando começamos a fazer o projeto, não encontramos muitas dificuldades. Dividimos as aulas por assuntos, de forma que ao decorrer do minicurso eles iam sendo encadeados e relacionados. Nenhuma das aulas ministradas foi pensada de forma individual, isolada, assim como os conteúdos. Porém, ao começarmos a regência, vimos que não conseguiríamos abordar todos os assuntos que imaginávamos, por conta do tempo disponível e por adentrarmos as necessidades dos alunos, de modo que acabamos dando ênfase para certos assuntos e menos prioridades para outros. No entanto, pretendemos continuar a desenvolver esse projeto no próximo semestre, de forma independente dos compromissos gerenciados pelo estágio.

l) Avaliação do minicurso de um modo geral para o público-alvo e para os estagiários envolvidos.

Avaliamos que os alunos participantes do minicurso estavam interessados, tanto nos temas definidos para as aulas quanto no objetivo principal do minicurso: adquirir conhecimento de língua espanhola para que eles possam futuramente utilizá-lo na realização de provas que avaliem tal língua.

Todos os alunos que frequentaram as aulas cursavam, no período diurno, o Ensino Médio regular em escolas públicas da região de Araraquara. Portanto, logo que saíam de suas aulas regulares de Ensino Médio, eles se dirigiam à Chácara Sapucaia (lugar onde ocorreu o minicurso), para assistir às aulas do cursinho “Geração”. A maioria dos estudantes, depois da aula de espanhol, no período noturno, se dirigia à Escola Técnica – próxima à chácara – para frequentar cursos profissionalizantes. Desse modo, vimos nos alunos um grau muito alto de dedicação e comprometimento com o estar na aula para aprender.

Esse panorama da realidade dos alunos contribuiu muito para a realização do curso ministrado por nós, estagiários. Houve, na relação entre estagiário e alunos, muita cooperação

e troca de experiência, tanto no âmbito do conhecimento adquirido por nós durante os três anos de aula na faculdade de Letras quanto no âmbito pessoal, por já termos passado pela mesma situação no período pré-vestibular.

A experiência como estagiários terá grande importância para a nossa formação profissional, tendo em vista a realização da prática de regência. O processo de elaborar um projeto, fazermos planos de aulas, entrarmos em contato com os alunos, verificarmos qual a realidade desses alunos e colocar em prática conceitos trabalhados durante a faculdade, por meio das aulas ministradas, foi uma maneira de afirmarmos o que imaginávamos sobre a profissão de professor de língua estrangeira.

No grupo, houve aqueles que afirmaram seu gosto pela prática docente e outros que viram nessa prática uma forma de afirmação de outras vertentes proporcionada pela Faculdade de Letras com Habilitação em Espanhol. De todo modo, percebemos uma grande contribuição do estágio supervisionado nas nossas carreiras profissionais.

4 In-conclusões

Diz o pensamento do Círculo de Bakhtin que o mundo que cerca os sujeitos – que “nos” cerca – está repleto de vozes de outras pessoas. Podemos entender que vozes são palavras no sentido de ditos “enunciados”, de dizeres ecoados pelas tramas da interação cultural, de formações valorativas marcadas em lugares sociais. As vozes articulam imagens de sujeitos formadas ao longo da história da vida com a ideia de autoria, de enunciador: imagens de *si mesmo* de um sujeito, imagens de si na perspectiva que um sujeito interpreta que seu(s) outro(s) tem (têm) de si, e de imagens que um sujeito tem de seu(s) outro(s). Nesse jogo reflexivo e refratário, o que se instaura nos discursos das vivências são estabilizações de um efeito *looping* espiralado de produção de sentidos e de movimentação de identidades/pertencimento.

O campo de debates da Didática de/no ensino-aprendizagem de Língua Estrangeira é um espaço potente para o desabrochar de sensibilidades linguísticas. E, por meio de tomadas e retomadas com os objetos materiais de interação linguageira, as sutilezas do amadurecimento sociocognitivo vão se desenhando nos jogos despolarizantes da interdisciplinaridade. Fios discursivos se embaraçam em nós, convidando-nos a enovelarmos tramas em nós mesmos.

Referências

BAJTÍN. M. M. **Problemas Literarios y Estéticos** [en ruso]. Moscú: Judozhestvenaia Literatura, 1975.

BUBNOVA, Tatiana. Voz, sentido e diálogo em Bakhtin. In: **Bakhtiniana**, São Paulo, 6 (1): 268-280, Ago./Dez. 2011. Versão para o português: Roberto Leiser Baronas e Fernanda Tonelli.

FERREIRA, Carlos Eduardo da Silva. O vestibular é assim!: análise discursiva em propagandas de cursinhos pré-vestibulares na cidade de Araraquara (2013). **Cadernos CIMEAC** – v. 4, n. 1, 2014. Ribeirão Preto-SP, Brasil.

_____. **O Discurso sobre a Aula de Matemática: articulando vozes na revista *Nova Escola***. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Unesp, Araraquara-SP. 2015.

SAMPAIO, Helena. **Ensino Superior no Brasil: o setor privado**. São Paulo: Hucitec/FAPESP, 2000.

ZAGO, Nadir. Cursos pré-vestibulares populares: limites e perspectivas. In: **Perspectiva**. Florianópolis, v. 26, n. 1, 149-174, jan./jun. 2008.

Recebido em: 15 de maio de 2017.

Aceito em: 30 de junho de 2017.

TABULEIRO DE LETRAS

O Falar Baiano e o Falar Fluminense a partir dos dados do Projeto ALiB

The Baiano speech and the Fluminense speech from the ALiB Project data

Leandro Almeida dos Santos¹

RESUMO: Neste artigo são apresentados alguns aspectos sobre delimitação de áreas dialetais. Desse modo, este trabalho investiga as respostas dos informantes do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) para a questão 166 do Questionário Semântico-Lexical do ALiB, “Como se chama uma tábua, pendurada por meio de cordas, onde uma criança se senta e se move para frente e para trás?” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 34). A metodologia utilizada pautou-se em: a) leitura de textos teóricos acerca do tema em questão; b) formação do *corpus*; e c) análise do *corpus*, objetivando identificar as variações diatópicas, a partir do cotejo com estudos semelhantes, a saber: Ribeiro (2012) e Santos (2016), os quais se utilizaram dos dados do ALiB, em especial, o campo semântico dos jogos e diversões infantis, no intuito de testar, hoje, com base em dados empíricos, a divisão dialetal brasileira, datada de 1953. As análises buscam identificar os itens encontrados nas elocuições dos informantes e verificar o que essas escolhas revelam, com vistas a apurar a vitalidade da divisão dialetal de Nascentes (1953). Vale ressaltar a contribuição do trabalho, catalogar a diversidade lexical da língua falada no país, em busca de oferecer, se possível, um traçado atual dos limites dos falares brasileiros, embora seja uma tarefa árdua, mas que vem sendo perseguida pelos dialetólogos brasileiros.

Palavras-chave: Áreas dialetais; Jogos e brincadeiras; Léxico.

ABSTRACT: In this article we present some aspects about the delimitation of dialectal areas. Thus, this work investigates the responses of the informants of the Brazilian Linguistic Atlas (ALiB) to question 166 of ALiB's Semantic-Lexical Questionnaire, "As it is called a board, hung by ropes, where a child sits and Move back and forth?" (NATIONAL PROJECT COMMITTEE ALiB, 2001, p.34). The methodology used was based on: a) reading theoretical texts about the subject in question; B) formation of the *corpus*; And c) analysis of the *corpus*, aiming to identify the diatopic variations, from the comparison with similar studies, namely: Ribeiro (2012) and Santos (2016), which were used from the ALiB data, especially the semantic field of games and children's amusements, in order to test, today, based on empirical data, the Brazilian dialectal division, dated 1953. The analyzes seek to identify the items found in the statements of the informants and verify what these choices reveal, in order to Vitality of the nascent dialectal division (1953). It is worth emphasizing the contribution of the work, to catalog the lexical diversity of the language spoken in the country, in order to offer, if possible, a current outline of the limits of Brazilian speeches, although it is an arduous task, but has been pursued by Brazilian dialectologists.

Keywords: Dialectal areas; Games and activities; Lexicon.

¹ Professor da Faculdade Montessoriano (FAMA) e da Faculdade Regional da Bahia (UNIRB). Mestre e Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura – UFBA. E-mail: santosleo1811@gmail.com

1 Introdução

O artigo apresenta uma análise sobre a proposta de divisão dialetal do Brasil de Nascentes (1953), a partir dos resultados obtidos para a pergunta 166 – “Como se chama uma tábua, pendurada por meio de cordas, onde uma criança se senta e se move para frente e para trás?” (COMITE NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 34) – pertencente ao Questionário Semântico-Lexical do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). Para o intento, optou-se por fazer um cotejo com estudos que utilizaram a mesma pergunta, a fim de verificar a vitalidade da referida proposta, embora em áreas diferentes, a saber: Ribeiro (2012) – Falar Baiano – e Santos (2016) – Falar Fluminense.

O objetivo principal do artigo é oferecer aos interessados na temática, sobretudo aos dialetólogos, informações sobre a atualidade da proposta de divisão dos falares do Brasil, estabelecida por Nascentes (1953), no que tange à delimitação dos falares. Nessa perspectiva, utilizaram-se os pressupostos da Dialetologia Pluridimensional e da Sociolinguística Laboviana, tendo em vista que a língua, certamente, é mutável, e por isso mesmo a variação e a mudança são inerentes a ela. Logo, tanto a primeira quanto a segunda não acontecem de forma aleatória, porém são condicionadas a fatores passíveis de observação e sistematização.

Vale destacar que o artigo se justifica pela necessidade de aprofundamento nas pesquisas sobre áreas dialetais brasileiras, principalmente no tocante às áreas investigadas – Falar Baiano e Falar Fluminense –, haja vista que as descobertas podem fornecer caminhos para o reconhecimento, sistematização e caracterização das áreas e possíveis subáreas linguísticas. Ademais, ao estudar a língua e os aspectos lexicais, podem ser descobertas muitas informações linguísticas e sociais que servirão para um melhor tratamento da variação e mudança linguísticas, no espaço escolar e nos mais variados espaços sociais.

Portanto, é elementar frisar que são necessários outros estudos, por sua vez, mais aprofundados, para um reconhecimento das várias características dialetais brasileiras. Com isso, a diversidade do Português Brasileiro (doravante PB) é reconhecida e assumida como condição fulcral para o estudo, uma vez que, ao observar o contexto em que foi disseminada e implantada a língua portuguesa, encontram-se motivos reais para tal crença.

2 Panorama sobre áreas dialetais do Brasil

Na Geolinguística do Brasil podem ser encontradas propostas de divisão dialetal. Dentre elas, em 1953, destaca-se uma proposta, a de Antenor Nascentes, que surgiu após o estudo, crítica e reformulação das proposições feitas por outros autores e por Nascentes, como pode ser visto a seguir:

a) **Divisão dialetal proposta por Júlio Ribeiro, em 1881.**

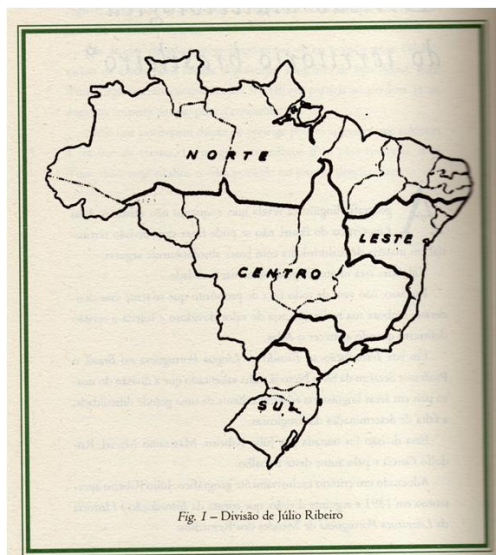


Figura 1: Divisão dialetal de Júlio Ribeiro (1891)
Fonte: BARBADINHO NETO (2003, p. 692)

Ao estabelecer um único critério, o geográfico, Ribeiro (1881) separou o território brasileiro em quatro grandes áreas: Norte; Leste; Centro e Sul. Nascentes considerou a proposta defeituosa, pois, segundo ele, existem alguns equívocos como, por exemplo, “[...] junta o Norte com o Nordeste... separa Alagoas dos demais estados do Nordeste; coloca o Espírito Santo e o Rio de Janeiro junto da Bahia...” (NASCENTES, 1953, p. 21), entre outros.

b) **Divisão dialetal proposta por Maximino Maciel, em 1950.**

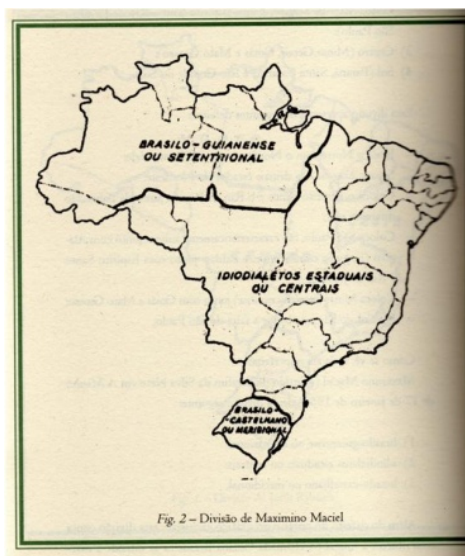


Figura 2: Divisão dialetal de Maximino Maciel (1950)
 Fonte: BARBADINHO NETO (2003, p. 694).

Baseado no aspecto geográfico, Maciel (1950) apresenta uma divisão tripartida: basilo-guianense ou setentrional; idiodialetos estaduais ou centrais e basilo-castelhano ou meridional. Nascentes avaliou a proposta e identificou problemas, pois, além do exclusivo fundamento geográfico, o autor aponta que:

[...] A língua chamada Guiana Brasileira se estende à região da margem direita do Amazonas; que serão idiodialetos? A influência do castelhano platino na língua da fronteira com o Uruguai e com a Argentina não vai ao ponto de dominar um subfalar. (NASCENTES, 1953, p. 21).

c) **Divisão dialetal proposta por João Ribeiro, o historiador.**

Na obra *História do Brasil*, sem data, João Ribeiro propõe a seguinte divisão: o extremo norte – Amazônia; Maranhão, Piauí e Ceará; o norte – Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte; o centro – Sergipe, Bahia, Ilhéus, e Porto Seguro; o interior – São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso; o sul – Espírito Santo, Rio de Janeiro, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Portanto, possui 5 grupos. (NASCENTES, 1953, p. 23). Este autor considera válida a proposta, pois foi pautada em critérios históricos, contudo ele apresenta e discute outra proposta de divisão dialetal.

d) **Divisão dialetal proposta por Rodolfo Garcia, em 1915.**

A proposta de Rodolfo Garcia (1915) leva em consideração os aspectos geográficos e históricos, além da continuidade territorial, os aspectos culturais semelhantes e diferentes, a facilidade de comunicações terrestres, marítimas e fluviais e, por fim, os glossários com expressões locais. O referido autor organiza o País em cinco zonas: norte; norte-oriental; central-marítima; meridional e altiplana-central. Conforme Nascentes (1953), é “uma divisão mais aceitável”, mas mesmo assim o autor aponta vários defeitos como, por exemplo:

[...] Coloca o Maranhão na zona Norte, quando ele é uma espécie de intermediário entre ela e o Nordeste; Coloca o Rio de Janeiro e o sul do Espírito Santo na zona central-marítima; Coloca Minas Gerais (sem discriminar) e Goiás junto com Mato Grosso. (NASCENTES, 1953, p. 21).

e) **Divisão dialetal proposta por Antenor Nascentes, em 1922.**

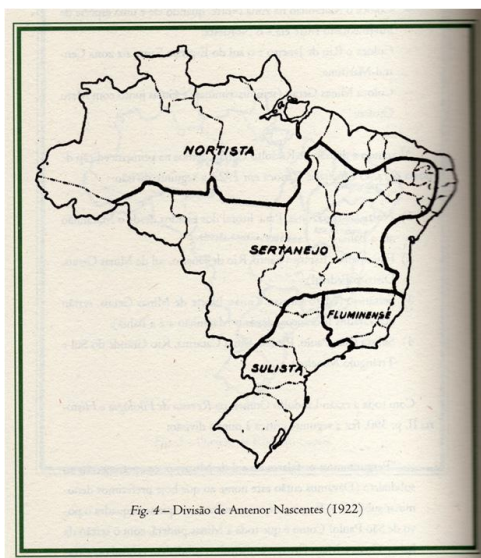


Figura 4: Divisão dialetal de Antenor Nascentes (1922)
Fonte: BARBADINHO NETO (2003, p. 698).

Na obra *O Linguajar Carioca em 1922*, ao analisar a proposição de Rodolfo Garcia, Antenor Nascentes apresenta uma divisão, e nela o país encontra-se subdividido nos seguintes falares: Nortista; Fluminense; Sertaneja e Sulista. Tal proposição, também, foi alvo de comentários críticos por parte de geógrafos e historiadores. Mas, em 1933, a partir das considerações feitas por Lindolfo Gomes, Nascentes reformula a divisão anteriormente feita. Logo, a proposta de 1922 foi reelaborada em 1953, publicada na obra *O linguajar carioca*, a saber:

Hoje que já realizei o meu ardente desejo de percorrer todo o Brasil, do Oiapoc ao Xuí, de Recife a Cuiabá, fiz nova divisão que não considero nem posso considerar definitiva, mas sim um tanto próxima da verdade. [...] Dividi o falar brasileiro em seis subfalares que reuni em dois grupos a que chamei do norte e do sul. (NASCENTES, 1953, p. 24-25).

Com base em dois fatos linguísticos, embora a pesquisa tenha sido feita pelas impressões do referido autor, é a proposta na qual vários estudos de estudos críticos têm se debruçado, a fim de verificar a vitalidade das proposições de Nascentes (1953), conforme Figura 5:

f) **Divisão dialetal proposta por Antenor Nascentes, em 1953.**

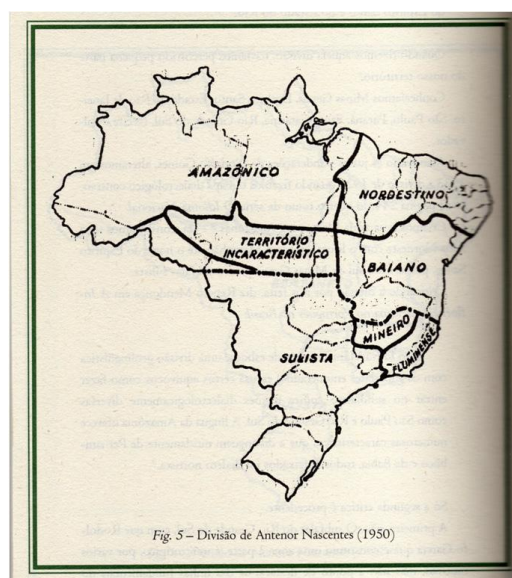


Figura 5: Divisão dialetal de Antenor Nascentes (1933/1953)
Fonte: BARBADINHO NETO (2003, p. 700)

Ao observar a cadência e abertura das vogais médias em posição pretônica, Nascentes (1953) reparte o Brasil em duas grandes áreas dialetais – os falares do Norte (que contêm dois subfalares: o Amazônico e o Nordestino) e os falares do Sul (que contêm quatro subfalares Baiano, Fluminense, Mineiro e Sulista). Ademais, o referido autor afirma a existência de um território incaracterístico. Sabe-se, com isso, que a delimitação estabelecida por Nascentes (1953) é, indiscutivelmente, uma referência bastante importante e bem utilizada para os estudos fonéticos, lexicais e morfossintáticos, que tem como centro de interesse a “delimitação de áreas dialetais”. (MOTA, 2006, p. 321).

É pertinente mencionar alguns trabalhos que fazem alusão a áreas dialetais. Nesse sentido, as considerações feitas por Zágari (2005) ganharam grande vulto, uma vez que,

contrariando as ideias de Nascentes (1953), com base na pesquisa empreendida para elaboração do Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais (EALMG), o autor estabelece três falares em Minas Gerais: baiano; paulista e mineiro, conforme Figura 6.

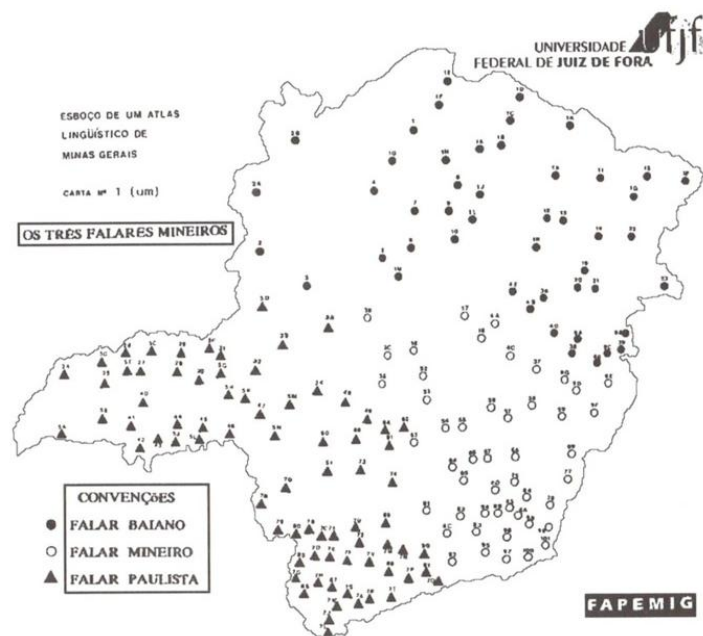


Figura 6: Divisão dialetal de Minas Gerais
Fonte: Zágari (2005, p. 64)

Ainda, ao tecer considerações sobre os estudos que envolvem a temática, destaca-se outro trabalho – Os falares da Bahia e do Espírito Santo: implicações sob os aspectos dialetológicos, de Renato Pereira Aurélio, dissertação defendida em 2012, na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). O autor analisa oito pares de cartas lexicais dos dois atlas: o Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB) e o Atlas Linguístico do Espírito Santo (ALES), tentando estabelecer os caminhos das palavras. Assim conseguiu desmitificar que os capixabas carecem de uma identidade linguística, afirmando que a diversidade cultural é propiciadora da riqueza linguística do Espírito Santo. Sobre as divisões feitas por Nascentes (1953) e Zágari (2005), Aurélio (2012) advoga que existem interferências linguísticas do estado baiano sobre o estado capixaba:

Com relação à classificação de Nascentes (1953) sobre os dialetos brasileiros, apesar de ser confirmada em muitos estudos, demanda análises mais profundas em cada região, com dados representativos de todo território brasileiro (ALTENHOFEN, 2002), a fim de se comprovar o estudo. É o caso do Espírito Santo, classificado apenas no subfalar carioca [...]. Considerando-se a hipótese levantada a partir do estudo feito por Zágari (2005), em Minas

Gerais, em que o autor identifica área do subfalar baiano, é possível dizer que no Espírito Santo ocorre processo semelhante [...] (AURÉLIO, 2012, p. 118-119).

Com referência aos trabalhos que fazem alusão aos limites dos falares brasileiros, cita-se a pesquisa realizada por Ribeiro (2012). Em sua tese de doutorado, a referida autora se propôs a estudar a vitalidade do Falar Baiano, utilizando as elocuições de 244 informantes das 57 localidades – pertencentes à área escolhida e a áreas limítrofes, as quais foram nomeadas como área de controle – compreendidas em 11 estados, distribuídos em quatro regiões do país. Para tal empreendimento, as 13 questões do campo semântico jogos e diversões infantis do Questionário Semântico-Lexical foram alvo de pesquisa sistemática, a saber:

- ❖ 155 – Como se chama a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado? (*Mímica*).
- ❖ 156 – Como se chamam as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?
- ❖ 157 – Como se chama o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha (*mímica*) que os meninos usam para matar passarinho? (*Mostrar gravura*).
- ❖ 158 – Como se chama o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha?
- ❖ 159 – E um brinquedo parecido com o ____ (*cf. item 158*) também feito de papel, mas sem varetas, que se empina ao vento por meio de uma linha?
- ❖ 160 – Como se chama a brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras correm para um lugar onde não são vistas e depois essa criança que fechou os olhos vai procurar as outras?
- ❖ 161 – Como se chama a brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras?
- ❖ 162 – Como se chama uma brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas, antes que alcance um ponto combinado?
- ❖ 163 – Como se chama esse ponto combinado?
- ❖ 164 – Como se chama uma brincadeira em que as crianças ficam em círculo, enquanto uma outra vai passando com uma pedrinha, uma varinha, um lenço que deixa cair atrás de uma delas e esta pega a pedrinha, a varinha, o lenço e sai correndo para alcançar aquela que deixou cair?
- ❖ 165 – Como se chama uma tábua apoiada no meio, em cujas pontas sentam duas crianças e quando uma sobe, a outra desce? (*Mímica*) (*Mostrar gravura*).

- ❖ **166 – Como se chama uma tábua, pendurada por meio de cordas, onde uma criança se senta e se move para frente e para trás? (*Mímica*) (*Mostrar gravura*).**
- ❖ 167 – Como se chama a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha (*mímica*) e vão pulando com uma perna só? SOLICITAR DESCRIÇÃO DETALHADA.

A dissertação de Santos (2016), intitulada “Brincando pelos caminhos do Falar Fluminense”, teve a mesma linha de abordagem que a tese de Ribeiro (2012), ou seja, o referido autor buscou a vitalidade de um dos subfalares do Sul, o Falar Fluminense. Para tanto, a pesquisa feita por Santos (2016) baseou-se nas elocuições de 152 informantes, das 35 localidades que perfazem a área estudada e pontos de controle. A extensão do Falar Fluminense, conforme legados de Nascentes (1953), pode ser notada na região sudeste (Rio de Janeiro, Espírito Santo e parte de Minas Gerais), totalizando 26 localidades, sendo 14 pertencentes ao estado do Rio de Janeiro; sete localidades pertencentes a Minas Gerais; e, por fim, cinco localidades do Espírito Santo.

Neste artigo, destacam-se os trabalhos que focalizaram o léxico, a fim de elucidar o conhecimento e o reconhecimento sobre facetas dialetais brasileiras, utilizando os dados do Projeto ALiB, em especial, aqueles que examinaram a questão 166 do QSL, pertencente ao campo semântico jogos e diversões infantis², mas somente os pertencentes aos falares do Sul, ou seja, Ribeiro (2012) e Santos (2016).

3 Análise de dados

Os dados utilizados para este artigo foram extraídos das cartas lexicais produzidas pelos já mencionados trabalhos de Ribeiro (2012) e Santos (2016), os quais se valeram do campo semântico dos jogos e diversões infantis, em especial, a questão analisada neste estudo, 166 do QSL: “Como se chama uma tábua, pendurada por meio de cordas, onde uma criança se senta e se move para frente e para trás?” (COMITE NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 34). Vale dizer que também foi feito o levantamento dos itens lexicais os quais nomeiam a brincadeira em questão, fazendo uma comparação entre os itens encontrados em cada área

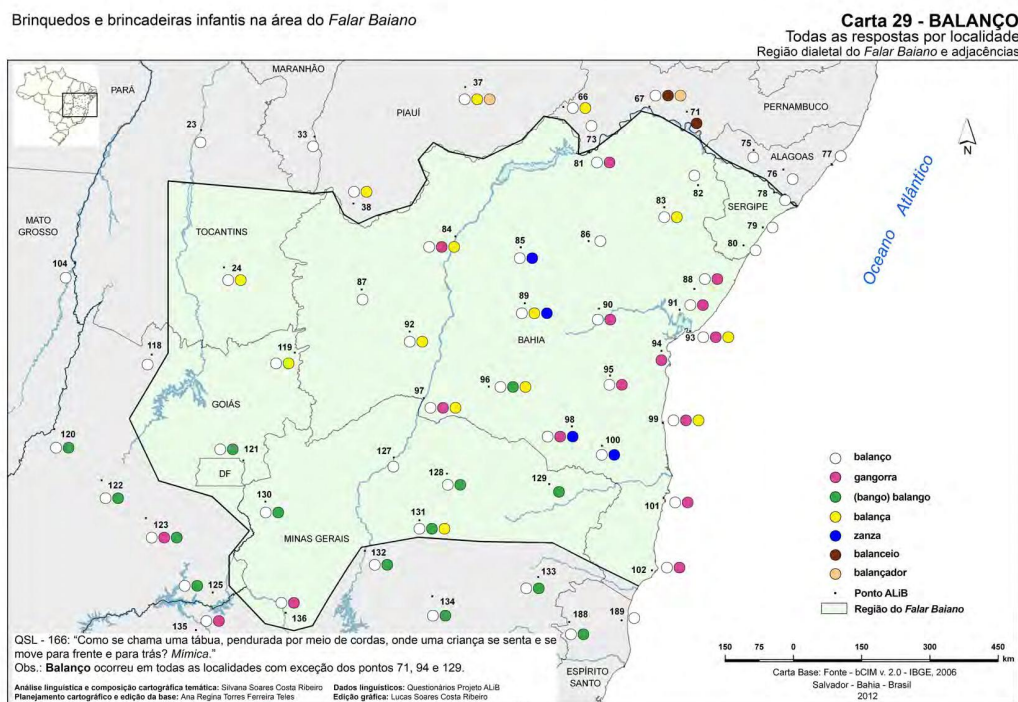
² Torna-se imprescindível destacar a importância dos estudos sobre o campo semântico dos jogos e diversões infantis do QSL – ALiB, pois eles podem fornecer um traçado dialetal do País, podendo confirmar as proposições de Nascentes (1953), na atualidade.

estudada e observando se os itens encontrados são denunciadores de aspectos que possam levar a uma caracterização dessas áreas linguísticas.

Ressalta-se que tais estudos utilizaram o banco de dados do ALiB, com base nos princípios fundamentais da geolinguística contemporânea. Dessa forma, os informantes estão divididos assim: a) duas faixas etárias – faixa I (18 a 30 anos) e faixa II (50 a 65 anos) – b) pelos dois sexos, e de escolaridade – fundamental e universitário, sendo 08 informantes nas capitais e 04 informantes nas localidades do interior, todos naturais das suas cidades, conforme os critérios de seleção estabelecidos pela metodologia do Projeto.

Desse modo, as entrevistas realizadas pelos pesquisadores do ALiB consistem na aplicação do Questionário ALiB (2001), o qual é composto por questionários de vários interesses, a saber: QFF – Questionário Fonético-Fonológico (159 com mais 11 de prosódia); QSL – Questionário Semântico-Lexical (202); QMS – Questionário Morfossintático (49); QP – Questão de Pragmática (04); TDS – Temas para Discurso Semi-dirigido (04); PM – Perguntas Metalinguísticas (06); LE – Texto para Leitura (Parábola dos Sete Vimes / Texto adaptado).

No estudo de Ribeiro (2012) foram documentadas várias denominações. A aplicabilidade da questão em foco foi bastante produtiva, obtendo 275 ocorrências, duas foram de NS/NL/NO, apenas. Com isso, a forma mais produtiva foi *balanço*, presente em 54 das 57 localidades, conforme Figura 8.



De posse dessas informações, nota-se que o brinquedo, na região em estudo, é conhecido pela forma *balanço*. No entanto, percebem-se, com menor vitalidade, as formas: *gangorra*, que obteve 15,6%, *balango*, com 9,1% e, por fim, *outras formas* 0,6%. Assim, as respostas válidas representam um total absoluto de 154 ocorrências, conforme Figura 9.

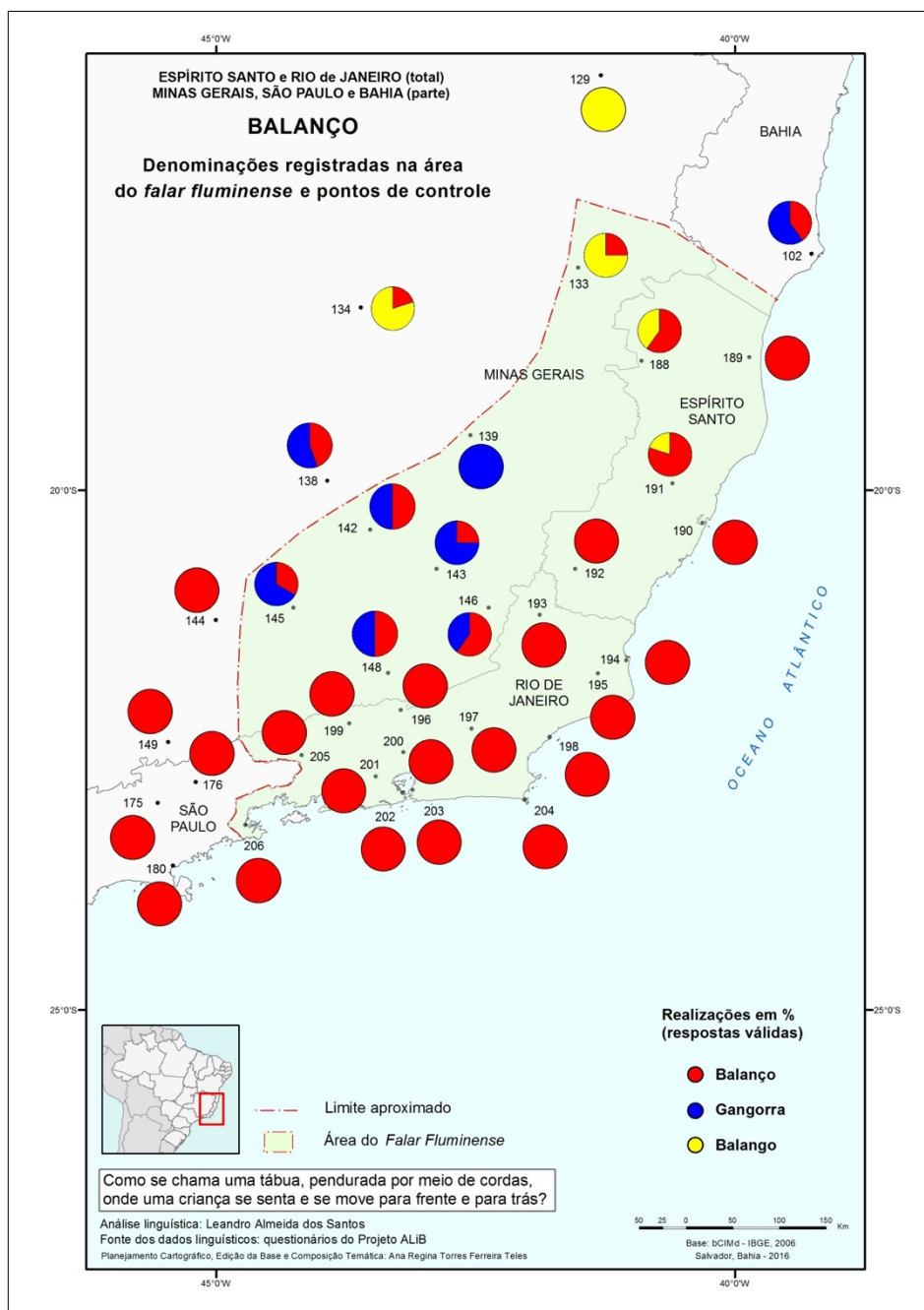


Figura 9: Carta Balanço no Falar Fluminense
Fonte: SANTOS (2013, p. 176)

A partir dessas considerações, no cotejo entre os *falares baiano e fluminense*, percebe-se uma convergência entre os falares do *sul, baiano e fluminense*, nos quais a forma *balanço* foi a que apresentou maior vitalidade. Tal convergência lexical também pode ser notada no trabalho de Santos (2016), quando o referido autor comparou os itens lexicais entre os dois falares para a pergunta 161 do QSL, cobra-cega, a saber:

A partir dessas considerações, nota-se uma tendência de aproximação e unidade na área nomeada por falares do sul, haja vista a coincidência entre os resultados obtidos por Ribeiro (2012) e o estudo de Santos (2016), pois eles aproximam-se pelas lexias cobra-cega, cabra-cega e gata-cega [...] (SANTOS, 2016, p.11).

4 Considerações Finais

Este artigo buscou oferecer informações sobre a delimitação das áreas linguísticas dentro do território brasileiro, que vem sendo alvo de pesquisas por dialetólogos brasileiros, no que tange às proposições feitas por Nascentes (1953), com base nas respostas fornecidas pelos informantes do Projeto ALiB, a fim de investigar a unidade dialetal dos falares do Sul.

Portanto, podem-se tecer algumas considerações, ainda que não definitivas sobre áreas ora analisadas neste estudo, a saber: *Balanço, gangorra e balango* são formas documentadas nos falares do Sul, Baiano e Fluminense, o que prova uma unidade linguística na área; destacam-se a forma *balango*, neste item, restrita as cidades mineiras e capixabas, e a resposta *gangorra* predominantemente em Minas Gerais, no que tange ao Falar Fluminense; existe, pois, a necessidade de estudos mais aprofundados, a fim de poder confirmar a proposição de Nascentes (1953).

Nesse sentido, compreende-se como pertinente e necessária a continuidade de tal investigação, sugerindo que outros campos semânticos sejam testados e/ou outro nível da língua seja alvo de pesquisa, de modo a possibilitar um maior entendimento dos falares das áreas investigadas.

Referências

AURÉLIO, Renato Pereira. **Os Falares da Bahia e do Espírito Santo**: implicações sob os aspectos dialetológicos. 2012. 128f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012.

BARBADINHO NETO, Raimundo (Org.). **Estudos Filológicos**: volume dedicado à memória de Antenor Nascentes. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 2003. v. I. 748 p. ilus. (Coleção Antônio de Morais Silva, Estudos de Língua Portuguesa).

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB: **Atlas Linguístico do Brasil**: Questionários. Londrina: UEL, 2001.

MATTOS e SILVA, Rosa Virginia. (Org.) **Salvador**: Secretaria de Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006. p. 319-357.

MOTA, Jacyra Andrade. Áreas dialetais brasileiras. In: **Quinhentos Anos de História Linguística do Brasil**. CARDOSO, Suzana Alice M.; MOTA, Jacyra Andrade;

NASCENTES, Antenor. Études dialectologiques du Brésil. **ORBIS - Bulletin International de Documentat ion Linguistique**, Louvain , t. 2, n. 2, p. 438-444, 1953a.

NASCENTES, Antenor. **O Linguajar Carioca**. 2. ed. Completamente refundida. Rio de Janeiro. Organização Simões, 1953b.

RIBEIRO, Silvana Soares Costa. **Brinquedos e Brincadeiras Infantis na Área do “Falar Baiano”**. 2012. 752f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal da Bahia, Salvador.

SANTOS, Leandro Almeida dos. **Brincando pelos caminhos do Falar Fluminense**: um estudo em dois tempos distintos. 2016. 197f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) Universidade Federal da Bahia – UFBA – Salvador.

SANTOS, Leandro Almeida dos. Ao findar a brincadeira, o que revelam os dados do ALiB sobre áreas dialetais? **Revista Inventário**, nº 19, p. 1-13, ed. Dezembro 2016.

ZÁGARI, Mário Roberto. Lobo *et al.* **Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais** - v. 1. 1ed. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977. v. 1. 244 p.

ZÁGARI, Mário Roberto Lobo. Os Falares Mineiros: Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade. (Org.). **A Geolinguística no Brasil** - trilhas seguidas, caminhos a percorrer. 1. ed. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2005, v. 1, p. 45-72.

Recebido em: 15 de abril de 2017.

Aceito em: 14 de julho de 2017.

TABULEIRO DE LETRAS

Pele negra, máscara branca: reflexões sobre *Anjo Negro*, de Nelson Rodrigues

Black skin, white mask: reflections on *Black Angel*, by Nelson Rodrigues

Maycom de Faria¹

RESUMO: O presente artigo objetiva abordar, pelo viés literário, algumas questões sociais e psicológicas enfrentadas pelo negro, advindas dos estereótipos criados e difundidos durante o período colonial. Para tanto, elegeu-se como objeto de análise o personagem Ismael, da peça teatral *Anjo Negro* [1946], escrita por Nelson Rodrigues. O referido personagem será analisado à luz das considerações de Souza (1983) e Fanon (2008). Antes, porém, abordam-se alguns fatores, relativos ao período colonial, responsáveis por conduzir o negro a rejeitar a própria cor e, conseqüentemente, a tentar, em vão, tornar-se um branco, por meio da assimilação dos valores do colonizador.

Palavras-chave: Período colonial; Estereótipo; *Anjo Negro*.

ABSTRACT: The present article aims to address, through the literary bias, some social and psychological issues faced by the black, arising from the stereotypes created and disseminated during the colonial period. For that, the character Ismael, from the play *Black Angel* [1946], written by Nelson Rodrigues, will be taken as the object of analysis. Said character will be analyzed in light of the considerations of Souza (1983) and Fanon (2008). First, however, we will discuss some factors, related to the colonial period, responsible for leading the Negro to reject his own color and, consequently, to try in vain to become a white, through the assimilation of the values of the colonizer.

Keywords: Colonial Period; Stereotype; *Black Angel*.

1 Introdução

“O trabalho ficou mal feito? Serviço de preto!”. “É um negro bom caráter? Sim, apesar da cor!”. “Por que cigano não lê a mão de negro? Porque negro não tem futuro!”. O repertório de chistes depreciativos sobre as pessoas negras é farto no Brasil, cuja população descende principalmente de negros africanos e europeus vindos para cá, durante o período colonial. Ainda hoje, a relação entre pessoas provenientes dessas etnias é conflituosa. Isso porque permanecem alguns resquícios da visão estereotipada do negro, criada pelo europeu à época da colonização e manifestados na forma de piadas, como as supramencionadas. Mas os resquícios da visão estereotípica não se manifestam apenas na forma de comentários

¹ Professor do Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Mestre em Letras pela Universidade Federal de Grande Dourados (UFGD). E-mail: maykomdefaria@hotmail.com

pejorativos. Eles vão muito além: determinam a posição do negro em relação às suas origens africanas e chegam, até mesmo, a causar-lhe transtornos psicológicos.

Isso posto, o presente trabalho entende que o negro é acometido por duas outras consequências do retrato depreciativo construído ao longo da colonização: uma de natureza psicológica e outra de natureza social. No primeiro caso, percebe-se no comportamento de alguns negros a obsessão em manter pessoas brancas sob suas ordens. Talvez, como tentativa de vingar-se da *imago* do negro desesperado diante do senhor branco (Cf. FANON, p. 67). Quanto à consequência social, verifica-se que o negro ambicioso por ascender socialmente depara-se com a necessidade de recusar tudo o que lhe remeta às suas origens. Aqui, é importante atentar para as considerações de Neusa Santos Souza. Em *Tornar-se Negro* (1983) a autora sublinha que a estrutura das relações raciais – ora estimulando, ora impedindo a ascensão social do negro no Brasil pós-Abolição – contribuiu para “[...] fragmentar a identidade, minar o orgulho e dismantelar a solidariedade do grupo negro” (SOUZA, 1983, p. 21).

Consoante essas constatações, analisamos a representação literária das consequências aludidas, especificamente na peça teatral *Anjo Negro* [1946], de Nelson Rodrigues. Pressupõe-se que na referida obra o personagem Ismael, médico negro, bem-sucedido financeira e profissionalmente, apresenta-se dividido entre a necessidade de se autorrecusar e o desejo de subjugar o branco. É com base nesse pressuposto que seu comportamento será analisado.

Antes, apresentam-se as origens da visão estereotipada que induziu o negro a recusar suas origens, admirar e idolatrar o homem branco. Para isso, o contexto da sociedade colonial será retomado. A partir de Munanga (1988) haverá uma explanação das motivações que resultaram na criação de um retrato do negro responsável por reduzi-lo a um ser ignóbil, fazendo-o sentir-se atraído pelos valores do colonizador europeu.

Depois, pautando-se em Fanon (2008) e Memmi (2007) serão expostas duas situações. A primeira referente às tentativas do negro em assimilar os costumes europeus, ou seja, de embranquecer-se, visando ser reconhecido como ser humano e adentrar o “mundo branco”. A segunda concernente à frustração de tais tentativas, em virtude da incompatibilidade existente entre o desejo de assimilação e inserção na “sociedade branca” e o projeto colonial. Para finalizar, ancorado em Fanon (2008) e Souza (1983) e situado no Brasil pós-Abolição, este trabalho se debruçou sobre a representação literária da situação, social e psicológica, do negro promovido socialmente, por meio da análise já referida.

2 Dos Estereótipos ao Malogro da Assimilação

No século XIX, a ocupação efetiva da África permitiu ao colonizador europeu entrar em contato com religiões, costumes e cultura por ele desconhecidos até então. Entretanto, sua atitude diante do africano não foi de admiração por aspectos de sua cultura. Pelo contrário, movido pela necessidade de exploração econômica, o europeu instituiu uma série de preconceitos, com vistas a justificar as barbáries cometidas nas regiões ocupadas. Nesse contexto, tentou-se destruir os valores do negro a partir do pressuposto de que este era inferior, desprovido de capacidade intelectual: “Negro torna-se [...] sinônimo de ser primitivo, inferior, dotado de uma mentalidade pré-lógica [...]” (MUNANGA, 1988, p. 9).

Desde o século XV já havia argumentos relativos às “qualidades menores” do negro. Então, tirar o negro de sua insignificância e elevá-lo ao nível do homem europeu surgia como justificativa para legitimar a espoliação do território africano, bem como a escravização de seus habitantes. E urgia provar a inferioridade do negro, seja com o aporte da ciência, seja com o aporte da religião. Segundo Munanga: “[...] a condição social do negro no mundo moderno criará uma literatura descritiva de seus pretendidos caracteres menores [...]” (MUNANGA, 1988, p. 9).

Para a ciência o negro era uma espécie de desvio, algo anormal. Cogitava-se que ele era um branco que sofrera um desvio de suas condições naturais, ao ser enegrecido pelo excessivo calor das regiões onde habitava: Pensava-se o negro “[...] como um branco degenerado, caso de doença ou de desvio [...]” (MUNANGA, 1988, p. 15). Já a visão religiosa pautava-se no mito de que os negros eram descendentes de Cam, homem amaldiçoado por seu pai, Noé (Cf. MUNANGA, p. 15).

Além da desdita de ser um branco degenerado, acreditava-se que o negro carregava a maldição consigo. Por isso, no imaginário europeu, a cor preta remetia a aspectos negativos do ser humano, ao pecado, à maldição, enquanto que a cor branca lembrava virtudes como a vida e a pureza: “[...] nas colônias ocidentais da África, mostrou-se sempre Deus como um branco velho de barba e o Diabo como um moleque preto de chifrinhos e rabinho” (MUNANGA, 1988, p. 15).

No século XIX também surgiram trabalhos na área da anatomia, comparando o corpo do homem negro com o corpo do homem branco, sempre com avaliações negativas para o primeiro. Resultados de alguns desses trabalhos consideram que os traços corporais do negro

estavam relacionados à inferioridade. Assegurava-se que o negro não poderia ser tão inteligente como o branco, por ter cérebro menor. Ademais, a crespidão dos cabelos e a pele escura eram sinais de inferioridade:

[...] O médico alemão Franz Gall afirmava [...] que o tamanho da cabeça e o volume do cérebro acusavam, entre os negros africanos, dimensões menores comparativamente aos brancos, daí chegando à conclusão óbvia [...] Para Paul Broca [...] a cor da pele tendendo à escura, o cabelo crespo, estariam [...] relacionados à inferioridade [...] (MUNANGA, 1988, p. 20).

A visão do negro como ser inferior não se restringiu apenas a discussões teóricas. Ela foi praticada, transmitida cotidianamente por meio da educação e de gestos banais, originando, com o passar do tempo, um retrato mítico. Preguiça, perversidade, incapacidade intelectual e familiaridade com a miséria passaram a ser vistas como imanescentes a toda pessoa negra. São estereótipos que, enquanto legitimavam a exploração econômica, justificavam formas autoritárias de poder, isto é, a severidade com que o negro era tratado nas colônias.

Na ótica dos colonizadores, se os nativos eram ladrões e perversos, era imprescindível uma força repressiva que os detivesse. Além disso, como eles estavam habituados a serem miseráveis, por que pagar-lhes um bom salário? A respeito, Homi Bhabha destaca a atitude do colonizador de gerar a imagem negativa do nativo que justifique a política colonial baseada na discriminação e na opressão. É o discurso racista estereotípico, cuja forma de governo em seu momento colonial reconhece

[...] a diferença de raça, cultura e história como sendo elaboradas por saberes estereotípicos, teorias raciais, experiência colonial administrativa e, sobre esta base, institucionaliza uma série de ideologias políticas e culturais que são preconceituosas, discriminatórias, [...] “míticas”, [...] Ao conhecer a população nativa nesses termos, formas discriminatórias e autoritárias de controle político são consideradas apropriadas [...] (BHABHA, 1998, p. 127).

Bom exemplo é o mito do negro preguiçoso. Cria-se a imagem do autóctone avesso ao trabalho contraposta ao colonizador, que trabalha com afinco. Conseqüentemente o colonizador paga um salário ínfimo aos serviços que lhes são prestados pelo colonizado, haja vista que o trabalho deste é insignificante, não traz lucros, segundo o estereótipo difundido. Ao negro, ainda que exerça as mesmas atividades que um branco, sempre lhe será pago um ordenado inferior, levando Munanga a considerar que “[...] mesmo professores, médicos e

engenheiros negros colonizados nunca receberam salários iguais aos de seus colegas brancos” (MUNANGA, 1988, p. 21).

As diferenças entre colonizador e colonizado no tocante à organização do horário laboral intensificaram o mito do negro preguiçoso. Conforme Munanga, em algumas aldeias da África, localizadas em regiões excessivamente quentes, a jornada de trabalho começa mais cedo e termina mais cedo. Por isso, seus habitantes passam a tarde sob as árvores, protegendo-se do calor e se restabelecendo para o trabalho do dia seguinte. O mesmo não ocorre com o europeu, pois as condições climáticas de seu continente contribuem para que o horário de trabalho se estenda pela tarde. Isso não significa preguiça por parte do negro. Como se pode constatar, este trabalha, mas cumprindo horários diferentes. Entretanto, “[...] Essa situação reforçou a falsa imagem do negro preguiçoso, diante de um branco ocidental, vivendo num clima diferente, obedecendo a um horário convencional [...]” (MUNANGA, 1988, p. 22).

Como visto até agora, para o colonizador o negro era composto apenas de aspectos negativos. A saída foi excluir-lhe da sociedade, privar-lhe dos direitos oferecidos aos outros cidadãos, inviabilizar seu acesso à vida social. As crianças negras, por exemplo, foram privadas de estudar, e as poucas que tiveram acesso à escola acabaram internalizando a visão de mundo europeia. Memmi (2007) argumenta que, nos países colonizados, ingressar numa escola não significava ser “nacionalmente salvo”. Ali, a memória transmitida aos alunos não era a de seus ancestrais, mas a de outros povos, ou melhor, a memória do europeu.

O país colonizado não tinha história, não existia, pois tudo parecia ter acontecido em outro lugar (Cf. MEMMI, p. 145). Assim sendo, quando se atenta para as palavras de Munanga (1988), tem-se a impressão de que os conteúdos estudados em escolas da África eram destinados a crianças europeias, pois o contexto no qual viviam as crianças africanas era totalmente ignorado: “[...] os ancestrais africanos são substituídos por gauleses e francos de cabelos loiros e olhos azuis; os livros estudados lhe falam de um mundo totalmente estranho. Da neve e do inverno que nunca viu [...]” (MUNANGA, 1988, p. 23).

Esse mundo estranho também apresentou ao negro um idioma diferente, falado pelo colonizador. Dessa forma, a língua nativa foi rechaçada, pois nas instâncias que regiam a vida social ela não tinha valor. Se o negro ambicionasse exercer influência na sociedade, ele deveria ser bilíngue porque o idioma falado desde sua infância não era o mesmo dos órgãos administrativos do Estado, nem muito menos a língua da tecnologia. Por isso Munanga (1988) considera o negro, que não fala o idioma do colonizador, um estrangeiro em sua própria terra (Cf. MUNANGA, p. 24).

A necessidade de dominar o idioma do colonizador aos poucos foi criando um desconforto do colonizado para utilizar sua língua. Era o momento de escondê-la, evitá-la. Mas não é apenas na África que se observa esse desdém pelas línguas nativas. Nas Antilhas, a situação se repete, pois a desvalorização do idioma local pelos colonizadores franceses levou grande parte dos antilhanos a se recusar a falar o patoá. Neste caso, é essencial observar as considerações de Fanon: “[...] Na escola, o jovem martinicano aprende a desprezar o patoá. Fala-se do crioulo com desdém. Certas famílias proíbem o uso do crioulo [...]” (FANON, 2008, p. 36).

Quanto à língua, o negro viveu um drama, o que Memmi chama de “drama linguístico”. De um lado o idioma do colonizador, cujo domínio representa a possibilidade de ascensão, de não ser um estrangeiro na própria terra. De outro, a língua materna, com a qual expressam os sentimentos e que contém toda a carga afetiva. O que fazer? Para o autóctone, a saída foi rejeitar seu idioma e demonstrar que se sentia à vontade apenas quando se expressava na língua do colonizador. Neste contexto, Memmi observa: “[...] o bilinguismo colonial não é nem uma diglossia, na qual coexistem um idioma popular e uma língua purista, [...] nem uma simples riqueza poliglota, que se beneficia de um teclado suplementar mas relativamente neutro; é um “drama linguístico” (MEMMI, 2007, p. 148).

Ser visto pelo europeu como inferior e ter os elementos de sua cultura ridicularizados levou o negro a considerar como verdadeiros os estereótipos difundidos. Assim, desenvolveu aversão aos elementos que o ligam a sua cultura, a odiar a si mesmo e a envergonhar-se de sua cor. Isso porque o branco lhe inculcou que estes eram fatores responsáveis por reduzi-lo à inutilidade, a mero colonizado. Concomitantemente o negro expressava grande admiração pelo homem branco, à qual vem se juntar a necessidade de demonstrar a sua humanidade, de provar que não é um animal. A partir de então o negro tentou embranquecer-se. Como diz Fanon, “[...] na medida que o homem branco [...] me extirpa qualquer valor [...] tentarei simplesmente fazer-me branco, isto é, obrigarei o branco a reconhecer minha humanidade [...]” (FANON, 2008, p. 94).

Aqui é conveniente abrir um parêntesis para pensar na possibilidade de o desejo de embranquecimento do negro ser consequência do processo de outremização. Barzotto (2011), por meio dos estudos de Jacques Lacan, destaca a relação Outro/outro. Nesse sentido o “Outro” (com maiúscula) representa o colonizador europeu, ao passo que o “outro” (com minúscula) representa o colonizado. De acordo com a autora:

Outro/outro são constructos do imperialismo, de seu discurso opressivo e de suas práticas e [...] se mantêm na realidade colonial e pós-colonial pela imposição da força da dependência cultural, política e financeira gerada da metrópole para a colônia ou ex-colônia [...] (BARZOTTO, 2011, p. 63-64).

Na sociedade colonial o Outro (europeu) produz um retrato deturpador do outro (indígena, negro, latino etc.), transformado em sinônimo de depravação, preguiça, selvageria. Com o passar do tempo, o “outro” introjeta essa imagem negativa e passa a se anular. Assim, para as discussões propostas neste trabalho, seria interessante pensar que o negro, sendo o “outro”, tentou assimilar os valores do “Outro” (colonizador branco), para livrar-se da opressão que lhe era imposta.

Ao negro não era possível substituir sua pele por outra, branca. O processo de embranquecimento se deu, então, pela absorção dos valores culturais europeus. Para Munanga (1988), o negro adotou a vestimenta do europeu, sua alimentação e, principalmente, a língua colonizadora, transformada em objeto de admiração, responsável por fazer com que o nativo que a falasse fluentemente se elevasse sobre os demais: “[...] Quantas vezes não escutamos a expressão: “tome cuidado com ele; é muito inteligente, fala francês como um branco [...]” (MUNANGA, 1988, p. 27).

Outra estratégia de embranquecimento adotada pelo negro é o “erotismo afetivo”, relativo às relações sexuais entre uma mulher negra e um homem branco e vice-versa. Nesse caso, transar com uma pessoa branca, ou casar-se com ela, pode ter diversos significados, indo desde uma possível vingança – por meio do domínio do outro pelo sexo – até a uma oportunidade de ter filhos mestiços e proporcionar, assim, às gerações futuras, o clareamento da pele:

[...] não se pode descartar [...] a vontade de diluir simbolicamente a sua inferioridade no ato em si, ou de tornar-se branco pela posse sexual, ou, ainda, a possibilidade de melhorar a raça através de uma progenitura mestiça (MUNANGA, 1988, p. 28).

Fanon (2008) constata que, na Martinica, a escolha de um (a) parceiro (a) era guiada pela cor da pele: privilegiava-se uma pessoa branca, mas, caso isso não fosse possível, escolhia-se o menos negro. As martinicanas, por exemplo, argumentavam que “era preciso salvar a raça”. Nesse caso, salvar a raça não significa preservar sua cultura, os costumes do lugar onde elas nasceram, mas embranquecer a raça. Como observa Fanon, “[...] o importante é não sombrear de novo no meio da negrada, e qualquer antilhana se esforçará em escolher, nos seus flertes ou relações, o menos negro [...]” (FANON, 2008, p. 57). Com os homens

martinicanos não é diferente. Fanon relata que uma das primeiras preocupações dos martinicanos que chegavam à França era transar com uma mulher branca. É o desejo de gozo no útero branco, alimentado durante a vida na Martinica e posto em prática, como uma espécie de rito de iniciação para o martinicano recém-chegado à metrópole:

[...] a preocupação mais constante daqueles que chegam na França é dormir com uma mulher branca. Logo que desembarcam no Havre, dirigem-se às casas de prostituição. Uma vez cumprido esse rito de iniciação à “autêntica” virilidade, tomam o trem para Paris (FANON, 2008, p. 76).

É preciso frisar que a busca por se assemelhar ao colonizador esbarrou no projeto colonial. Ao recusar seu grupo, o colonizado ambicionava fazer parte de outro: o grupo do colonizador. Mais que renunciar a tudo que o ligava às suas origens, era preciso que o colonizador o reconhecesse, o aceitasse, o que, de fato, não aconteceu. Suas tentativas de parecer-se com o europeu, seja pela imitação da maneira de falar, seja por meio da vestimenta ou de pequenos gestos foram motivos de escárnio. Dessa forma, apesar de atrativos, os valores do colonizador foram negados ao colonizado, como salienta Figueiredo: “[...] O colonizador rirá de suas macaquices, o achará ridículo ou lhe explicará [...] que os povos são diferentes e que não se faz um inglês ou francês de um árabe ou de um negro [...]” (FIGUEIREDO, 1998, p. 66). Nesse sentido, o negro não alcançou seu objetivo. O máximo que conseguiu foi realizar uma imitação mal feita, tornando-se alvo de zombaria.

Para Memmi, era impossível o colonizado integrar-se à sociedade colonial. Isso implicaria pagar-lhe um melhor salário, permitir-lhe a contestação dos privilégios coloniais e promover-lhe jurídica, política e administrativamente. Se fizesse isso, o colonizador contrariaria seus próprios interesses. Não pôde, então, aceitar a assimilação e integrar o colonizado, pois dessa forma o colonizador acabaria consigo mesmo (Cf. MEMMI, p. 168). Em virtude dessa situação, Munanga salienta a incompatibilidade existente entre o projeto colonial e a tentativa do negro em assimilar os valores do branco e fazer parte de seu grupo. O projeto colonial primava pela desumanização do negro, e sendo assim não poderia integrá-lo: “[...] Pelo contrário, criou sua desestabilidade cultural, moral e psíquica, deixando-o sem raízes, para melhor dominá-lo e explorá-lo” (MUNANGA, 1988, p. 31).

3 Ascender para Impor-se

Ismael, de *Anjo Negro*, é um proeminente médico. Filho de negros, ascende socialmente exercendo uma profissão prestigiosa e rentável. Mas, uma leitura atenta mostra

que Ismael não é médico por amor à profissão: o que o conduziu a esse ofício foi a ânsia de obter reconhecimento, em chegar a uma posição que o fizesse superior ao homem branco. Ao mesmo tempo, percebe-se que o dito personagem é isolado, não se reconhece como membro de um grupo, já que renunciou às origens.

Por isso, antes de passar à análise da conduta de Ismael é necessário compreender as condições que nortearam a ascensão social do negro, no Brasil, e conhecer dois casos os quais demonstram a obsessão do negro em impor-se ao homem branco. No tangente à ascensão social, Souza (1983) argumenta que o retrato inferiorizante do negro sobrevive ao fim da escravidão. Na nova ordem social, na qual vigora capitalismo, os brancos continuaram com a intenção de espoliar o negro e, para tanto, procuraram conservá-lo na mesma condição social anterior à Abolição: [...] todo um dispositivo de atribuições de qualidades negativas aos negros é elaborado com o objetivo de manter o espaço de participação social do negro nos mesmos limites estreitos da antiga ordem social [...] (SOUZA, 1983, p. 20).

Ainda assim a sociedade capitalista foi vista pelo negro como uma possibilidade de sair de sua marginalidade social. A ascensão é percebida por ele como veículo que lhe traria redenção nas áreas financeira, social e política, além de torná-lo um indivíduo respeitado. Porém, Souza (1983) acredita que, se por um lado, o respeito adquirido por intermédio dessas conquistas poderia fazer com que o negro passasse a ser bem tratado, de outro lado, ser bem tratado era ser tratado como branco. Sendo assim, o negro procurou assemelhar-se ao branco: “[...] foi com a [...] determinação de assemelhar-se ao branco – ainda que tendo que deixar de ser negro – que o negro buscou, via ascensão social, tornar-se gente (SOUZA, 1983, p. 21).

Com isso, seu grupo de origem continuou a ser visto como uma barreira, pois era uma referência negativa, condição da qual era preciso escapar para conseguir a almejada ascensão. Foi uma situação com a qual se deparou o negro e que colaborou para “[...] ampliar o fosso que o separava de sua identidade enquanto indivíduo e enquanto grupo [...]” (SOUZA, 1983, p. 22). Livrar-se da miséria era tornar-se uma exceção entre os outros negros. Mas, para continuar sendo uma exceção, o homem de cor precisou se identificar com os valores que determinam a personalidade do branco. Ainda que não quisesse, os negros tiveram de fingir que eram brancos “[...] onde e quando aspirem a ser aceitos e a serem tratados de acordo com as prerrogativas de sua posição social” (FERNANDES *apud* SOUZA, 1983, p. 23). Desse modo, pode-se dizer que a história da ascensão social do negro brasileiro é simultânea à história da assimilação dos valores do branco, em detrimento de sua identidade negra.

A ascensão social desponta para o negro não apenas como meio de “tornar-se gente”, mas, ainda, como maneira de vingar-se, submetendo o branco a humilhações semelhantes às do escravo perante seu senhor. Experiências descritas por Fanon (2008) mostram a obsessão de alguns negros em maltratar os brancos, com o intuito de ser reconhecido como pessoa importante ou como mecanismo de defesa contra uma possível agressão. Fanon menciona situações presenciadas por ele que remetem a esses dois tipos de comportamento.

A primeira é relativa a um estudante de medicina negro que tinha a impressão de que jamais seria reconhecido como um verdadeiro médico pelos pacientes europeus. Ao engajar-se no exército, esse estudante rechaçava qualquer possibilidade de deixar a França e ser enviado para uma colônia. Isso porque “[...] Ele queria ter brancos sob suas ordens. Ele era um chefe e, como tal, devia ser temido ou respeitado. Era, com efeito, o que queria, o que procurava: levar os brancos a ter com ele uma atitude de negros [...]” (FANON, 2008, p. 67).

A segunda refere-se a um fiscal de alfândega de atitudes grosseiras em seu local de trabalho. O funcionário justificou seu comportamento a Fanon com o seguinte argumento: “[...] se você não for sacana, eles te consideram um babaca. Como sou preto, um termo termina atraindo o outro...” (FANON, 2008, p. 67). As ações de Ismael em relação aos brancos, ao longo de *Anjo Negro*, comportam atitudes semelhantes a esses comportamentos. Acrescentem-se o repúdio e o afastamento do personagem em relação às suas origens. Tais constatações guiarão a análise de seu comportamento.

4 Comportamento Contraditório

Anjo Negro, de Nelson Rodrigues, representa a vida conjugal entre um homem negro, Ismael, e uma mulher branca, Virgínia. Trata-se de uma relação conturbada, iniciada pelo estupro: por ser órfã, Virgínia morava com a tia e as primas. Em determinada ocasião, a moça fora surpreendida beijando o noivo de uma das primas que, desesperada com a traição, suicida-se. Como punição, a tia pede que Ismael vá até o quarto da menina e a deflore. Virgínia viu-se, então, obrigada a casar-se com ele. Depois de casados, o médico a mantém refém dentro de casa, impossibilitando que a mulher tenha contato com o mundo exterior. Porém, não tem total controle sobre a esposa, de modo que ela se vinga matando os filhos, negros, e traindo-o com Elias, irmão branco de Ismael.

Mas a peça de Nelson Rodrigues vai além dos episódios conjugais: coloca aos olhos do espectador, ou do leitor, o drama de Ismael, personagem que rejeita ser negro. Essa não aceitação desperta no personagem apenas o desejo de mudar de cor e a cólera em relação ao

branco, comportamento contraditório, como se vê. Desse modo, nota-se que, em alguns momentos, Ismael afasta-se de seu grupo de origem, a fim de comportar-se como pessoa branca, condição exigida ao negro que almeje ascender socialmente, como expõe Souza (1983). Já em outros, subjuga aqueles com quem sempre desejou parecer, infligindo-lhes humilhações, atitude parecida com a descrita por Fanon (2008) a respeito do comportamento de pessoas negras que buscam ser temidas ou respeitadas pelos brancos, para vingar-se da *imago* do negro humilhado diante do senhor branco (Cf. FANON, p. 67). O aludido personagem de *Anjo Negro* comporta-se de maneira semelhante.

Começando pelo afastamento de Ismael em relação às origens, uma das formas de conhecê-lo ao longo de *Anjo Negro* é observando a fala de Elias, em diálogo com Virgínia. No relato de Elias sobre o comportamento do irmão, percebe-se que Ismael sempre teve o cuidado de não se comportar como negro, evitando contato com elementos que o identificassem com os demais membros de seu grupo. Se não ingeria cachaça, não era por recato, mas por pensar que cachaça era bebida feita para ser consumida por negros. Ademais, se continha seus impulsos sexuais, não era por pudor, mas para evitar mulheres negras:

ELIAS – Quando ele era rapaz, não bebia cachaça porque achava cachaça bebida de negro. Nunca se embriagou. E destruiu em si o desejo que sentia por mulatas negras [...] (RODRIGUES, 2005, p. 28-29).

Os relacionamentos amorosos de Ismael norteiam-se pelo objetivo de “não sombrear no meio da negrada”, nos termos de Fanon. Entretanto, sua ânsia por afastar-se de suas origens o leva também a destruir os elementos que, de alguma forma, fazem alusão aos negros. A ocasião em que o rapaz retira o quadro de São Jorge da parede de sua casa e o arremessa pela janela pode servir como exemplo: ELIAS “[...] O que ele fez com São Jorge? Tirou da parede o quadro de São Jorge, atirou pela janela – porque era santo de preto [...]” (RODRIGUES, 2005, p. 29).

Evitar a ingestão de cachaça, não se relacionar com mulheres negras e atirar pela janela um santo relacionado à crença dos negros era insuficiente para afastar Ismael de suas origens. Era preciso atribuir a culpa a alguém pelo fato de ter nascido negro. Assim, seu comportamento doentio o faz culpar a mãe. Este pode ser considerado o momento que melhor exemplifica o afastamento de Ismael em relação ao seu grupo de origem, pois, assim que responsabiliza sua mãe por ser negro, o personagem deixa sua casa. Como diz Elias: “[...] Um

dia, desapareceu de casa, depois de ter dito à mãe dele: ‘Sou negro por tua causa!’ [...]’ (RODRIGUES, 2005, p. 29).

Ismael afasta-se de seu grupo e consegue a desejada ascensão ao tornar-se um médico bem-sucedido, muito respeitado e casado com uma mulher branca. Mesmo assim, não se ilude com a promoção social. Sabe que, apesar do êxito, continua negro. Então, para conservar a posição, precisa manter o distanciamento de seu grupo de origem e continuar se comportando como homem branco, algo exigido pela sociedade. Vê-se aqui evidenciada outra maneira de Ismael distanciar-se de seu grupo, agora pela própria atitude do personagem, o qual não tolera que em sua casa se faça menção a negros. Por isso, os pretos encarregados de levar o caixão de seu filho ao cemitério, ao encontrarem Elias no pátio da casa, recomendam: “– Mas tome um conselho; não fale em preto que ele [Ismael] se dana!” (RODRIGUES, 2005, p. 10). Essa atitude remete às palavras de Souza, segundo as quais o negro, para ser promovido socialmente, se depara com muitos obstáculos, situação que o faz distanciar-se ainda mais de seu grupo, após a ascensão (Cf. SOUZA, p. 22).

Nota-se que Ismael consegue a ascensão social e mantém-se na posição de cidadão respeitado, comportando-se como branco. Mas há algo curioso em sua conduta: a obsessão em ser superior aos brancos, subjuguá-los. Não por acaso, esforçou-se para tornar-se médico. Sobre isso, o personagem Elias comenta: “[...] Estudava muito para ser mais que os brancos, quis ser médico – só por orgulho, tudo orgulho [...]” (RODRIGUES, 2005, p. 29). Mais que parecer-se com os brancos, Ismael busca subjuguá-los, deixando transparecer sua vontade de ser reconhecido como superior, invertendo a relação de domínio. Ou seja, um modo de agir que busca fazer com que os brancos se comportem perante ele como negros. Prova disso é sua maneira de agir em relação à Virgínia e a Elias, ambos brancos.

A relação entre Ismael e Virgínia é marcada pelas imposições do marido. Virgínia não tem direito a escolhas, vive segundo as vontades do médico. Este a conserva isolada do mundo exterior, num estado de permanente cativo, como se ela fosse uma escrava que, por desagradar ao seu senhor, devesse ter sua liberdade cerceada ainda mais: “Ismael – Você me esperava, Virgínia?! Virgínia (*com espanto*) Esperava você! Só posso esperar você, [...] Só você chega, só você parte. O mundo está reduzido a nós dois [...]” (RODRIGUES, 2005, p. 16).

O único lugar por onde Virgínia pode circular é o interior de sua casa, isso depois de ser proibida de andar pelo jardim. Ao que parece, com o passar do tempo Ismael sente a necessidade de reduzir o mundo da esposa cada vez mais, numa obsessão de evidenciar à

Virgínia que ela lhe pertence, que ele tem o poder de controlá-la: “VIRGÍNIA – Deixa, então, que eu passeie, no jardim, como antes? De noite. Preciso ver as estrelas. Posso ir com você! / ISMAEL – Não há mais estrelas. / – Teu lugar é aqui [...]” (RODRIGUES, 2005, p. 20). Na ocasião em que o filho do casal falece, Ismael irrita-se com a indiferença da esposa em relação à morte da criança. Parece-lhe conveniente, então, enclausurá-la no quarto, como punição. Mesmo ouvindo os clamores da mulher, Ismael permanece impassível, recusando-se a retroceder de qualquer castigo ao qual a tenha submetido. Pela rubrica do texto, vê-se que Virgínia lança mão de vários gestos para comovê-lo. Ele, contudo, permanece inabalável, seja diante de uma Virgínia doce, seja diante de uma Virgínia desesperada:

VIRGÍNIA (*correndo para a porta*) – você me fecha aqui?
 ISMAEL – É preciso.
 VIRGÍNIA (*suplicante*) – Mas por quê? Se você sempre me deixou andar pela casa ? (*doce*) Tão bom ver outras paredes que não sejam essas; [...] (*veemente*) Minha única alegria era mudar de ambiente, [...] (*desesperada*) Por que me prende, Ismael, por quê?
 ISMAEL – Direi depois (RODRIGUES, 2005, p. 21).

O excerto acima demonstra a intransigência de Ismael. Contudo, ele vai além, haja vista que tem necessidade de mostrar à esposa que ela lhe pertence, que é um objeto seu. O momento em que a encerra no quarto é oportuno. Em meio ao desespero Virgínia ousa afrontar o marido, dizendo-lhe que não quer ser mãe novamente. Uma última tentativa para persuadir o esposo a deixá-la sair. No entanto, Ismael é figura embrutecida, não se comove. Mesmo desgostoso, devido à perda de mais um filho, aproveita-se para lembrar à mulher que, a ela, não cabe o direito de tomar decisões, mas apenas de obedecer-lhe: “VIRGÍNIA – Espera. (*com rancor*) Eu não quero ter mais filho. Filho nenhum – ouviu? [...] / ISMAEL (*aproximando-se da portinhola*) – Quem pode querer sou eu. Eu quero outro filho, Virgínia!” (RODRIGUES, 2005, p. 21).

Além disso, Ismael procura causar sofrimento a Virgínia. E o faz, conservando na memória da esposa a cena da noite quando ele a estuprou, não permitindo que ninguém arrume a cama onde se deu a violação. O negro se regozija com o fato de a mulher ser obrigada a presenciar aquele cenário, pois, ao não alterá-lo, Virgínia sofre constantemente, uma vez que, mantendo intacta a cena do estupro, ela não conseguirá apagar de sua memória o fato de ter sido violentada:

VIRGÍNIA [...] – De madrugada, senti passos. Abriam a porta – era ele mandado pela minha tia. Eu gritei, ele quis tapar minha boca – gritei como uma mulher nas dores do parto

VIRGÍNIA (*indicando a cama*) – Ninguém mais dormiu ali... A cama ficou como estava; não mudaram o lençol, não apanharam o travesseiro [...] Ismael não quer que eu, nem ninguém, mexa em nada” (RODRIGUES, 2005, p. 33).

Em relação ao irmão, o comportamento brutal se repete, isso porque, desde criança, Elias já sofria com a ira de Ismael, pelo fato de ser branco. Como se nota, as agressões de Ismael não continham somente o desejo de dominar, mostrar-se superior. Mais que isso, elas carregam consigo o ódio provocado pela não aceitação de sua cor, somadas à inveja da cor de Elias. Assim, é possível perceber que a vontade de Ismael em controlar o homem branco vai além da intenção de impor-se, resultando em atitudes atroz, cujo melhor exemplo é o fato de ter cegado o irmão. Como Elias relata à Virgínia:

– Meu pai era italiano e depois que minha mãe morreu se juntou com a mãe de Ismael... / [...] A mim, nunca me perdoou que eu fosse filho de brancos e não de negros como ele [...] Quando fui morar na casa de Ismael, ele já era rapaz, e eu, menino. Ismael me maltratava, me batia, [...] / [...] eu estava doente dos olhos e Ismael, que me tratava, trocou os remédios. Em vez de um, pôs outro... Perdi as duas vistas [...] (RODRIGUES, 2005, p. 29).

Apesar das atrocidades acima descritas, percebe-se que Ismael se engana ao acreditar que tem controle sobre a esposa e Elias. Desse modo, o desenrolar da peça demonstra que a única coisa que ele consegue é tornar cada vez mais evidente o transtorno psíquico desencadeado pela não aceitação de sua cor. Isso porque, em primeiro lugar, o médico não consegue afastar-se por completo de suas origens. Ele tem consciência de que ainda é negro e, por isso, acaba criando um mundo só dele, fato que, além de ser uma tentativa de manter-se na respeitável posição a que chegou, é também uma forma de proteger sua “máscara branca” e continuar vivendo sua ilusão. A vontade de tornar-se branco faz então Ismael reduzir não somente o mundo da esposa, mas também seu próprio mundo: “[...] quero esse lugar, essa vida. Por isso criei todos esses muros, para que ninguém entrasse. Muros de pedras e altos” (RODRIGUES, 2005, p. 17).

Ali, entre os “muros de pedras e altos”, ele tenta converter sua fantasia em realidade. Assim, segue dando largas à sua obsessão e cometendo mais atrocidades. Nesse caso, uma cena da peça pode ser tomada como exemplo. Trata-se do momento em que Ismael confessa a Virgínia que cegou Ana Maria – filha de Elias com Virgínia – para que a menina jamais soubesse que ele era negro: “ISMAEL [...] Queimei os olhos de Ana Maria, mas sem maldade

– nenhuma! [...] fiz isso pra que ela não soubesse nunca que sou negro [...]” (RODRIGUES, 2005, p. 72).

Ismael também se engana acreditando ser capaz de controlar totalmente o homem branco. É evidente que ele subjuga Elias e Virgínia, porém não tem total controle sobre ambos. Estes, assim que têm a oportunidade, aproveitam-se para se vingar. Como exemplo, pode ser mencionado o momento em que Virgínia trai o marido com o cunhado: “*Virgínia sobe a escada e vai reaparecer no quarto. Logo depois sobe Elias. Os dois encontram-se e abraçam-se e beijam-se [...]*” (RODRIGUES, 2005, p. 36). Ou quando ela assassina os filhos, por serem negros:

VIRGÍNIA [...] Até hoje eu não fiquei com minha filha, sozinha, uma única vez [...] Você lhe contou que eu matei seus filhos? / Contou, sim [...] E nem ao menos explicou que só fiz isso porque eram pretos, que era preciso destruir um por um [...] (RODRIGUES, 2005, p. 74).

5 Considerações Finais

A partir das discussões propostas ao longo deste trabalho, verifica-se que os discursos estereotípicos a respeito do negro não se restringiram à sociedade colonial. Pelo contrário, eles perduram até os dias atuais, fazendo com que o negro se autorrecuse, se afaste de sua cultura de origem, causando a si mesmo, inclusive, danos psíquicos. Dessa forma, percebe-se que o negro vive um drama, haja vista que está dividido entre os valores de seu grupo e a necessidade de sair da condição miserável à qual foi relegado. Isso porque livrar-se da miséria significa deixar de ser negro, ou seja, colocar uma “máscara branca”, exigência de uma sociedade capitalista, cujos valores ainda são pautados no comportamento dos antigos colonizadores.

Essa situação, quando representada pela literatura, enseja a criação de personagens como Ismael: negro que, para ascender socialmente, afasta-se de seu grupo, mas que, após o sucesso financeiro e profissional, continua vítima das consequências do retrato mítico, criado durante o período colonial, que levaram os negros a ter vergonha de sua cor. Além de buscar ascensão social, Ismael busca provar sua superioridade. A isso soma-se o desejo de submeter aqueles a quem sempre desejou parecer, o que o faz cometer uma série de atos violentos. Entretanto, à medida que a peça se desenvolve, os atos do aludido personagem demonstram que ele padece de uma obsessão, advinda da não aceitação de sua cor. Para finalizar, é importante pensar nos milhares de negros que não conseguem a mesma ascensão de Ismael e, portanto, continuam à margem da sociedade. É possível que padeçam da mesma obsessão de

Ismael? E, se padecem, o que fazem eles para se subjugarem os brancos ou reagirem aos chistes citados na abertura deste trabalho?

Referências

BARZOTTO, Leoné Astride. **Interfaces Culturais: The Ventriloquist's tale e Macunaíma**. Dourados: Editora da UFGD, 2011.

BHABHA, Homi. **O Local da Cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima e Gláucia Renato Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

FANON, Fantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FIGUEIREDO, Eurídice. **Construções de Identidades Pós-coloniais na Literatura Antilhana**. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 1998.

MEMMI, Albert. **Retrato do Colonizado Precedido do Retrato de Colonizador**. Tradução de Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1988.

RODRIGUES, Nelson. **Anjo Negro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se Negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

Recebido em: 18 de abril de 2017.

Aceito em: 15 de julho de 2017.

TABULEIRO DE LETRAS

Exílio nos Andes

Exile in the Andes

HASBÚN, Rodrigo. **Os afetos**. Tradução: José Geraldo Couto. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016, 128 páginas.

Valdemar Valente Junior¹

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, a família Ertl deixa a Alemanha rumo à Bolívia, onde Hans, o chefe do clã, pretende chegar, mais precisamente a Paitití. De posse desses elementos, a aventura retratada na obra *Os afetos* evolui na direção de acontecimentos que correm em paralelo à expedição da família alemã à cidade encrustada na Selva Amazônica. Assim, um mundo de mistério serve de intermediação aos acontecimentos narrados, uma vez que a altitude de La Paz e o contato com o idioma espanhol são problemas a serem contornados, além da pobreza e da falta de higiene em um país tão distante. Nesse ponto, a saga dos Ertl tem início, a partir da visita a lugares onde Deus descansa de nossa ingratidão e sordidez, na busca pela cidade inca que permanece há séculos sem ser vista. O desejo que mobiliza a família alemã perpassa as viagens de seu patriarca, que acabam por ter o mesmo sentido, sucedendo-se de uma jornada a outra, pela perda da noção, tanto da ida quanto do retorno. O fato é que, ao voltar de Nanga Parbat, no Himalaia paquistanês, Hans promete abandonar o alpinismo, que se tornara bastante técnico, mas acaba por retroceder, deliberando-se a ir a Paitití, visto que a aventura se constitui em parte da natureza de quem procura renovar o significado da vida, ao deixar para trás a Alemanha destroçada. Assim, o imperativo da viagem atende à ordem superior de tudo quanto necessita renascer dentro de cada um.

É por esse viés que o romance de Rodrigo Hasbún se torna cúmplice da necessidade que a narrativa contemporânea traz consigo, a partir de situações que se aniquilam para, logo em seguida, virem a se recompor nas imagens sucessivas da aventura humana como promotora de

¹ Doutor em Ciência da Literatura pela UFRJ. Pós-Doutorado em Literatura Brasileira pela UERJ. Professor Assistente da Universidade Castelo Branco. E-mail: valdemarvalente@gmail.com

seu próprio desejo. A viagem da família Ertl a um país desconhecido, e mais ainda, a um contexto humano que possui todos os ingredientes capazes de conduzi-la ao que lhe parece inverossímil, tende a caracterizar *Os afetos* como narrativa que se situa em um plano de originalidade e se faz representar de forma contundente. O desprendimento que marca esse transe corresponde ao rompimento provisório com a estrutura que define o lugar das relações que escravizam o homem a seu próprio meio social. Nesse contexto, a Bolívia sintetiza a ideia do que se impõe à demanda de se conhecer outros lugares, descaracterizando o apelo repetido de horizontalidade da existência, na qual as relações atendem às necessidades imediatas de afeto. Desse modo, a narrativa invade o plano físico de regiões desconhecidas, recorrendo aos picos da cidade perdida na Cordilheira dos Andes. O mito do Eldorado, que repousa na memória de um povoado em algum lugar remoto, na confluência das florestas da Bolívia, do Peru e do Brasil, habita a imaginação dos que acreditam ter existido nesse local uma civilização cujo chefe era um homem de aspecto resplandecente, com as vestes e o próprio corpo cobertos de ouro, o que se reforça por meio da curiosidade dos que para esse ponto se dirigem.

O desejo de Monika, a filha mais velha de Hans, em seguir o destino do pai confirma-se em seu pedido à filha, ao ouvir dos arqueólogos brasileiros acerca da necessidade de se adiar a expedição. Depois de seguidos dias ruminando sua raiva, a decisão de viajar para Paititi em companhia da filha resolve dois problemas ao mesmo tempo: contar com sua ajuda na expedição e afastá-la dos demônios e incertezas que a atormentam. Assim, a narrativa serve-se de sucessivas vozes quando a expedição tem início, e parte da família Ertl sobe a cordilheira com uma tropa de vinte e cinco mulas carregadas de equipamentos de fotografia e filmagem, a uma altura de mais de quatro mil metros de ar rarefeito sob forte chuva de granizo. No percurso, os tropeiros param diante dos oratórios em honra a Pachamama, a deusa terra, onde esparramam folhas de coca e repetem orações. As folhas de coca servem para lhes dar força e suprir a fome. Durante a viagem, aparecem homens em direção a Tipuani, à procura de ouro, em meio a povoados sombrios e figuras estranhas que são como aparições sobrenaturais, ainda que as pessoas da terra vejam a expedição como se vissem fantasmas. A partir desse contato com a população do interior, tem-se o relato de um país extremamente pobre, em cujos povoados se encontra uma gente tão desprovida de bens materiais que se faz imperativo pensar em La Paz como paraíso na terra, em que pese, do mesmo modo, o aspecto caótico da capital boliviana, onde as casas de construção inacabada e as crianças e idosos a pedirem nas ruas revelam um cenário deprimente.

A narrativa efetiva-se a partir de seus sinais polifônicos, havendo certa intenção de que a isso se acrescentem os conflitos da família Ertl, em vista do que separa a Alemanha, combalida pela hecatombe da guerra, da Bolívia, enterrada nos confins do mundo. Os acontecimentos correspondem à relação que se impõe como incorporação possível à cultura boliviana, ainda que persistam pontos que se mostram divergentes e inconciliáveis. Há que se pensar acerca de um país onde mesmo sua capital e cidade mais próspera apresenta-se afetada pela miséria que exclui a população indígena, abrindo espaços a uma pseudoaristocracia crioula à qual se acrescentam alemães e judeus recém-chegados. De todo modo, a expedição prossegue em busca de fragmentos que atestem a presença de povos milenares no território agora desabitado das montanhas onde se chega em lombo de mula. Paitití, no entanto, permanece como uma incógnita, na medida em que representa o ponto mais elevado a ser conquistado nessa viagem. Assim, o mito do Eldorado seria desvendado como um triunfo que se anuncia distante de ser alcançado. Por sua vez, adensa-se à narrativa o contato com uma anciã, a quem a expedição entrega um tubo com pomada de penicilina para seus olhos inflamados, e de quem ouve, entre outras, a lenda de que os deuses dos incas se servem de um véu de nuvens que torna Paitití invisível aos olhos da cobiça humana.

A narrativa envolve também a divergência entre as irmãs, na medida em que as descobertas do amor e do corpo polarizam situações que passam ao largo do conhecimento de Hans, que se preocupa apenas com as diretrizes da expedição. As tomadas de cena no meio da floresta lhe ocupam o tempo e lhe roubam a energia, não lhe sendo possível pensar acerca do que o rodeia, para além do trabalho. Isso implica em uma série de percalços que se impõem, desde as situações amorosas não definidas na condição plena dos afetos como, do mesmo modo, no que parece resultar em espaço de disputas que se coaduna a uma cidade onde o tédio das convenções burguesas se repete à exaustão. Resta pensar em Paitití como terra prometida para onde se desloca a expedição, mesmo sabendo que a promessa da chegada se mostra remota pelas condições que envolvem a utopia de redescoberta do Eldorado. As questões problematizadas em *Os afetos* expressam uma precariedade que desautoriza os indivíduos a prosseguir, do mesmo modo, o caminho das relações e o da expedição, haja vista que ambos se apresentam difíceis. Dessa forma, o deslocamento dos corpos pode significar muito pouco no plano dos afetos que se desencontram.

A família se desagrega, com a morte da mãe. Heidi retorna à Alemanha, juntando-se com Rudi, enquanto Hans compra terras em Concepción e constrói uma fazenda. Vivem-se os anos sessenta, quando greves e conflitos sociais abalam o país e o continente. Tem início a luta

armada e a guerrilha na selva, cujos focos são combatidos pelo exército. A pluralidade de situações sugere uma alteração nos espaços da narrativa, indicando de que modo Rodrigo Hasbún articula partes cindidas em *Os afetos*, quando a ação do tempo divide as expectativas de uma Bolívia atingida pela miséria, ao que em seguida se agrega a luta armada. A saga dos Ertl aproxima os conflitos pessoais dos de ordem local. A morte de Che Guevara, quando suas mãos teriam sido amputadas e enviadas a Cuba, parece marcar o fim da guerrilha, bem como dos demais focos de resistência armada na América Latina. Em seguida, Barrientos, o ditador de plantão, sofre um atentado. A conjuntura política na Bolívia recrudescer e Monika assume participação direta junto ao Exército de Libertação Nacional, fundado por Che Guevara, como figura imprescindível ao processo revolucionário, passando a viajar pela Europa em busca de fundos para o movimento.

As relações amorosas das irmãs Ertl tendem ao fracasso, como se os afetos caíssem em compasso de espera e se esgotassem de modo inevitável. O ir e o vir entre a Alemanha e a Bolívia, do mesmo modo, apontam para um país assolado pelos horrores da guerra e um outro combalido pela miséria e pela opressão. Por sua vez, tudo parece ter um fim quando a última expedição de Hans pela América Latina fracassa, após um acidente em que todo o material de fotografia e filmagem se perde. A isso corresponde um aviso de que as coisas não deveriam seguir o mesmo rumo, sendo chegada a hora de retroceder. A família se perde em seu roteiro de utopias, quando a mão de ferro da repressão busca esmagar os militantes da guerrilha. Monika torna-se um braço da luta armada, enquanto Hans passa à condição de próspero fazendeiro, aliado do poder. Na visita à Fazenda Dolorosa, Monika pede ao pai que dê abrigo a um grupo guerrilheiro que se utilizaria de suas terras para treinamentos táticos militares. A negativa selaria o afastamento entre ambos, a partir do momento em que Monika se retira, acusando o pai de ser um fascista asqueroso. A última notícia da filha Hans encontra-se em La Paz, em um cartaz no qual o exército oferece cem mil pesos por ela, viva ou morta.

Monika chama-se agora Belén Hernández, uma empresária espanhola de passagem pela Bolívia. Depois de trinta e nove horas, no aeroporto de Praga, recebe da embaixada cubana um passaporte com o nome de Rosalinda Cabrera, de volta a Havana, após um período de trabalho em uma república do Leste Europeu. Três semanas depois é uma turista australiana em contato com o consulado boliviano em Hamburgo. Diante disso, torna-se impossível retroagir, restando-lhe apenas uma profunda sensação de vazio. Não há como negar a relação com um presente imponderável. O caminho que se apresenta não é outro senão o de sacar o revólver e atirar em Toto Quintanilla, o cônsul boliviano que perpetrara atos de crueldade contra os

guerrilheiros capturados. De volta a La Paz, é a própria imagem do tormento diante da sensação de perseguição de quem se vê procurada pelas forças de repressão. Com a chegada da década de 1970, a família Ertl sofre represálias, por conta da participação de Monika na luta armada, enquanto jovens se infiltram na selva e são massacrados pelo exército. O governo boliviano dá a guerrilha por encerrada, depois de um ataque em que dezenas de militantes são mortos. O desejo de que Monika seja encontrada corresponde ao início de uma vida nova, como fizera a família, no fim da Segunda Guerra Mundial. Na Fazenda Dolorosa, Hans ordena que se cave um fosso profundo cercado de tijolos, construindo nesse local um mausoléu onde são esperados os restos mortais da filha.

Recebido em: 11 de março de 2017.
Aceito em: 10 de junho de 2017.

TABULEIRO DE LETRAS

Trouillot, Évelyne. Rosalía, la infame. Isla Negra: Ambos Editores, 2016.

Daiana Nascimento dos Santos¹

ANTECEDENTES

La Revolución Haitiana (1791-1804) puso en marcha el proyecto de libertad que visibilizó un destino diferente para hombres y mujeres esclavizados, provocando un duro golpe en las bases económicas de los tres continentes que se encontraban ligados a través del tráfico negrero y de la esclavización (Santos 2015). Sus efectos, además de desestabilizar el escenario colonial, se legitimaban con la independencia de Haití y, luego, con la abolición de la esclavitud en 1789 y la fundación del Estado haitiano en 1804. Este se configura como el primer Estado moderno gobernado por negros en el mundo, siendo la segunda nación en las Américas que rompía con su colonizador europeo –la primera fue Estados Unidos–, proyectándose como un avatar apocalíptico que logra anticipar los procesos de emancipación negra, de independencia y de descolonización, ya en el siglo XVIII. Sin embargo, la Revolución Haitiana se diferencia profundamente de la estadounidense, principalmente porque propuso la formación de una nueva identidad nacional, alterando profundamente el sistema social y económico anclado en la práctica de la esclavitud. En un lugar donde se consideraba que los hombres eran iguales, no había lugar para la esclavización. Eso se diferencia de lo que sucedió en Estados Unidos, donde la esclavitud se abolió mucho más tarde. En efecto, la Revolución Haitiana abrió un abanico de hitos históricos dentro del contexto

¹ Doutora em Estudos Americanos – Universidade de Santiago. Pesquisadora e Docente do Centro de Estudos Avanzados – Universidad de Playa Ancha, Chile.

colonial, y principalmente para hombres y mujeres en condición de esclavitud. Este evento despierta un ideal de libertad e igualdad para la población de origen africano, tanto haitiana como de otras partes de América. Este suceso alentó el sueño de libertad de millones de hombres y mujeres esclavos/esclavizados. Respaldando, además, las causas republicanas en el territorio americano y pasando a ocupar un lugar importante dentro de las mentalidades de lucha por la libertad, configurándose a partir de su potencial transgresor en los procesos de rupturas que marcan el continente en varios ámbitos. En el siglo XIX se destaca, por ejemplo, el apoyo del presidente Alexandre Pétion (1806-1818) a Simón Bolívar, mientras organizaba una expedición militar hacia Venezuela (Arty, 1961).

Según Orovio (2010): “(...) Haití provocó nuevas relaciones y nuevas maneras de mirarse ayudando a transformar el modelo esclavista y vertebrando la resistencia de la población negra, tanto esclava como libre” (p.285). La pertinencia de este suceso histórico además trajo consigo consecuencias negativas que perviven todavía en el imaginario sobre Haití.

Akassi y Lavou Zounglo (2010) hablan de una neurosis recurrente sobre Haití. Esto se evidencia a través de la tesis de una “maldición” que envuelve al pueblo haitiano, vinculando su contexto histórico social y político a las consecuencias de un pacto con el Diablo, etc. Y, segundo los aludidos intelectuales, el rechazo y prejuicio evidentes en los planteamientos anteriores remiten a un pasado colonial anclado en el presente. Consideramos que ha habido dos estrategias discursivas muy potentes al hablar sobre el referido país.

La primera apunta a un intento histórico de aislar Haití, a la vez que se concibe un pasado occidental ‘resentido’, que suele salir a la luz todas las veces que éste aparece en los medios. No hay que olvidar, además, de la imposición a Haití de una deuda con Francia, la que prevaleció durante gran parte de su historia, siendo anulada, finalmente, por el entonces presidente francés Nicolás Sarkozy tras el terremoto de 2010².

² Para más información sobre el “miedo” a Haití, ver: Rahier, Jean. (2001). “‘Mãe, o que será que o Negro quer?’ Representações racistas na Revista *Vistazo*, 1957-1991”. *Revistas Estudos Afro-Asiáticos*. año 23 (nº1), p. 5-28; Ottmar, E. (2010). *Caleidoscopios coloniales: transferencias culturales en el Caribe del siglo XIX*. Madrid, España: Iberoamericana; Hurbon, L. (1993). *El bárbaro imaginario*. Mexico D.F., México: FCE; Popkin, J. D. (2008). “Uma revolução racial em perspectiva: relatos de testemunhas oculares da Insurreição do Haiti”. Rescatado de <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-87752008000100014>.

El segundo punto a destacar, es el silencio y minimización sobre significativos hechos históricos, tales como la Revolución Haitiana, la ocupación estadounidense de Haití por Estados Unidos a principios del siglo XX y la dictadura de los Durvalier.

¿Y la novela?

Rosalía, la infame fue publicada en 2003 en París por la escritora haitiana Évelyne Trouillot sobre el cotidiano de una esclava creol. La novela de Trouillot recrea literariamente el imaginario del Saint Domingue colonial bajo la perspectiva femenina. Esta obra ha tenido una notable recepción de la crítica literaria y ha recibido varios premios. La novela fomenta significativos debates acerca de la invención de la memoria, la representación de la mujer africana y africano descendiente y la ficcionalización de la historia, desde la mirada de una joven esclava. Al mismo tiempo, rescata la narrativa desde las voces doblemente silenciada por el poder y otorga otras versiones sobre los hechos históricos ocurridos en la entonces colonia francesa.

La saga de Lisette está marcada por la tragedia familiar, por muertes, violencia, estupro, pérdidas y varias formas de esclavitud. Sin embargo, su historia no sólo se construye de tragedias, pero también muestra señales de amor, sobrevivencia, revitalización, superación, resistencias colectivas y empoderamiento del colectivo femenino negro.

Rosalía, la infame apunta a una nueva versión de la historia colonial de Haití, a través de la mirada de la protagonista. Este contexto narrado bajo la óptica femenina, otorga un lugar importante a las discusiones sobre la experiencia de las mujeres negras en condición de esclava dentro de los estudios sobre género y esclavitud. En esta línea, destacamos las novelas *Um defeito de cor* (2006) de Ana Maria Gonçalves, *La hoguera lame mi piel con cariño de perro* (2015) de Adelaida Fernández Ochoa, *Beloved* de Toni Morrison, *Tituba, la bruja de Salem* de Maryse Conde, etc.

La historia se desarrolla en el periodo colonial de Haití, donde los eventos se encuentran imbricados con la cotidianidad de los personajes (históricos y ficticios) y cuyo trasfondo histórico es Saint Domingue y sus plantaciones de caña de azúcar, específicamente, en el periodo antecedente a la Revolución. En la narrativa el énfasis dado a este evento es implícito –y considero- como una estrategia significativa de la autora. A continuación, les presentaré algunos de los meritos de la novela y por lo que, les invito a su lectura.

El primero, es el enfoque en el cotidiano de esclavos y amos, en especial en el periodo antecedente a la revolución. Bajo la mirada perspicaz de Lisette, son narrados episodios de la vida de los amos, las relaciones de poder, las opulencias, la crueldad y las exageraciones de una elite colonial alarmada por la incertidumbre y la lejanía de la Colonia, tal como se puede observar a continuación:

Cada día, a la hora de comer, veo que los amos tienen miedo por su manera de verter la bebida en sus vasos, de mantenerlos entre sus manos incluso una vez vacíos, de apretarlos un poco demasiado fuerte y de depositarlos repentina y ruidosamente sobre el mantel. Durante la última comida ofrecida por el amo, su vecino, el señor Villiers, era como de costumbre el más inquieto de todos, el más violento también.

-Es necesario aplicar castigos más drásticos. Y sobretodo no mostrar que tenemos miedo (29).

El segundo, es que la autora propone una relectura innovadora de un periodo colonial que ya había sido narrado por Alejo Carpentier e Isabel Allende. Evelyne entrega una mirada postcolonial al representar literariamente este contexto y con esto, otorga un nuevo sentido. Y lo hace mediante un tono crítico y que todo el tiempo, invita al lector a la reflexión sobre este contexto colonial, pero también remozca las lecturas previas sobre Haití (*El reino de este mundo*; *La isla bajo el mar*; *Changó, el gran putas*; etc). Además, el universo mítico no es tan destacado como en las obras de los autores antes mencionados. Y la figura emblemática de Mackandal asume connotaciones más histórica y política, pues prevalece en el tiempo.

El tercer aspecto, es la representación del barco. Aquí personificado como 'Rosalía, la infame' y que da título a la novela. En la narrativa sobre la esclavitud, el barco es concebido como espacio primario de horror del sistema esclavista. Son desgarradoras las imágenes que ha provocado el binomio barco/mar en el imaginario vinculado a la trata, como bien retrata el dialogo a seguir:

-Cuéntame de *Rosalía la infame*, Abuela Charlotte.

-Primero hubo ese campo como un hoyo inmenso rodeado de empalizadas. Algún día, te prometo, te hablaré de los barracones; algún día, cuando tu necesidad sea

más fuerte que mi miedo de regresar allá, en mi memoria. Hoy no...En el barco descubrí una noche desconocida, sin cielo, sin estrellas, sin brisa, con cuerpos apretados los unos contra los otros, sin amor ni pasión, con olores y gestos desprovistos de toda intimidad, abrazos encadenados y gemidos continuos. Imagina una noche de la cual no puedas contar las lunas, pues sobre ti no hay más que un techo de madera (32).

Sin embargo, la novela sitúa a otro espacio como todavía más nefasto que el barco. Se trata de los galpones donde los esclavizados ‘esperaban’ su destino.

Los barracones fueron para mí el comienzo de la noche, el fin de la libertad. El primer cautiverio, el más feroz, el más irrevocable. Incluso mi cuerpo ya no era mío, no lo reconocía en esta carne adolorida. Mi espíritu me había abandonado, como si hubiera estado en otra parte, observando de lejos este espectáculo. Me veía perdida en las tinieblas en las que me encontraba (83).

Finalmente, considero que *Rosalía, la infame* instala una alteración del rol representativo para las discusiones sobre la historia de la esclavitud desde la mirada femenina, lo que se refuerza en la máxima ‘Mujer negra tiene historia’ (Rufino et. all 1987). Se trata, por lo tanto, de un proyecto ficcional que rescata la historia desde esta perspectiva, y con este fin otorga un rol significativo al sujeto femenino en cuanto mujer y negra. Évelyne al hacerse cargo de un proyecto literario que permite reflexionar desde esta perspectiva, reivindica el rol protagónico de las mujeres negras/africano-descendientes en las diversas camadas de la sociedad tanto a nivel histórico, literario, político, como en cualquier escalón que cumpla en las sociedades. Se concluye, por lo tanto, que la novela evoca un Himno a la libertad de hombres, mujeres y niños todavía en situación de esclavitud en el siglo XXI.

Referencias bibliográficas:

Akassi, Clément Animan y Lavou Zounglo, Victorie (ed.) *Discursos postcoloniales y renegociaciones de las identidades negras*. Perpignan: Presses Universitaires. 2010.

Arty, Daniel. “Haití y la independencia de América”. *Revista Casa de las Américas*, La Habana, en/feb. (1961): pp. 10-30.

Orovio, Consuelo Naranjo. “Los rostros del miedo: el rumor de Haiti en Cuba (siglo XIX)”. En: *Caleidoscopios coloniales: transferencias culturales en el Caribe del siglo XIX*. Ottmar, Ette (eds.). Madrid: Iberoamericana, 2010.

Santos, Daiana Nascimento dos. *El océano de fronteras invisibles*. Madrid: Editorial Verbum. 2015.

Recebido em: 15 de maio de 2017.
Aceito em: 22 de junho de 2017.